



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA**

**SIMONE CONCEIÇÃO DE MOURA RABELO**

**RASPADEIRAS DE MANDIOCA: A MULHER NA PRODUÇÃO DA FARINHA DE  
MANDIOCA, NA VILA DE SÃO JORGE/ IGARAPÉ-AÇÚ/ PA**

**CASTANHAL / PA  
2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA**



**SIMONE CONCEIÇÃO DE MOURA RABELO**

**RASPADEIRAS DE MANDIOCA: A MULHER NA PRODUÇÃO DA FARINHA DE  
MANDIOCA, NA VILA DE SÃO JORGE/ IGARAPÉ-AÇÚ/ PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos antrópicos na Amazônia - PPGEEA, Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, como requisito para obtenção do título de Mestra, em Estudos Antrópicos na Amazônia. Linha de pesquisa: Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais. Área de Concentração: Interdisciplinar.

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Fernandes.

**CASTANHAL / PA**  
**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

R114r Rabelo, Simone Conceição de Moura.  
RASPADEIRAS DE MANDIOCA: A MULHER NA  
PRODUÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA, NA VILA DE  
SÃO JORGE/IGARAPÉ-AÇÚ/ PA. / Simone Conceição de Moura  
Rabelo. — 2022.  
110 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. José Guilherme Fernandes  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, , 1,  
Belém, 2022.

1. raspadeiras de mandioca. 2. mulher. I. Título.

CDD 301.09811

---



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA**



**SIMONE CONCEIÇÃO DE MOURA RABELO**

**RASPADEIRAS DE MANDIOCA: A MULHER NA PRODUÇÃO DA FARINHA DE  
MANDIOCA NA VILA DE SÃO JORGE/ IGARAPÉ-AÇÚ/ PA**

**BANCA EXAMINADORA:**

.....  
Prof. Dr. José Guilherme Fernandes (Orientador)  
Universidade Federal do Pará

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Eula Regina Lima Nascimento  
Universidade Federal do Pará

.....  
Professor Dr. Daniel dos Santos Fernandes  
Universidade Federal do Pará

Dedico essa produção a todas as Mulheres raspadeiras de mandioca, que confiaram a mim seu protagonismo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por conduzir o meu caminhar. Sem Ele nada é possível.

À minha mãe, que sempre me encorajou nessa caminhada, mesmo diante dos desafios enfrentados e por seu exemplo de ousadia e coragem diante da vida, que sempre me inspiraram pra que eu não desanimasse diante dos obstáculos. Obrigada por tudo;

Ao meu companheiro e amigo João Ramos, pelo incentivo, apoio e orientações acadêmicas pertinentes e fundamentais para o parimento deste trabalho científico. Serei eternamente grata por tudo;

Aos meus amados filhos Eduardo e Eduarda, por me oportunizarem em desenvolver o melhor papel destinado a uma mulher: Ser Mãe. Obrigada pelo incentivo, motivação e carinho nos momentos de angustia. Com vocês tudo se torna possível;

Ao mais novo membro da família, meu neto Dom, que veio como uma luz no momento de muitas incertezas. Obrigada meu amor com você a vida se torna mais leve;

Ao amigo Izael Gama, que sempre se disponibilizou em ajudar nos momentos que precisei. Obrigada amigo, pelo incentivo e pelas palavras benditas nas horas de angustia;

A amiga maravilhosa Prof. Dr<sup>a</sup> Eula Nascimento pelo apoio incondicional, obrigada por suas valorosas orientações acadêmicas e incentivo, pois foram fundamentais para me energizar nos momentos de desânimo;

Ao meu orientador José Guilherme Fernandes, que direta e indiretamente, colaborou na execução desse trabalho. Obrigada professor pelas orientações pertinentes e desafios que nos conduziram rumo ao desconhecido, ao novo;

Aos sujeitos que fazem o Collins, obrigada pelos momentos de socialização vivenciados no grupo, que possibilitaram o aprimoramento de nosso conhecimento para a escrita dissertativa e para a vida;

Aos amigos e amigas da turma de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazonia (PPGEAA), obrigada por todos os momentos vivenciados.

A coordenação e aos discentes do PPGEAA pelo apoio e conhecimentos compartilhados;

A nossa querida Loura (servidora de apoio), pela escuta nos momentos de aflição entre um cafezinho e outro e que nos tratou com tanto carinho ao longo das disciplinas ministradas no espaço do programa;

A todos que direta e indiretamente contribuíram para o êxito desse trabalho; A todas e todos os meus sinceros agradecimentos.

*Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.*

*Simone de Beauvoir*



## RESUMO

O presente trabalho resulta da investigação sobre mulheres na produção tradicional da farinha, com ênfase na raspagem da mandioca, atividade efetivada prioritariamente por pessoas do sexo feminino. A singularidade do papel destas mulheres que vivenciam essa experiência despertou o interesse por investigar essa temática. Estudo de abordagem qualitativa (MINAYO, 2001), norteado pela pesquisa de campo (LAKATOS; MARCONI, 2003). Investigação mobilizada pelo seguinte questionamento: Qual a importância e a relevância do papel das mulheres raspadeiras de mandioca no exercício de seus fazeres e saberes? Temos como objetivo geral: investigar o trabalho das mulheres raspadeiras de mandioca na Vila de São Jorge, Igarapé-Açu – Pará, identificando o perfil das mesmas; as condições de trabalho; as implicações e inferências do trabalho dessas sujeitas na comunidade. Dialogamos com conceitos e autores como: Decolonialidade (MIGNOLO, 2017), Mulher (BEAUVOIR, 1967), Antropia (FERNANDES; RAMOS, 2020). Temos como lócus a Vila de São Jorge, município de Igarapé-Açu, Nordeste Paraense. A produção dos dados foi realizada via os respectivos instrumentos: entrevistas semiestruturadas pautada nas histórias de vida; caderno de campo, visitas aos espaços de produção e registros imagéticos. Foram entrevistadas 6 (seis) mulheres, na faixa etária entre 21 a 60 anos, com base nos seguintes critérios: ser mulher raspadeira de mandioca, ter essa atividade como principal fonte de renda. O resultado da investigação aponta para ampliação do debate acadêmico sobre saberes e fazeres tradicionais, elucidando as relações estabelecidas no espaço de produção, o protagonismo, a resistência de mulheres em seu ofício. A necessidade urgente de políticas públicas voltadas a esse público feminino, em especial as raspadeiras de mandioca.

**Palavras-chave:** Mulher; Produção tradicional; Raspadeira de mandioca.

## ABSTRACT

This paper is the result of research on women in the traditional production of manioc flour, with emphasis on the scraping of cassava, an activity carried out primarily by women. The singularity of the role of these women who live this experience aroused the interest to investigate this theme. This is a qualitative study (MINAYO, 2001), guided by field research (LAKATOS; MARCONI, 2003). Investigation mobilized by the following question: What is the importance and relevance of the role of women cassava scrapers in the exercise of their skills and knowledge? We have as a general objective: to investigate the work of women scrapers of cassava in Vila de São Jorge, Igarapé-Açu - Pará, identifying their profile; working conditions; the implications and inferences of the work of these subjects in the community. We dialogued with concepts and authors such as: Decoloniality (MIGNOLO, 2017), Woman (BEAUVOIR, 1967), Anthropy (FERNANDES; RAMOS, 2020). Our locus is the Vila de São Jorge, municipality of Igarapé-Açu, Northeast Paraense. The production of data was carried out via the following instruments: semi-structured interviews based on life stories, field notebook, visits to the production spaces, and image records. Six (6) women were interviewed, between 21 and 60 years old, based on the following criteria: being a woman manioc scraper, having this activity as the main source of income. The result of the investigation points to the expansion of the academic debate on knowledge and traditional practices, elucidating the relationships established in the production space, the protagonism, the resistance of women in their trade. The urgent need for public policies aimed at this female audience, especially for cassava scrapers.

**Keywords:** Women; Traditional production; Cassava scrapers.

## ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1, 2.....	14
Fotografia 3.....	17
Fotografia 4, 5 .....	54
Mapa 1.....	56
Fotografia 6 .....	57
Painel 1.....	58
Quadro 1.....	68
Fotografias 7, 8, 9.....	74
Fotografia 10 .....	76
Fotografia 11 .....	77
Fluxograma 1 .....	79
Fotografias 12, 13, 14, 15 .....	81
Fotografias 16 .....	82
Fotografia 17 .....	82
Fotografia 18 .....	83
Fotografia 19 .....	84
Fotografia 20 .....	85
Fotografia 21 .....	86
Fotografia 22.....	87
Fotografia 23.....	88
Fotografia 24, 25 .....	91
Fotografia 26, 27 .....	92
Fotografia 28 .....	95
Fotografia 29, 30.....	97
Quadro 2 .....	98

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

- EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
- NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
- PPGEAA - Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia.
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.
- UFPA - Universidade Federal do Pará.

## SUMÁRIO

<b>I INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 Raspadeiras de mandioca: esclarecer caminhos para renovar sentidos do espaço de pesquisa .....	14
1.1.1 Raspadeira de mandioca: esclarecer sobre foco, lócus e motivação da investigação.....	17
1.1.2 Raspadeira de mandioca: esclarecer objetivo geral, objetivos específicos, lócus, dialogo teórico, a organicidade do trabalho.....	22
<b>CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>25</b>
1.1 O potencial da produção da mandioca no Brasil e no nordeste paraense.....	25
1.2 Em torno da invisibilidade dos saberes tradicionais: O perverso processo de modernização da atividade mandioqueira.....	28
1.3 O papel cultural da mulher e as relações de gênero constituídas historicamente.....	33
1.4 A mulher e o fazer farinha nas comunidades tradicionais.....	43
<b>CAPÍTULO 2 - À GUIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>54</b>
<b>2.1 Histórico do município de Igarapé-Açú.....</b>	<b>55</b>
2.2 Localização Geográfica.....	56
2.3 A vila de São Jorge.....	57
2.4 Procedimentos metodológicos.....	61
2.5 Ferramentas utilizadas na coleta de dados .....	66
<b>CAPÍTULO 3 - ANTROPIZAÇÃO DA MULHER RASPADEIRA DE MANDIOCA.....</b>	<b>67</b>
3.1 Raspadeiras de mandioca: Perfil das mulheres.....	67
3.2 Raspadeiras de mandioca: Saberes e fazeres .....	74
3.2.1 Etapas do processo produtivo da Farinha de forma tradicional.....	78
3.3 Saberes e fazeres corporificados em uma farinhadas.....	89
3.4 O lugar do trabalho da mulher raspadeira de mandioca.....	94
<b>CONSIDERAÇÕES</b>	
<b>GERAIS.....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>
<b>APENDICES.....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>121</b>

## I INTRODUÇÃO

### 1.1 Raspadeiras de mandioca: esclarecer caminhos para renovar sentidos do espaço de pesquisa



Fotografia 1: Raspadeiras de mandioca (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).



Fotografia 2: Raspadeiras de mandioca (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

Os registros imagéticos desvelam uma etapa do processo de produção da farinha de mandioca de forma tradicional, uma matéria prima de fundamental importância como fonte de alimentação do povo brasileiro e em especial da população Amazônica (PICANÇO, 2018), demonstrando de forma poética a rotina de um retiro e ou casa de farinha, denominação dos espaços de produção de farinha no nordeste Paraense.

As imagens descortinam as mulheres, protagonistas no ato da produção da farinha, imbricadas as técnicas, as tecnologias envoltas neste cenário. Contexto que me faz recordar, quando na infância acompanhava minha avó aos retiros e vivenciava essa realidade retratada, típica da Amazônia paraense que envolve a cultura da mandioca. Nesse cenário tradicional das farinhadas são produzidos para além da farinha, outros derivados da mandioca, principalmente o tucupi e a goma, que são ingredientes singulares da culinária paraense, como exemplo: o tacacá.

A cultura da mandioca em seu processo produtivo vai desde a escolha da terra para o plantio, até a comercialização do produto final, formando uma cadeia produtiva que:

São a soma de todas as operações de produção e comercialização que foram necessárias para passar de uma ou várias matérias-primas de base a um produto final, isto é, até que o produto chegue às mãos de seu usuário, seja ele um particular ou uma organização (VIAL *et al.*, 2009 apud BATALHA, 1997)

As técnicas e tecnologias aplicadas na cadeia produtiva tradicional da mandioca são predominantemente manuais, na qual é impressa a força de trabalho, bem como o envolvimento das famílias, dos vizinhos, de pessoas da comunidade, com saberes e fazeres oriundos da tradição intergeracional. Logo observa-se uma dinamicidade, com participação de pessoas de diferentes idades que colaboram para o andamento do processo produtivo.

Para o desenvolvimento desse processo produtivo tradicional da mandioca ocorre a divisão do trabalho, que se distancia do viés abarcado pela crítica Marxista, pois é materializado em etapas e ocorre no formato colaborativo envolvendo homens e mulheres.

No âmbito do roçado, geralmente as tarefas que exigem maior esforço físico são realizadas pelos homens, tais como: o preparo da terra articulando queimada; coivara e capina; arrancação da mandioca e finalmente transporte para o retiro. No plantio, as mulheres colaboram com os homens, todos participam conjuntamente.

No âmbito do retiro, quando da chegada da mandioca, tem-se a primeira etapa da produção da farinha, tarefa estritamente feminina, à qual se debruça essa produção teórica, na qual as mulheres ficam a postos para iniciar a limpeza da *Manihot Esculenta Crantz*, nome científico da raiz.

Esse aspecto é afirmado na fala da senhora Francisca, uma das colaboradoras, quando pergunto o porquê da hegemonia da mulher na raspagem da mandioca: *Mana porque os homens não gostam de raspar não, pode vê não tem nenhum homem no retiro. A não ser o marido da menina ali, que vai ajudar, só ele*, ou seja, culturalmente, a exclusividade da mulher para o desempenho dessa atividade foi se tornando um traço identitário forjado intergeracionalmente, onde as mulheres reproduzem conhecimentos vivenciados por suas mães, avós, bisavós; bem como, exercem responsabilidades destinadas prioritariamente às mulheres como a prática de tirar o tucupi, a goma, fazer o pé de moleque, o beiju dentre outras iguarias. Dificilmente são observados homens fazendo esse trabalho, se o fizer é caracterizado como colaboração.

Na cadeia produtiva identificamos a existência de processos interrelacionados no que tange ao âmbito do roçado e ao âmbito do retiro, nesse sentido o trabalho das mulheres na limpeza da mandioca tem um papel fundamental, pois a qualidade do produto final dependerá da

eficiência, habilidade, agilidade e competência técnica dos saberes e fazeres mobilizados no trabalho implementado por elas.

Diante do exposto, observa-se na cadeia produtiva tradicional da mandioca, que esse trabalho tem um papel singular na vida das mulheres, como também nas suas vivências, no tocante a dimensão social, econômica e cultural.

No âmbito social, o ambiente de trabalho constitui-se espaço de socialização, no qual são estabelecidas malhas (INGOLD, 2012) de relacionamentos, de convivência humana para mobilização de técnicas, saberes e fazeres.

No âmbito econômico, garante geração de trabalho e renda, fonte de sobrevivência para as mulheres trabalhadoras, pois tanto produzem para a sua subsistência, como também para o mercado.

No âmbito cultural, favorece a manutenção do conhecimento tradicional, dos saberes e dos fazeres repassados entre gerações, na forma intergeracional, fortalecendo laços de convivência humana.

Nesse sentido, constata-se que nas dimensões sociais, econômicas, culturais as relações estabelecidas são impulsionadas por saberes, fazeres, sentimentos e necessidades, pois na convivência “laços são estabelecidos, e mais, práticas são criadas, e destas advêm formas de sociabilidade, que são desenvolvidas para suprir os aspectos que fazem este grupo permanecer unido” (KROIN, 2019, p. 163), contribuindo dessa forma com a antropização, pois à medida que desenvolvem seu trabalho promovem também mudanças no ambiente no qual estão inseridas.

Em suma, o processo produtivo que move a produção tradicional da farinha, particularmente, o trabalho das mulheres na raspagem da mandioca, gera formas de antropia, pois é constituído por pessoas e grupos que se relacionam e transformam o meio em que vivem através de suas intervenções (FERNANDES; RAMOS, 2020).

No diálogo com os autores, reafirmamos que nesta produção, concebemos o conceito de antropia como resultado da transformação do ambiente em razão das práticas laborais movidas pelas necessidades e determinadas por valores éticos do grupo social envolvido, influenciando na forma de sociabilidade perceptível nas relações humanas estabelecidas nos ambientes das casas de farinha tradicionais.

Nessa perspectiva, a antropia é compreendida como resultado das relações sociais, econômicas, culturais incorporados na cadeia produtiva da farinha, que perpassa pela convivência



entre pessoas, extração da matéria-prima, no caso a mandioca; transformação da matéria-prima em seus derivados e na comercialização final do produto. Neste estudo destacamos o papel singular das mulheres raspadeiras de mandioca.

### 1.1.1 Raspadeiras de mandioca: lócus, foco e motivação da investigação



Fotografia 3: Vista aérea da Vila São Jorge (Autor: Zottolo, Raul, 2022).

Nesse trabalho de investigação científica temos como *lócus* da pesquisa a Vila de São Jorge, localizada a 18 km, do município de Igarapé-Açu, situada no nordeste paraense, no registro imagético acima temos uma visão aérea da geografia da comunidade.

O foco são as mulheres raspadeiras de mandioca, da respectiva localidade, tendo em vista a singular participação das mesmas no processo produtivo tradicional da farinha, que se materializa a partir de seus saberes e fazeres herdados historicamente de seus ancestrais, constitutivos fundantes de suas vivências.

A percepção da mulher na raspagem da mandioca, em minhas memórias, teve início na infância e por isso mesmo, trazemos momentos que colaboraram para o despertar da curiosidade epistemológica (FREIRE, 1987), imbricados em momentos de minha vida: na infância e adolescência, com minha avó; na fase adulta, ao constituir família; na graduação, quando bolsista da iniciação científica no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal

do Pará (UFPA) e na Pós- Graduação, no Programa Estudos Antrópicos da Amazônia (PPGEAA) da referida Universidade, Campus Universitário de Castanhal-Pa.

Na fase da Infância, por ser residente de nascimento dessa comunidade e neta de tacacazeira, a realidade das casas de farinha fazia parte da minha vivência. Nessa fase da vida, acompanhava minha avó nos espaços de produção da farinha<sup>1</sup>.

Ela, mulher, tacacazeira, mãe e avó era quem artesanalmente tirava o tucupi e a goma para fazer um delicioso tacacá, com o jambu colhido, geralmente, nas proximidades do retiro, fruto da terra fofa e adubada com a casca apodrecida da mandioca. Era dela, da Dona Petinha, o melhor tacacá do lugar. Sem possibilidade de esquecer!

Lembro ainda do cenário e dinamicidade que moviam as farinhadas, onde mulheres, homens, crianças, conjuntamente se envolviam em torno desse acontecimento, garantindo a agilidade, qualidade do produto final, a farinha: era farinha de coco, de tapioca, farinha d'água e farinha seca, além de tapioca, beiju, pé-de-moleque e muito mingau de mandioca mole. Uma FESTA!

A raspagem da mandioca era sempre feita pelo sexo feminino, para além das mulheres, nós enquanto crianças, naquele momento divertido, nos envolvíamos nessa tarefa culturalmente reconhecida na comunidade. As atividades aconteciam com naturalidade e as crianças vivenciavam tudo como forma de brincadeira, com viés intergeracional.

O exercício colaborativo, de raspar mandioca, carregar vasilha, peneirar a goma, que brincadeira, quantos aprendizados, que festa animada! Não havia cobrança por parte das pessoas adultas. Tudo era uma grande diversão, o que nos mostra que:

Nem toda criança que se relaciona com o trabalho o fazem de maneira degradante, limitadora do gozo da infância ou como imperativo de sobrevivência, o entendimento da categoria trabalho não se limita a concepção burguesa, que prima pela produção de valor de troca.

O trabalho também pode ser enxergado, em sua natureza humanizante, elemento pelo qual homens e mulheres se fazem enquanto espécie produzem transmite e transformam sua cultura em uma intensa relação com a natureza (CRUZ; RAMOS, 2017, p. 73).

Essa concepção de trabalho ampliada, edificante, colaborativa, lúdica, formativa das comunidades tradicionais se distancia da compreensão de trabalho degradante, opressor,

---

<sup>1</sup> Espaços típicos de produção da farinha no nordeste paraense, denominados tradicionalmente de casa de farinha ou Retiro. Na comunidade pesquisada o termo Retiro é mais utilizado pelas pessoas.

excludente da sociedade capitalista e colonialista. Nesse contexto, observamos que existem processos pedagógicos nos espaços de produção tradicional, pois o ato do trabalho como princípio educativo (CRUZ; RAMOS, 2017), estava materializado nas relações estabelecidas entre pessoas adultas e crianças, não havia pressão para que as crianças trabalhassem, as crianças ajudavam suas mães, mas também brincavam, como afirmam os autores acima mencionados.

Nesse sentido, no ato de colaborar com seus pais, as crianças vivenciavam processos de ensinar e aprender, inclusive numa perspectiva intergeracional. O brincar também se traduzia em aprendizados, ou seja, os saberes tradicionais eram apreendidos com naturalidade a partir das práticas que eram vivenciadas no cotidiano, seja em forma de brincadeira ou de colaboração.

Rememoro que nesse período histórico, ainda não havia Estatuto da Criança e do Adolescente que atualmente, proíbe a exploração do trabalho infantil na sua forma degradante. O que se percebe de mudança nessa trajetória é que, devido ao Marco Legal nº13.257/2016 de proteção à criança e do adolescente, o Estatuto da Criança e do Adolescente garante os direitos da Infância mediante o estabelecimento da proteção ao infante. Frente a essa premissa legal, ao longo das visitas feitas a campo, não constatamos a presença de crianças. E isso também aparece nas falas das sujeitas entrevistadas como veremos ao longo do texto.

Tradicionalmente naquele momento histórico, o que fazíamos no retiro não se configurava como trabalho infantil. Hoje entendo que os momentos ali vivenciados eram processos de formação, de aprendizado. Até aos nove anos experenciei essa rotina, pois quando minha avó faleceu me distanciei dessa realidade, mas quando passava nos retiros visibilizava sempre a imagem da mulher na raspagem da mandioca.

Na fase adulta, ao constituir família, meu companheiro, tinha na agricultura familiar um dos meios de sobrevivência. Rememoro que havia uma casa de farinha no quintal, e a presença da mulher era muito forte na raspagem da mandioca, minha sogra por exemplo, apesar de atuar na escola local, denominada São Jorge, como serviço de apoio, nas horas vagas trabalhava no retiro raspando mandioca, as vezes entrava pela noite, fazia uma pausa para o descanso noturno e iniciava pela madrugada, juntamente com outras mulheres. Com minha pouca experiência, às vezes, trabalhava nessa atividade, mesmo com menor agilidade e conhecimento.

Ao ingressar na Universidade Federal do Pará, na condição de acadêmica, no Curso de Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, fiz parte, como bolsista da Iniciação Científica,

do grupo de pesquisa do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), no programa SHIFT<sup>2</sup> sócio-econômica, responsável pelo subprojeto intitulado *Análise e documentação visual das técnicas e tecnologias agrícolas dos cultivos tradicionais na comunidade de Nova Olinda-Igarapé-Açu, nordeste paraense*, objetivando analisar o processo e a dinâmica de implementação das técnicas e tecnologias agrícolas, através da documentação visual dos cultivos tradicionais nesta comunidade, direcionando atenção para o sistema de corte e trituração da capoeira.

A pesquisa versava sobre os impactos das inovações tecnológicas para queima e corte da capoeira na agricultura familiar. O resultado do estudo demonstrou que o método tradicional de queima da capoeira tinha uma logística própria de organização, na dinâmica da agricultura familiar, constituindo-se como momento em que a família, os vizinhos se reuniam em torno desse trabalho coletivo, no qual socializavam conhecimentos.

Um outro resultado relacionado ao método tradicional revelou o cuidado necessário para que o fogo não invadisse o roçado vizinho, no final todos os envolvidos festejavam o sucesso da queima. Constituíam-se como momento tradicional e nesse sentido ultrapassar essa tradição implicaria no romper com momentos significativos para a vida dessas famílias e de toda a comunidade. Os princípios da tradição, da colaboração existentes na dinâmica da agricultura familiar são semelhantes aos processos que envolve a cadeia produtiva da cultura da mandioca.

Esses princípios foram identificados nas comunidades pesquisadas: Cumaru e Nova Olinda. Ambas localizadas no município do qual sou oriunda, Igarapé-Açu, gerando como produto o trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais, intitulado: “Agricultura Familiar: Do rudimentar às inovações tecnológicas na comunidade de Nova Olinda-Igarapé-açu- nordeste paraense” (2005).

Durante a pesquisa os princípios foram visibilizados na produção de dados com as famílias de agricultores da comunidade de Nova Olinda, no município de Igarapé- Açu. Pela natureza do trabalho etnográfico, tivemos uma vivência de dois anos, entrando em contato com espaços tradicionais da cadeia produtiva da mandioca, no qual constatei a participação da mulher no processo produtivo de cunho familiar, pois participavam das atividades produtivas, no roçado no período de plantio, onde toda a família se mobilizava para tal, pois “além de fazerem todas as

---

<sup>2</sup> Studies of Human Impacto on Forests and Floodplains in the Tropics. Comumente chamada de SHIFT capoeira. Implementado através da cooperação bilateral entre Ministério de Ciência e tecnologia da Alemanha e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), tendo como executores a EMBRAPA Amazônia Oriental, Universidade de Bonn e Universidade de Göttingen na Alemanha e Universidade Federal do Pará.

atividades no âmbito da casa, elas ainda ajudam os homens no período de plantio, colheita e no processamento da mandioca, prioritariamente na raspagem, as idas e vindas aos igarapés e poços é também encargo das mulheres” (RABELO, 2005, p. 41).

Esse dado constatado na pesquisa, ainda é perceptível na Vila de São Jorge com as mulheres que trabalham na produção tradicional da farinha, pois para além do trabalho na raspagem da mandioca as mulheres assumem papéis determinados culturalmente, como mãe, esposa, cuidadora do espaço doméstico sempre na condição de responsáveis.

Diante do exposto, observamos que a mulher no processo produtivo da farinha de forma tradicional, tem papel relevante, principalmente na raspagem da mandioca, entretanto, elas são colocadas na condição de invisibilidade, não sendo reconhecidas na sua plenitude.

Na busca por trabalhos científicos que retratassem a mulher na produção da farinha, identificamos que elas são apenas citadas, não sendo atribuída à figura feminina a devida importância no seu protagonismo, o que as tornam invisibilizadas e excluídas no meio acadêmico, na sociedade e na própria comunidade em que desenvolvem esse trabalho.

Não se percebe preocupação do poder público com essas mulheres, pois não existem leis trabalhistas e políticas públicas direcionadas a elas, bem como a população do campo, incluindo crianças, pessoas jovens, adultas e idosas.

Inexistem, historicamente, projetos, programas capazes de possibilitar condições de trabalho dignas, que lhes garantam qualidade de vida. Ressaltamos que na comunidade em questão, não há uma associação que possibilite garantia de direitos e melhor acesso aos seus direitos constitucionais.

Há uma ausência de respeito ao papel dessa mulher raspadeira de mandioca, que foi construído historicamente, no âmbito social, acadêmico sobre essas sujeitas que desenvolvem esse importante trabalho no processo de produção da farinha de mandioca, contudo identificamos um empoderamento delas com relação ao que fazem, e isso é perceptível nas falas que veremos ao longo desse texto.

A situação assim exposta, faz emergir um intenso debate acerca da produção de conhecimentos, o que nos remete ao pensamento de Daniel Mato (2008), o que menciona que a diversidade de práticas em diferentes contextos promove distintos conhecimentos, o que é positivo do ponto de vista de que nenhum saber é superior a outro, ou a outras formatações epistêmicas de distintos olhares.

O reconhecimento da existência de saberes diversos reforça a negação da tentativa de padronização das relações sociais, econômicas e subjetivas dos povos, o que segundo Mignolo (2008) é o que garante a independência social, epistemológica e de poder desses povos.

Nesse sentido o processo decolonial possibilita o protagonismo dessas sujeitas tornando-as perceptível para a sociedade local e mundial, pois:

Objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação absoluta de todos os tipos de opressão e dominação, ao articular interdisciplinarmente cultura, política e economia de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial (REIS; ANDRADE, 2018, p. 3).

Partindo dessa perspectiva decolonial (MIGNOLO, 2008), de privilegiar os elementos epistêmicos locais é que na condição de Mestranda do Programa de Pós-graduação em estudos Antrópicos na Amazônia<sup>3</sup> (PPGEA) tenho o desafio de realizar um estudo investigativo sobre as mulheres raspadeiras de mandioca da Vila de São Jorge, objetivando buscar resposta para o seguinte problema de pesquisa: **Qual a importância e a relevância do papel das mulheres raspadeiras de mandioca no exercício de seus fazeres e saberes?**

Nessa perspectiva acima apresentada e da consciência de sabermos a importância de conhecermos as ações antrópicas que constituem as diversas realidades amazônica, é que direcionamos atenção ao nordeste paraense, mirando o olhar pautado na mulher que trabalha na produção da farinha de mandioca, em específico as raspadeiras de mandioca, que habitam na vila de São-Jorge, km 18, localizada no município de Igarapé-Açu/PA.

### **1.1.2 Raspadeira de mandioca: esclarecer o objetivo geral, os objetivos específicos, o lócus, o dialogo teórico e a organicidade do trabalho**

O trabalho aqui, intitulado “As raspadeiras de mandioca: a mulher na produção da farinha de mandioca na Vila de São Jorge, Igarapé-Açu, nordeste Paraense” se apresenta da seguinte forma:

#### **Objetivo geral:**

Investigar as potencialidades do trabalho das mulheres raspadeiras de mandioca na Vila

de São Jorge, Igarapé-Açu – Pará.

**Objetivos específicos:**

- a) Identificar o perfil da mulher raspadeira de mandioca nesta comunidade;
- b) Caracterizar as condições de trabalho, a forma como convivem e a rotina diária da mulher raspadeira de mandioca;
- c) Verificar as implicações e inferências do trabalho da mulher raspadeira de mandioca na Vila de São Jorge.

Temos como *lôcus*, a Vila de São Jorge localizada a 18 Km do Município de Igarapé-Açu, nordeste Paraense e a 3 km da Colônia de Hansenianos Santo Antônio do Prata. A Vila surge, principalmente, da necessidade de ponto de apoio para os hansenianos, pois a estrada de ferro tinha um ponto de parada nessa Vila, e também o armazém, denominado “Casa Ramos” que fornecia mantimentos para o leprosário.

Este estudo tem como aporte metodológico a abordagem qualitativa (MINAYO, 2001), norteado pela pesquisa de campo (LAKATOS; MARCONI, 2003), tem como técnica de produção de dados as entrevistas semiestruturadas (MANZINI, 1990).

As entrevistas que foram aplicadas a seis mulheres, com o objetivo de conhecer através de suas narrativas, a rotina de seu trabalho. Na entrevista buscamos traçar o perfil das sujeitas envolvidos na raspagem da mandioca, sendo questionado inicialmente: idade, grau de escolaridade, estado civil, quantidade de filhos, tipo de moradia, carga horária de trabalho, renda mensal, dentre outros aspectos.

Buscamos dialogo teórico com diversos autores, dentre os quais: Beauvoir (1967), referência basilar relacionada a estudos sobre mulher, tratando de forma crítica o papel cultural das relações de gênero que se constituíram historicamente; Mignolo (2017) que fomenta o conceito de decolonialidade, como um caminho para desconstruir verdades universais, baseadas em ideologias eurocêtricas; Fernandes & Ramos (2020), que atentam para o conceito de Antropia; Freitas Cruz & Ramos (2017) para tratar a compreensão de trabalho como princípio educativo; Geertz (1989) onde conceitua cultura como uma teia de significados, Além de: Morin (2000); Sartre (1968); Freire (1987) entre outros que irão servir de suporte teórico para esse trabalho científico.

O trabalho tem uma organicidade composta por três capítulos apresentados da seguinte forma:

Capítulo 1: Tem como objetivo a interlocução com o referencial teórico que tratam sobre o potencial da produção da mandioca no Brasil e nordeste paraense e a temática mulher em sua historicidade e no contexto de produção tradicional. O capítulo é composto dos seguintes subitens:

- 1.1 O potencial da produção da mandioca no Brasil e no nordeste paraense;
- 1.2 Saberes tradicionais: o perverso processo de modernização da atividade mandioqueira.
- 1.3 O papel cultural da mulher e as relações de gênero constituídas historicamente.
- 1.4 A mulher e o fazer farinha nas comunidades tradicionais.

Capítulo 2: À guisa metodológica, situamos o lócus da pesquisa, os desdobramentos da trajetória da pesquisa, os aspectos éticos que validam esse trabalho científico. Está dividido em três subitens:

- 2.1 Histórico do município de Igarapé-Açú.
- 2.2 Localização Geográfica.
- 2.3 A vila de São Jorge.
- 2.4 Procedimentos metodológicos.
- 2.5 Ferramentas utilizadas na coleta de dados

Capítulo 3. Antropização da mulher raspadeira de mandioca, caracterizamos a identidade dessas mulheres raspadeiras de mandioca, realidade e vivências, dividido em 3 subitens:

- 3.1 Raspadeira de mandioca: perfil da mulher.
- 3.2 Raspadeira de mandioca: saberes e fazeres.
  - 3.2.1 Etapas do processo produtivo da Farinha de forma tradicional.
- 3.3 Saberes e fazeres corporificados em uma farinhadas.
- 3.4 O lugar do trabalho da mulher raspadeira de mandioca na Vila de São Jorge.

Na sequência, serão apresentados, as considerações finais e as referências.



## CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 O potencial da produção da mandioca no Brasil e no nordeste paraense

A cultura da mandioca é envolta em mistérios. Na busca de tentativas de explicar sua origem apresentamos o seguinte texto:

[...] certa vez, uma índia teve uma linda filhinha, a quem deu o nome de Mani. A menina era muito bonita e de pele bem clara. Mani [...] -vivia sorrindo e transmitindo alegria [...]. Certo dia, a indiazinha não conseguiu se levantar da rede. O pajé correu pra acudir, levou ervas e bebidas, fez muitas rezas. Mesmo assim [...] nem os segredos da mata virgem, nem as águas profundas[...] evitaram a morte de Mani. [...] Os pais resolveram enterrá-la na oca onde moravam, pois isso era costume dos índios tupis. Regaram a cova com água, mas também com muitas lágrimas [...] passados alguns dias, no local em que ela foi enterrada, nasceu uma bonita planta. [...] a raiz era escura por fora e branquinha por dentro, lembrando a cor de Mani. A mãe chamou o arbusto de maniva, em homenagem à filha. Os índios passaram a utilizar a planta para fabricar farinha e cauim, uma bebida [...] A planta ficou conhecida também como mandioca [...] tornou-se símbolo de alegria e abundância para os índios. (REVISTA XAPURI SOCIOAMBIENTAL, 2016).

A mandioca, tida como mãe da terra, sinônimo de fartura, magia do respeito e do amor que se tem por sua história e todo o mistério que existe em torno dela. Considerando essa explicação para o seu surgimento, compreendemos o grande respeito que se tem por essa cultura nas comunidades tradicionais. Magia cultural transmitida de forma intergeracional, “carrega consigo a simbologia não apenas de mitos indígenas, mas também representa fortemente o conjunto de práticas das populações mais pobres” (XAVIER; LIMA; ANDRADE, 2020, p. 783).

Nessa produção dialogamos com a figura da menina, da mulher na luta, resistindo, resignificando sua existência como retratada na lenda, bem como, com os saberes e fazeres inerentes à cultura da mandioca nas populações tradicionais, especialmente à força da mulher em suas vivências cotidianas no universo da raspagem da mandioca.

Fazendo a ponte entre a explicação mitológica e a historicidade sobre o potencial da produção da mandioca é possível afirmar que:

Historicamente a mandioca protagoniza o papel de principal alimento dos indígenas antes mesmo da colonização. Tornou-se o principal alimento dos navios de tráfico de escravos e também o produto mais popular presente na

alimentação brasileira, entre as diversas relações sociais e econômicas (XAVIER; LIMA; ANDRADE, 2020, p. 783).

Segundo indícios históricos, a mandioca passou a ser cultivada e domesticada possivelmente pelos tupis na bacia amazônica. Com a colonização europeia foi levada pelos portugueses para os continentes Africano e Asiático (HOMMA, 2003), ou seja, a exploração da raiz no Brasil é anterior à chegada dos colonizadores no território brasileiro, como fonte de alimentação entre os indígenas (CONCEIÇÃO, 1976).

A mandioca foi fundamental como suporte na alimentação no período de colonização, em que se edificavam os alicerces de nosso futuro país, pois a “rusticidade da planta, a fertilidade do solo e a facilidade do cultivo propiciavam a obtenção de alimento genuinamente brasileiro, com muito pouco esforço, em toda parte” (Idem, p. 65).

A mandioca se torna um alimento gerador de curiosidade, espanto, preconceito na visão do europeu, nesse sentido:

Nestas partes do Brasil não semeiam trigo nem se dá outro mantimento algum deste reino, o que lá se come em lugar de pão é farinha de pau: está se faz da raiz duma planta que se chama mandioca, a qual é como inhame. E tanto que se tira de baixo da terra, está curtindo-se em água três, quatro dias, e depois de curtida pisam-na ou relam-na muito bem e espremem-na daquele sumo de tal maneira que fique bem escorrida, porque é aquela água que sai dela tão peçonhenta, que qualquer pessoa ou animal que a beber logo naquele instante morre: assim que depois de a terem deste modo curada, põem um alguidar grande sobre o fogo e como se aqueça, botam aquela mandioca nele e por espaço de meia hora está naquela queadura cozendo-se, dali a tiram, e fica temperada para se comer (GANDOVA, 2008).

A chave de leitura desvela o modo de fazer farinha dos nativos no olhar do colonizador sobre a cultura da mandioca, carregado de preconceito, incompreensão, espanto, principalmente devido ao fato que, ao mesmo tempo, poderia ser venenosa, como também fonte de alimentação. O termo farinha foi uma denominação dada pelos primeiros exploradores europeus no século XVI a um produto encontrado no litoral brasileiro entre os índios Tupinambá (VELTHEMI; KATZ, 2012).

No protagonismo da mandiocultura, na história da sociedade brasileira foi fundamental as condições tropicais favoráveis devido a facilidade do cultivo e o baixo custo, possibilitando a grande disseminação no território nacional,

O cultivo da mandioca auferir diversas vantagens à agricultura de subsistência em virtude do baixo custo, da fácil propagação, da tolerância a períodos secos, do alto rendimento produtivo, mesmo em solos de fertilidade baixa, e da sua variedade na culinária brasileira, sendo um alimento popular e de caráter cultural que se faz presente desde o período colonial (Idem, p. 785).

Alimento popular, de caráter cultural, genuinamente brasileiro, contribuiu na alimentação e garantiu a sobrevivência não somente dos nativos, mas também dos colonizadores. Nesse sentido, “Sua importância histórica se estabeleceu através da literatura de cronistas, viajantes e missionários que relataram em suas obras a presença da mandioca” (Idem, p. 784) propiciando a visibilidade positiva, negativa, dessa cultura entre os nativos que assegurava, a mesma, como fonte de alimentação, presente ainda hoje na mesa das famílias brasileira.

Cientificamente a mandioca faz parte da família *Manihot Esculenta Crantz* e, tem grande importância social, econômica, cultural, fonte de alimento, geradora de trabalho e renda às pessoas do campo (BEZERRA, 2009).

Desenvolvida em todo o território brasileiro, se adapta as diferentes condições climáticas, devido a grande quantidade de espécies existentes, mais de 4 mil espécies catalogadas (LEMONS, 2004 apud EMBRAPA, 2003), fator possibilitador da adequação das variedades em solos diferente.

De acordo com Lemos (2004, p. 11), “cada local é recomendado espécies específicas que sejam mais resistentes a determinadas condições climáticas” residindo nessa diversidade o grande potencial econômico, social, provindo dessa cultura.

A cultura da mandioca é desenvolvida em quase todos os municípios brasileiros. A farinha é um dos derivados da mandioca mais consumidos no território (SILVA, 2015). Considerada base da alimentação - feijão com farinha em locais onde o arroz se estabeleceu, “ela permaneceu como um terceiro elemento, dando ligadura aos dois outros” (MACIEL, 2004). A mandioca é também utilizada para “fabricação de bebidas destiladas, conhecidas como cauim, presente na cultura indígena, e tiquira, cachaça encontrada no Maranhão (XAVIER; LIMA; ANDRADE, 2020, p. 784). Nesse sentido é uma cultura genuinamente brasileira, pois, “seu uso sempre se reflete em traços históricos da cultura brasileira” (Idem, p. 784).

As regiões norte e nordeste são as que mais se destacam, tendo em vista a semelhança tanto na forma de produzir, como de consumir. Nas duas regiões existem casas de farinha

tradicional, onde a mão de obra de mulheres e homens é fundamental na realização do trabalho manual (CONAB, 2019).

No Estado do Pará, a mandioca é usada significativamente para a produção de farinha, devido ao hábito cultural de consumo da população local, fazendo com que a mesma seja presença viva na sociedade paraense, fortalecendo a tradição. O paraense, geralmente preserva o gosto de alimentos que tem como base a farinha, como determinante de uma identidade, pois:

A farinha de mandioca está presente tanto nos pratos cotidianos mais simples, quanto nos mais finos e elaborados, além de ocupar lugar de destaque na culinária nacional e mais especialmente, na culinária regional do Estado do Pará, desempenhando em algumas regiões do país relevante papel na construção de identidades culturais (SANTOS; CLAUDINO 2020, p. 360).

A chave de leitura aponta para a relevância histórica, econômica, social desse produto, inclusive na constituição da sociedade brasileira, pois foi fundamental para a sobrevivência ao longo da história. Contudo, percebemos na atualidade conflito na forma de produção da farinha no âmbito da sociedade capitalista, que gera a cisão entre o tradicional e o moderno, relacionada a questão de qualidade e quantidade deste produto, que veremos a seguir.

## **1.2 Saberes tradicionais: O perverso processo de modernização da atividade mandioqueira**

O processo de modernização da agricultura no Brasil tem origem na década de 1950 com as importações de meios de produção mais avançados. No entanto, é só na década de 1960 que esse processo vai se dar concretamente, com a implantação no país de um setor industrial voltado para a produção de equipamentos e insumos para a agricultura. (TEIXEIRA, 2005, p. 23).

De acordo com a chave de leitura acima mencionada, observa-se que historicamente a política de modernização agrícola no Brasil iniciada nos anos cinquenta foi pensada tendo como modelo os ideais capitalistas, logo não atingiu a todos uniformemente, pois:

Vem apresentando resultados diversos dentro da economia agrícola nacional, haja vista que, por vezes, proporcionou uma base de produção familiar tecnificada e moderna e, por outras vezes, estimulou a produção de empresas capitalistas de grande porte, bem como a promoção dos assalariados rurais, ocasionando transformações nos setores comerciais de insumos e do trabalhador rural (LOBÃO; STADUTO, 2020, p. 18).

Diante do exposto, tem-se que a política de modernização agrícola propõe a “mecanização e tecnificação da lavoura” (TEIXEIRA, 2005, p. 22), mas gera problemas sociais, econômicos por não considerar os aspectos socioantropológico de cada região e, “não leva em conta todo o processo de modificação ocorrido nas relações sociais de produção” (Idem, p. 22), desconsidera as diversas realidades que compõe o cenário brasileiro e exclui pequenos produtores que trabalham para a subsistência, ou atendem ao mercado local, desta forma:

Segue os moldes capitalistas e tende a beneficiar apenas determinados produtos e produtores, tendendo a fortalecer a monocultura. Com a modernização ocorre o que vários autores denominam de “industrialização da agricultura”, tornando-a uma atividade nitidamente empresarial, abrindo um mercado de consumo para as indústrias de máquinas e insumos modernos (TEIXEIRA, 2005, p. 22).

Em se tratando da Amazônia brasileira, é necessário compreender que historicamente as políticas públicas pensadas para essa região objetivavam atender a demanda do capital, do mercado externo, daí entender a perversidade com que essas políticas irão impactar internamente o meio, o ambiente amazônico.

Diante desse contexto, observamos que, a ocupação se deu de cima para baixo sem escuta da população, gerando efeitos desastrosos, pois, “se fez em surtos devassadores ligados à valorização momentânea de produtos no mercado internacional, seguidos de longos períodos de estagnação” (BECKER, 2001, p. 137), colaborando para os conflitos e exploração existentes até hoje e contribuindo para uma cultura do não respeito ao tradicional, em todos os sentidos. Não é à toa que se olha para a produção tradicional com inferioridade, relacionando-a à pobreza.

Esse contexto de exploração das riquezas mobiliza as políticas de modernização para a produção agrícola na Amazônia, embasadas pelo modo de produção capitalista que visa a produção em grande escala, lucro, exploração, determinando dessa forma a criação de técnica, de tecnologias de produção que supra essa necessidade do capital.

Os saberes que envolvem as culturas tradicionais vão sendo inferiorizados, por vezes, considerados primitivos, atrasados, frente a essas inovações, sem o mesmo poder de competitividade no mercado. Nesse processo há uma correlação de forças entre o novo e o tradicional. É válido ressaltar que, existe uma luta para que o tradicional não perca espaço no mercado, pois os produtos advindos desses saberes e fazeres, são considerados de qualidade

referenciada.

É necessário entender que essas inovações quando criadas trazem mudanças no modo de viver e de produzir das pessoas, das comunidades tradicionais, mas não geram inovação social para as mesmas, uma vez que não são tecnologias sociais, portanto, não contribuem para melhorias nas condições e qualidade de vida das pessoas ali inseridas (MEDEIROS *et al.*, 2017).

A exemplo, pesquisas feita na comunidade de Nova Olinda e Cumaru de 2004 a 2005, ambas no município de Igarapé-Açu revelaram essa situação, pois a implementação da máquina de triturar capoeira (uma máquina de grande porte) que estava em fase de experimentação, tinha como intenção substituir o modo tradicional de preparo da terra, a queima.

Para além da mudança nos costumes tradicionais, passado o período de experimentação, o agricultor familiar não teria condições de comprar no mercado, ou seja, somente teria acesso a esse equipamento no período de experimentação.

O resultado do trabalho científico comprova o atendimento das demandas do mercado, que visa a lucratividade através da exploração, da exclusão, e ignora as necessidades dos agricultores familiares, desta feita as unidades produtivas tradicionais são excluídas, invisibilizadas.

Esse comportamento do mercado de descompromisso com as necessidades dos produtores tradicionais contribui para graves problemas de ordem social, muitas vezes para o êxodo rural, pois “sabe-se que o êxodo rural ocorre devido à perda da capacidade produtiva, ou à falta de condições de subsistência em determinado local, o que faz com que os moradores rurais busquem, na cidade, novas alternativas de sobrevivência” (MACIEL; JUNIOR, 2014, p. 204).

Produtores que viviam da subsistência com suas roças<sup>3</sup>, muitos deles venderam seus espaços para grandes produtores e os mesmos passaram a ser espaços de grandes latifúndios, com implementação de inovações tecnológicas, almejando atender ao mercado consumidor (RABELO, 2005).

A atividade mandiqueira que antes era voltada somente para a subsistência e mercado local, atualmente, também faz parte do mercado empresarial, com fábricas de produtos derivados desta cultura, como exemplo a farinha, principal produto oriundo da mandioca.

Para atender ao capital, as fábricas de farinhas ganharam espaços no mercado, pois

---

<sup>3</sup> Como são chamados os espaços de cultivo da mandioca consorciadas com outras culturas como milho, jerimum, maxixe, produtos que garantem a subsistência da família direta ou indiretamente.

foram implementadas tecnologias que possibilitaram um incremento no fazer da farinha, como máquinas descascadeira<sup>4</sup>, forno elétrico, com objetivo de maior produtividade, a mão de obra humana foi sendo substituída, o exemplo desta mudança são as casas de farinha do sul e sudeste do País, em maior quantidade nessas regiões.

Nem todos os espaços de produção de farinha acompanharam esse desenvolvimento na lógica do capital. Na Amazônia brasileira, e mais especificamente o nordeste paraense, o tradicional modo de fazer farinha resiste em meio a todas as inovações. A tradição ainda é uma realidade, mantida em algumas etapas do processo produtivo. As casas de farinha tradicionais resistem como espaço produtivo, de sociabilidade, onde as memórias se mantêm viva, como verificamos em:

A casa de farinha é o que podemos chamar de “lugar de memória” no cotidiano dos farinheiros e onde a relação entre as coisas e os homens vai se moldando na prática e nas maneiras de usar ferramentas que ao mesmo tempo em que são marcadas pelo uso humano, também delimitam a ação do homem que tende a se adaptar consciente ou não à estrutura do objeto (ARAÚJO, 2016, p. 338).

Nesse contexto, a antropia compreende uma relação construtiva, haja vista que como afirma Fernandes & Ramos (2020), os indivíduos tomam posse das técnicas e tecnologias tradicionais e as gerenciam conforme as necessidades desejadas para atender as demandas de sobrevivência e do mercado, não se percebe grandes danos ao meio, mas é necessário conhecimento e habilidade na rotina de trabalho dos sujeitos que fazem a farinhada, pois, “é o ‘saber-fazer’, forjado na pratica que leva o mestre da farinha a atuar com segurança no uso desse objeto” (ARAÚJO, 2016, p. 339).

É esse “saber fazer” que dá garantias de segurança no labor tradicional das pessoas envolvidas na mandiocultura, conhecimento forjado ao longo da vida.

Estudos remetem à percepção de que a produção de farinha em comunidades tradicionais ainda resiste, utilizando técnicas e tecnologias tradicionais, onde prevalece o trabalho manual, mesmo diante de determinações do sistema capitalista, gerador de desigualdades, criador de divisões de classes sociais, pois as inovações não alcançam todas as classes uniformemente, gerando unidades produtivas desiguais, com características próprias.

De acordo com pesquisas do SEBRAE (2012), no Brasil existem três tipos de unidades

---

<sup>4</sup> Máquina utilizada para descascar a mandioca, que substitui parcialmente o trabalho das mulheres raspadeiras.

produtivas da mandioca:

a) Unidade doméstica, onde se tem os pequenos produtores, que se utilizam de pouca tecnologia e produtos agrotóxicos, o processo é feito com técnica simples, feito pela própria família, geralmente abastecem o mercado local;

b) Unidade familiar, onde as áreas podem ser pequenas ou grandes, o uso de tecnologias de grande porte, são usadas por agricultores de grande porte, pois utilizam máquinas para aumentar a produtividade e competem no mercado:

c) Unidade empresarial, em que há a contratação de mão de obra de terceiros que é o que o distingue da unidade familiar.

No Pará prevalece, principalmente, Unidade doméstica e Unidade familiar, onde temos tantos agricultores que atendem o mercado local com característica de subsistência e agricultores familiares que se utilizam de inovações tecnológica visando uma produção em grande escala e atingem um mercado maior.

No Pará a produção de mandioca decorre nos 144 municípios, sendo fonte de subsistência. A microrregião Bragantina se destaca entre as principais produtoras de mandioca no estado, formada por treze municípios: Augusto Corrêa, Bragança, Bonito, Igarapé-Açu, Capanema, Nova Timboteua, Peixe-Boi, Primavera, Quatipuru, Santa Maria do Pará, Santarém Novo, São Francisco do Pará e Tracuateua, onde a farinha de mandioca é o principal subproduto. (NOGUEIRA *et al.*, 2021, p. 2)

Nesse sentido, observamos que economicamente, a farinha de mandioca é de fundamental importância no campo, garante o sustento de famílias, tendo em vista que dependem dessa cultura para garantia da sobrevivência.

Dentre os treze municípios que compõe a zona Bragantina, temos o município de Igarapé- Açu onde a farinha se destaca como principal produto, que garante o sustento da família, se caracteriza com unidades produtivas de cunho familiar, uma vez que:

O que a distingue da maioria das formas sociais de produção como familiar é o papel preponderante da família como estrutura fundamental de organização da reprodução social, através da formulação de estratégias (conceitos ou não) familiares e individuais que remetem diretamente à transmissão do patrimônio material e cultural (SAVOLDI; CUNHA, 2010, p. 25).

Para isso existe uma forma de organização, onde há a necessidade de divisão de tarefas



baseadas em gênero. Culturalmente na produção tradicional mulheres, homens possuem papéis específicos que foram herdados de seus ancestrais. Nessa produção, direcionamos a atenção especial a mulher no papel de raspadeira de mandioca, pois observou-se que na comunidade pesquisada as mesmas possuem uma importância determinante na raspagem da mandioca, uma das etapas do processo de produção da farinha, que coincide com as realidades de outras regiões do país.

Em pesquisa bibliográfica feita para fomentar este trabalho, observamos, que independente da região, a raspagem da mandioca é realizada quase exclusivamente por mulheres, a exemplo, em Beribéri no Estado do Ceará.

De maneira geral, as mulheres assumem principal papel nesse processo; a limpeza das raízes ocorre na raspagem: a casca é retirada de maneira totalmente manual” (XAVIER; LIMA; ANDRADE, 2020, p. 786).

Essa pesquisa demonstra o trabalho manual feito pelas mulheres na raspagem da mandioca, como uma etapa fundamental, fato que desvela a relevância da mesma nesse processo produtivo tradicional. Essa discussão detalharemos ao longo deste trabalho investigativo, contudo é necessário conhecer como se constituiu o ser mulher historicamente.

### **1.3 O papel cultural da mulher e as relações de gênero constituídas historicamente**

A visão androcêntrica do mundo é compartilhada por todos, mulheres e homens, e nos passa despercebida, pois tendo sempre estado nela submersos, encaramo-la como natural, universal e imutável (TEDESCHI, 2007, p. 330).

A visão androcêntrica imbricada à forma como o conhecimento foi produzido, naturalizou a supremacia do homem com relação à mulher, e isso foi sendo reproduzido em todas as relações estabelecidas na sociedade. Na contemporaneidade, a invisibilidade da mulher em algumas atividades laborais é uma realidade constante, apesar das muitas conquistas que foram se dando ao longo da história de luta por garantia de direitos.

Esse fato da invisibilidade feminina ocorre por se manterem presas as amarras de uma sociedade patriarcal, sexista, machista e misógina que se mantém viva, materializadas nas atitudes e palavras ofensivas, em atos de violência física, emocional, que ocorrem em ambientes: de trabalho, familiar, social afetando a dignidade da mulher. Resultado de um processo de colonização impresso aos territórios colonizados.

É notório que essa forma patriarcal no trato do feminino, que afeta a dignidade foi se configurando historicamente, pode-se dizer que a colonialidade foi o lado obscuro da modernidade, surgida “com a história das invasões europeias, com a formação das Américas e do Caribe e o tráfico maciço de africanos escravizados” (MIGNOLO, 2017, p. 2), que gerou consequências devastadoras de forma peculiar na vida das mulheres, traços visíveis até hoje.

Nesse cenário, as colônias eram vistas como subalternas, países latino-americanos sofreram com esse tratamento excludente em que o diferente é considerado inferior, pois tiveram sua cultura ignorada (RAMOS, 2012). A tomada de consciência tardia acerca da importância de se cuidar e aceitar compreensivamente o diferente num exercício de alteridade, onde o outro como distinto e completamente exterior, porque outramente outro, deixa marcas indeléveis nos sujeitos e na sua formatação existencial.

Os espaços de poder ainda se mostram impotentes em ponderar em favor de uma convivência simétrica e afirmar-se como autoridade absoluta, sem pautar-se na autoridade e na potencialidade humana à relacionalidade ainda move uma sociedade carregada de injustiças e incompreensões quando se trata dos laços travados com o outro, nesse caso a figura feminina.

Nesse sentido, “o processo de colonização das américas foi entrelaçado à ideia de colonialidade, que se faz presente até hoje, seja na classificação racial/étnica ou no campo dos saberes” (RAMOS; SOUZA, 2020, p. 216). Importa aqui ressaltar que na relação entre mulher e homem travadas nas colônias nada foi simples no trato existencial. O outro é negado em sua exterioridade, a mulher é apresentada de maneira coisificada. Dessa forma, nas:

Colônias a verdade: se mostrava nua; as "metrópoles" queriam-na vestida; era preciso que o indígena as amasse. Como às mães, por assim dizer. A elite europeia tentou engendrar um Indigenato de elite; selecionava adolescentes, gravava-lhes na testa, com ferro em brasa, os princípios da cultura ocidental, metia-lhes na boca mordanças sonoras, expressões bombásticas e pastosas que grudavam nos dentes; depois de breve estada na metrópole, recambiava-os, adulterados (SARTRE, 1968, p. 3).

No diálogo com Sartre, referendamos o nível de crueldade, opressão imposta pelo colonizador. A nativa é objetificada, coisificada (CHAUI, 2000) a qual precisava ser moldada e imbuída de um jeito de ser e viver violador de sua cultura. Nesse cenário, a mulher índia era concebida como coisa, objetificada, fruto de um “discurso machista de alienação erótica que se estende da Europa para todos os países colonizados” (OLIVEIRA; RAMOS, 2020, p. 65).

Na atualidade é perceptível os estilhaços desse comportamento colonial, impactando nos processos sociais, produtivos, culturais estabelecidos na sociedade de maneira objetiva e subjetiva, contribuindo para a inferiorização, a opressão.

A relação estabelecida entre colonizador e colonizado, vai influenciar, na economia, na política, no social e no conhecimento epistêmico, domínios esses, que se inter cruzam, influenciando negativamente todas as relações estabelecidas na sociedade:

La lógica de la colonialidad opera en cuatro dominios de la experiencia humana: (1) económico: apropiación de la tierra, explotación de la mano de obra y control de las finanzas; (2) político: control de la autoridad; (3) social: control del género y la sexualidad, y (4): epistémico y subjetivo/personal: control del conocimiento y la subjetividad<sup>5</sup> (MIGNOLO, 2007, p. 36).

Essa concepção etnocêntrica e androcêntrica que fomenta o processo de colonização foi a base de todas as formas de relação humana que inferioriza, marginaliza o diferente. A igreja terá um papel fundamental para propagação dessa ideologia de negação do outro, através das missões religiosas que se instalaram nos países colonizados. A mesma foi fundante nesse período histórico. No Brasil colônia, a igreja católica, e em especial, os padres jesuítas, tinham a função de educar. Os ensinamentos eram baseados na bíblia, fortaleciam a ideia de sujeição como algo natural (TELES, 1999), as nativas e toda sua cultura começam a serem colonizadas, pois ao olhar do colonizador eram consideradas primitivas, selvagens e inferiores. Era necessário civilizá-las.

A educação tinha como referência a cultura ocidental, uma educação que Paulo Freire (1987) chama de opressora, bancária, tradicional, desde e a quem somará esforços na escritura de uma pedagógica Enrique Dussel (1986). Para esses autores, uma educação usada para tornar a outra subalterna, inferior, não é ética e sequer verdadeira educação. É necessário educar para a liberdade e no intuito de superação de toda e qualquer forma de dominação da outra, dita não civilizada.

Dussel e Freire, autores latino-americano, analisam criticamente essa forma de educação que invisibiliza, oprime e considera a outra marginal e critica a padronização do ensino que desconsidera os aspectos socioantropológicos, constitutivos da existencialidade humana.

---

<sup>5</sup> A lógica da colonialidade opera em quatro domínios da experiência humana: (1) econômico: apropriação da terra, exploração do trabalho e controle das finanças; (2) político: controle da autoridade; (3) social: controle de gênero e sexualidade; e (4) epistêmico e subjetivo/pessoal: controle do conhecimento e da subjetividade.

Faz-se necessário que se considere a dinâmica socioantropológica de cada localidade, para que se conheça e compreenda as ações antrópicas que transitam nessa localidade, já que são relações estabelecidas entre os seres humanos e destes com a natureza gerando modificações que podem ou não ser consciente (SILVA, 2015), portanto devem ser consideradas e respeitadas no processo educativo.

A relação estabelecida entre colonizador e colonizado desconsiderou essa dinâmica e estabeleceu uma relação etnocêntrica que tinha como referência a Europa, gerando a degradação de espaços e o extermínio de populações que habitavam o continente. Os países latino americanos foram vitimizados por essa relação desumana, pois a partir de então toda forma de educar tinha como intenção o controle, dominação.

Nesse contexto, o Eurocentrismo era o ponto de referência, modelo cultural a ser seguido, o diferente dessa compreensão é menosprezado. E, posteriormente eliminado, como afirma Quijano (2000):

La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala societal. Se origina y mundializa a partir de América<sup>6</sup> (p. 342).

Constatamos no diálogo com Quijano, a criação de um padrão de colonialidade que determinou e se mantém vivo, presente fortemente na sociedade contemporânea, refletido nas relações de classes, étnica, racial e nas relações de gêneros.

Partindo desse contexto colonial, constatamos que foi um período marcado pela opressão, dominação do homem sobre a mulher, ocasionando a morte da mulher em uma sociedade em que prevalece ideologias fundamentadas por um sistema patriarcal (OLIVEIRA; RAMOS, 2020).

Ao homem e a mulher são impostos comportamentos específicos, que moviam e movem as relações dos mesmos em todas as esferas da sociedade, criando um padrão de convivência patriarcal que se tornou fortalecido e naturalizado historicamente. Logo:

---

<sup>6</sup> A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Baseia-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular desse padrão de poder e opera em cada um dos planos, esferas e dimensões, materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e em escala societária. Origina e globaliza da América.

A passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade (BEAUVOIR, 1967, p. 21).

Beauvoir desvela os valores machistas que moldam a convivência humana reproduzidos entre gerações e que fortalecem estereótipos inferiorizadores da mulher, como "sexo frágil". Nesse sentido, a identidade do ser mulher, desde a infância, foi se constituindo, submetida a essas inverdades, frutos de um sistema machista, patriarcal em que o homem é considerado o centro, a mulher subalterna, colaborando, até hoje, a um tratamento desigual, embebido de ideias carregadas de preconceitos, geradoras de uma desigualdade no trato entre gêneros, fomentadas no mundo todo, principalmente, nos países colonizados.

Nesse sentido, como afirma Oliveira (2005, p. 102) numa perspectiva ontológica, "A identidade, seria sinônimo de imobilidade, plenitude, de presença, mesmidade que esvazia a possibilidade da alteridade, de um lugar exterior; na medida que não há um fora, a identidade é da ordem do perfeito (téleios) e possui um fim (télos)".

Em Oliveira (2005), identificamos a identidade da mulher abalizada na passividade, na obediência, na aceitação da condição imposta, impressa pelas instituições: educação, igreja, família e sociedade, enquanto negadoras da subjetividade feminina. A mulher obediente ao homem, elemento identificador do sexo feminino.

Surgem questionamentos acerca da dialética como filosofia lógica, colocada como alternativa, de acordo com Oliveira (2005), a dialética moderna, reavalia a identidade, o princípio da contradição e do terceiro excluído, pois, não conseguiu superar a metafísica da identidade como "a famosa polêmica entre Parmênides e Heráclito nas origens da filosofia, em torno da contradição maior de todas as pensáveis, que é o que opõe Ser e o Não-ser" (p. 106).

Para tal, a identidade é a força motriz que nega a subjetividade humana, e coloca o Ser Absoluto, como centro de tudo ora, sendo absoluto nada mais é para além do Ser. "O ser é o ser e o não ser é não ser". Em contrapartida a essa visão ontológica de identidade, Ramos (2012, p. 112), afirma: "A identidade enquanto representação dada *a priori* da subjetividade, ou seja, enquanto manifestante de referências identitárias, metafísica e solipsista, além de partir de uma ideia de ser uma unidade única e universalista, inviabiliza o sonhar o outro e o sonho do outro."

Originariamente, a dialética surge como mediadora do pensamento, expressão linguística, a ação de pensar compartilhado por meio de perguntas e respostas, "o movimento

dialético, ocorre no interior da linguagem, na expressão do pensamento e não é uma representação da dinâmica do ser, dos entes” (Idem, p. 106).

O ingresso da dialética na filosofia direciona atenção, preocupação para com problemas humanos, éticos, políticos, inicialmente com Sócrates que, coloca as certezas em movimento dialógico por meio da oralidade, em seus discursos públicos, possibilitando novas interpretações da realidade.

Esse movimento dialético do pensamento ocidental, que nega o outro requer uma compreensão do humano, que defenda a ideia de uma unidade plural em que a relação é primordial e a identidade se multiplica (RAMOS, 2012).

A diversidade concebida como constitutivo da própria identidade, portanto considera, valoriza a dimensão processual da construção da pessoa em que a unidade transparece ao longo de seu desenvolvimento, desde a concepção a maturidade (CARVALHO, 2000). Para o autor suscitado a problemática da diversidade, da identidade somente é possível de ser construída se feita por:

Pessoas que, em relação a elas mesmas assumam as suas próprias rupturas, os limites de seus estádios evolutivos, no fundo as descontinuidades que a memória e o projeto têm de considerar positivamente no processo de construção dos sujeitos, o qual é, em última instância, o processo de construção de uma identidade complexa em que se cruzam, por seu turno, os processos de identificação, de identização e de especificação (CARVALHO, 2000, p. 49).

Para Woodward (2000), a identidade é relacional, pois depende da outra para existir, marcada pela diferença, pode deixar marcas negativas, porque gera exclusão, mas pode ser enriquecedora, pois:

A diferença pode ser construída negativamente - por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”) (WOODWARD, 2000, p. 39).

Com Woodward (2000, p. 19) compreendemos que, a diferença é marcada por sistemas simbólicos que “fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e

desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados”. Nesse sentido, a interpretação simbólica é subjetiva relacionada aos valores, crenças, que foram sendo apreendidos contribuindo para construção da identidade.

Em Stuart Hall (2006), a identidade é definida historicamente e não biologicamente, distingue três tipos de sujeitos na construção da identidade: *o sujeito do iluminismo*, pautado numa concepção de sujeito unificado; *o sujeito sociológico*, que entende a importância da relação do “eu” com a sociedade para a formação da identidade, o sujeito não é mais unificado, “a identidade nessa visão sociológica preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ entre o mundo pessoal e o mundo público”(HALL, 2006, p. 11).

A relação entre interior e exterior possibilita que a internalização e a externalização de valores culturais, criem *o sujeito pós-moderno*, onde os sujeitos assumem identidades diferentes, em diferentes momentos.

Para Hall (2006, p. 13) o conceito de identidade, “é formado e transformado continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Saímos de um estágio em que a identidade era pautada na razão, enquanto sujeito único, e chegamos ao sujeito pós-moderno, onde o sujeito assume inúmeras identidades, em diferentes momentos.

Na América Latina o movimento colonial deixou marcas profundas de opressão, principalmente nas relações entre mulheres e homens, pois identidades e conhecimentos foram expropriados e novas identidades foram forjadas baseadas em valores eurocêntricos que coloca a Europa como centro de tudo, priorizando a subjetividade masculina, fato esse que molda as relações entre gêneros na sociedade e que fomenta toda a história oficial. Nesse sentido: “A colonização é um processo histórico que valoriza, centraliza a subjetividade masculina europeia, ao tempo que inferioriza duplamente a mulher, mestiça, a mulher colonizada, a mulher indígena e afrodescendente.” (LIMA, 2019, p. 71).

Partindo desse princípio, a identidade da mulher vai sendo moldada culturalmente na ideia e em discursos baseados nessa história oficial, que viola a liberdade da mulher, seu protagonismo, tendo em vista não ser considerada sujeita histórica, pensada, tratada como inferior ao sexo masculino, esse discurso vai se fortalecendo e sendo vivenciado na experiência pós-colonial, pois:

Quando nos referimos a mulheres colonizadas, não pensamos apenas nas mulheres que vivenciaram o período colonial, mas em todas aquelas que, mesmo

vivendo no período posterior à colonização, continuaram e continuam sofrendo as consequências da violência simbólica, cultural e política da colonização sobre seus corpos, suas vidas e seus processos de formação, sentindo o peso do racismo, do patriarcado e da inferiorização imposta às mulheres das antigas colônias europeias no sul da América na África e na Ásia (LIMA, 2019, p. 52).

Neste sentido, identificamos que a subordinação da mulher na sociedade, “além de ser um fenômeno milenar e universal, constitui-se, também, na primeira forma de opressão na história da humanidade” (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 23), que vai sendo fortalecida ao longo da história, na objetividade das estruturas sociais, mas também é força propulsora para movimentos sociais de lutas feministas; na divisão sexual do trabalho que são impressas nas relações de produção, reprodução biológica, social, gerando violência simbólica que concede aos homens o poder de dominação.

Essa opressão é algo tão forte que se torna invisível às próprias vítimas, pois está ancorada no inconsciente (BOURDIEU, 2012), funcionando como: “[...] matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais” (Idem, p. 45).

Em contrapartida a essa matriz, Beauvoir (1967, p. 9) afirma “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, ou seja, a construção, o tornar-se mulher é determinado culturalmente, inicia pelo desmame e vai até a fase adulta, definindo o papel da mulher e suas relações na sociedade. Dessa forma:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

No diálogo com Beauvoir percebemos, que culturalmente a mulher é moldada aos padrões de lógica patriarcal, que introjeta a passividade para aceitação de sua condição. Essa realidade de recalque, com relação ao sexo feminino, que será a força motriz, no movimento de superação da consciência ingênua, para a consciência crítica, no dizer de Freire (1987), despertará na mulher a vontade de lutar por mudança, quanto a essa forma de tratamento.

O despertar da consciência feminina a essa visão de dominação dos homens, de subordinação da mulher se inicia no século XIX, sob a influência da revolução francesa, atrelada



aos ideais de igualdade e com implementação do capitalismo, onde as relações sociais são demarcadas pelas relações de produção, o lucro como força motriz gera mudanças profundas, na estrutura da sociedade. A família deixa de ser unidade produtiva e seus membros passam a vender a sua força de trabalho.

A figura da mulher passa a ser requisitada como força de trabalho produtivo, dentro desse sistema fabril extensivo, bem como a outras demandas da sociedade, tendo em vista ser mão de obra importante na indústria. Em uma época marcada por avanços do sistema capitalista, com relações estabelecidas pautadas na exploração do trabalho humano.

O capitalismo como forma de controle, dominação, exploração para obtenção de maior lucro, estabelece uma relação de opressão como afirma Alvarez (2008) “a luta pela libertação das mulheres é um componente fundamental da luta de todos oprimidos para construir uma nova sociedade (p. 267)”, uma luta por liberdade, direitos, uma vez que no sistema capitalista as relações de gênero moldam as relações mulher/homem, as divisões de trabalhos e os papéis estabelecidos previamente.

Ressaltamos que “a expressão ‘relações de gênero’ procura diferenciar o social do biológico, isto é, parte de uma concepção da construção social da identidade da mulher e do homem” (ALVAREZ, 2008, p. 267), seja nas sociedades modernas ou sociedades tradicionais.

No que tange ao papel da mulher no contexto das relações no sistema capitalista, as mesmas foram subordinadas, inferiorizadas no processo de produção, uma vez que:

Sua passividade e submissão dentro do mundo doméstico, desenvolvida durante uma longa história de subordinação, serão utilizadas para impor-lhe o pagamento de salários inferiores aos do homem e jornadas do trabalho excessivas e insalubres, favorecendo assim a extração de uma mais-valia absoluta ainda maior (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 25).

Costa e Sardenberg apontam no sistema capitalista, a subordinação, negação dos direitos da mulher no exercício da cidadania, na inclusão às leis trabalhistas, à sindicalização. Uma realidade vivificada, historicamente, pelas mesmas e que as movem às lutas embaladas no movimento feminista no Brasil e no mundo, contudo:

Essa luta é muito mais ampla, posto que a opressão e a exploração da mulher também são muito mais amplas, assumindo várias facetas e formas, nem sempre facilmente identificáveis. Suas raízes são sociais e culturais e, portanto, para

erradica-las, torna-se necessário, não só uma transformação social, mas uma verdadeira revolução nos costumes e práticas, uma revolução cultural mundial (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 44).

Essa chave de leitura chama atenção para a luta, para a revolução cultural nos costumes e práticas, face a opressão, no que tange a realidade da mulher a nível local, nacional, mundial, que é desafiadora, mas também motivadora dos movimentos de luta, no seio da sociedade, na mentalidade da própria mulher que, muitas vezes, naturaliza valores movidos por uma visão colonialista impregnada em um sistema conservador patriarcal, que negava e nega a mulher o direito de serem sujeitas de sua própria história.

Importante contextualizar nesse movimento de luta das mulheres, a diferenciação entre sociedades modernas e tradicionais. Para Hall (2006), o que diferencia as sociedades modernas, das sociedades tradicionais é que a primeira sofre mudanças constantes, rápidas, permanentes, envolvidas com a globalização que a coloca frente a frente com o diferente e onde a mulher possui múltiplos papéis, mãe, esposa, administradora do lar, profissionais de diferentes áreas de atuação; enquanto na segunda o passado é reverenciado, os símbolos se mantem vivos, os saberes tradicionais se fortalecem continuamente entre as gerações, a mulher também assume diferentes papéis: mãe, esposa, cuidadora do lar, trabalhadoras, colaboradoras em diferentes espaços.

Mesmo tendo clareza da diferenciação entre a sociedade moderna e tradicional, ainda é muito forte a ideologia de um sistema patriarcal em que as decisões do homem são determinantes.

Nesse sentido é fato que em sociedades tradicionais os saberes e fazeres, envolvendo o papel da mulher são reafirmados para a posteridade através das práticas intergeracionais, vivenciadas no cotidiano, como forma de dar continuidade ao legado de saberes e fazeres. Por isso que tradicionalmente as crianças participam ativamente das atividades com seus familiares, como parte do processo educativo, formativo.

A perspectiva decolonial pode contribuir, para o exercício de conhecimentos e práticas a serem repassadas imbuídas de outros valores que desconstruam ideias fundamentadas nos paradigmas do patriarcado, geradora de violência de gênero.

Mobilizada por uma lógica decolonial e pela curiosidade epistemológica sobre a mulher nas comunidades tradicionais, necessário se faz um projeto alternativo pautado no protagonismo, capaz de superar a condição desigual que invisibiliza o feminino pois:

Diante de um sistema cuja violência se deve também, ao papel dominante que em sua construção e em sua condução exerceram e exercem os varões, a valorização do ponto de vista e do protagonismo das mulheres se impõe como fundamental para elaboração e realização de um projeto de alternativas não violenta (GIRARDI, 2003, p. 97).

Como afirma Gerardi (2003) o protagonismo das mulheres é uma forma e ou alternativa de mudanças positiva e propositivas, a partir do desvelamento reflexivo de suas vivências cotidianas e suas lutas. Traduzidas e materializadas nas comunidades tradicionais quando as mulheres ultrapassam os quintais de suas casas e vão em busca de sobrevivência; quando saem de madrugada para garantir o sustento da família; quando ocupam espaços importantes, insubstituíveis na produção tradicional com toda sua força, coragem, criatividade, competência, mesmo diante das limitações que as mesmas estão envolvidas, fato esse vivenciado cotidianamente pelas mulheres que trabalham na cadeia produtiva da mandioca e aqui mais especificamente, a raspadeiras de mandioca da Vila de São Jorge, enquanto comunidade tradicional.

#### **1.4 A mulher e o fazer farinha nas comunidades tradicionais**

Embora ao longo das últimas décadas as mulheres tenham conquistado consideravelmente seu espaço no mundo do trabalho, ainda há muito a ser feito. Visto que, infelizmente grande parte do trabalho que realizam ainda está associada a atividades rotinizadas, manuais e repetitivas (FARIAS, 2014, p. 37-38).

Na fala de Farias (2014) é perceptível que apesar das conquistas de espaço no mundo do trabalho, ainda é necessário a continuidade dessa luta pelo respeito e reconhecimento das mulheres em comunidades tradicionais, onde as mesmas desempenham culturalmente papéis fundamentais que garantem a sobrevivência da família exercendo uma diversidade de atividades.

Na fala de uma das entrevistadas é perceptível essa realidade quando perguntada se são respeitadas pelo trabalho de raspadeira de mandioca, a mesma responde, da seguinte forma: “Não, não são. Porque se a gente sair para um canto e a gente disser que é uma raspadeira de mandioca, já olho para cara do outro atrás de rir, né? acham quer é uma vergonha” (ANTONIA, 2021).

Na fala da colaboradora fica explícita que a identidade de raspadeira de mandioca é

concebida pela sociedade de forma preconceituosa, estereotipada, como inferior, como vergonhosa. O riso do outro, aponta para um comportamento excludente, negador do diferente, considerado pelo outro indigno, visto que é embebido de uma ideologia dominante colonialista que se mantém viva na sociedade e que são moldadas por modelos capitalistas de produção que vão na contramão de modelos tradicionais de produção. Comportamentos que são vivenciados, até mesmo, na própria comunidade entre os sujeitos que a vivenciam, violando o respeito pelo outro, dessa forma o exercício da cidadania (DUSSEL, 1986; FREIRE, 1996; HALL, 2006).

O trabalho dessas mulheres, garantem a sobrevivência da família, a geração de emprego e renda, e a produtividade, logo o que fazem é fundamental na cadeia produtiva da mandioca e seus derivados, pois é a partir do seu trabalho que se faz produtos da cultura paraense como: Farinha, tucupi, goma. Produtos que movem a economia local.

Nessa perspectiva, consideramos que a Cultura:

É constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2000, p. 56).

Esse modo de viver tradicional, que compõe um sistema cultural é constituído historicamente, portanto possui particularidades, especificidades, singularidades que vão influenciar no jeito de ser, viver, produzir de determinado território, constituindo identidades locais, que são tão importantes quanto as identidades nacionais, como afirma Hall (2003, p. 73) “As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes”, a exemplo, o trabalho das mulheres raspadeiras da Vila de São Jorge, enquanto identidade local, estabelece uma relação com o meio, desencadeando processos de antropizações (FERNANDES; RAMOS, 2020).

Nesse sentido, possui suas particularidades, saberes e fazeres que foram produzidos e reproduzidos entre gerações e que movem a vida dessas mulheres na dimensão social, econômica e psicológica, perceptível na fala da senhora Francisca (2021):

Para mim eu acho muito bom o meu trabalho, pra mim, eu me sinto muito bem raspando mandioca, eu sinto muita falta quando eu não vou, porque eu me sinto muito bem eu me sinto à vontade, sabe?. É um trabalho que eu faço porque eu

gosto, gosto muito mesmo. Eu gosto de raspar mandioca, tu acredita? (sic).

Na fala da Senhora Francisca é visível o protagonismo da mesma com relação ao seu trabalho enquanto essência de sua vida, o trabalho gera prazer na existência humana dessa mulher, ela gosta do que faz, gera dignidade individual e social. Ressaltamos que a possibilidade de não ir trabalhar provoca sofrimento nessa raspadeira de mandioca e esse sentimento é muito forte também na fala das outras mulheres entrevistadas.

No contexto das falas das Senhoras Antônia e Francisca, é possível dialogar com a dinâmica de cada sistema cultural, nesse caso, o sistema tradicional, para abrandar os preconceitos, o choque entre as gerações, evitando, dessa forma, comportamentos preconceituosos, quando dos risos citados pela senhora Antônia, que fortalecem a ideia etnocêntrica de superioridade. Bem como, afirmar o protagonismo do trabalho presente na vida da senhora Francisca. Existem culturas e “este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir” (LARAIA, 1986, p. 52), um mundo novo cheio de significados e que precisa ser considerado e respeitado os sentidos em seu contexto e a partir dele.

A participação da mulher com seus saberes e fazeres no modo de produção tradicional da farinha de mandioca é uma realidade presente no Brasil, pois existem comunidades que ainda produzem somente para a subsistência como a comunidade São Bonifácio do rio Marau - AM, o trabalho de fazer farinha é feito somente pelas mulheres, aos homens cabem fazer o preparo da terra, o plantio que tem a participação da mulher, e arrancação da mandioca (BATISTA; NASCIMENTO, 2019), a produção é direcionada para o sustento da família, portanto, cabe a mulher a responsabilidade da produção, as tarefas são divididas considerando os papéis direcionados a mulher e ao homem.

Nas comunidades tradicionais que produzem para subsistência, para o mercado, o trabalho de produção da farinha tem a participação, tanto da mulher quanto do homem. Contudo a raspagem de mandioca é feita por elas como veremos em algumas referências pesquisadas.

Na investigação feita por Andrade (2010), sob o título “Casa de Farinha de Dêgo”, na Bahia constatamos que a presença da mulher na produção da farinha se destaca principalmente na raspagem da mandioca:

Esta etapa é majoritariamente praticada por pessoas do sexo feminino. As

mulheres assumem esse papel no processo de produção da farinha. Algumas vezes os homens ajudam, principalmente o dono da plantação e seus filhos, mas ficam por pouco tempo, pois estes vão fazer outras atividades relacionadas a produção da farinha (ANDRADE, 2010, p. 50).

Como resultado do trabalho, observamos, que na etapa de raspagem de mandioca, a participação do homem, se configura como ajuda, sendo fundamentalmente uma atividade laboral destinada à mulher. Dado que demonstra a importância da mesma nesse processo.

Na pesquisa feita por Oliveira (2016), denominada “As relações de trabalho nas casas de farinha de Cuité-PB (anos de 1950-1960), o autor através das fontes orais, constata que na produção da farinha nesse período, é visível a participação da mulher na raspagem da mandioca, quando afirma que:

Um grupo de trabalhadoras se reunia ao redor do amontoado de mandiocas que ficava no centro da casa de farinha, e com a utilização de facas, realizava o trabalho de raspagem... É interessante refletir aqui que esta etapa era efetivada principalmente por um grupo de mulheres, uma vez que as divisões das etapas para a produção da farinha ocorriam a partir do tipo do serviço a ser realizado, na qual os trabalhos que exigiam mais força física eram assumidos pelos homens, enquanto as atividades como a raspagem da mandioca e a tiragem de goma ficavam a cargo das mulheres (OLIVEIRA, 2016, p. 1305).

No estudo é destacada a divisão das etapas para a produção da farinha, sendo a raspagem da mandioca, uma tarefa efetivamente feminina. De acordo com Oliveira (2016), a participação do homem nessa etapa, quando ocorria, se configurava, como ajuda. Como evidenciado no trecho a seguir:

A raspagem da mandioca era demarcada como uma atividade feminina, no entanto, isso não implicava que um trabalhador não pudesse realizar determinado serviço, pois de acordo com alguns relatos, muitos homens também ajudavam a raspar mandioca, principalmente quando se tratava de uma grande quantidade (OLIVEIRA, 2019, p. 1305).

Nos trabalhos científicos de Andrade (2010), Oliveira (2016), Batista & Nascimento (2019), é notória a participação massiva da mulher na raspagem da mandioca, contudo, é perceptível que as mesmas não lhes é atribuído o devido valor por vezes parecem passar despercebidas no âmbito da cultura mandioqueira, tanto para o proprietário dos meios de produção, como pela sociedade, até mesmo, pelo conhecimento acadêmico, que por vezes foca a

atenção ao conhecimento universal e invisibiliza o saber local.

Essas incidências são recorrentes nos estudos, como no caso das mulheres que são consideradas meras sujeitas que compõem o cenário da produção da farinha, contudo sua história de vida, suas lutas cotidianas, a valorização do seu trabalho são invisibilizadas, dessa forma:

Pensar no trabalho realizado pelas mulheres raspadeiras de mandioca é ir além de uma simples atividade realizada para obtenção de remuneração. Essas mulheres carregam consigo a história de uma comunidade, a tradição passada de uma geração a outra, o modo de vida que perpassa a vida de cada uma delas, bem como de seus familiares, parentes, vizinhos. (FARIAS, 2014, p. 32).

A assertiva do autor supracitado, reproduz com veracidade o que representa o trabalho dessas mulheres, gerador de vidas, para além da questão econômica, cultural e social. É necessário que se dê atenção ao protagonismo dessas sujeitas, para que sejam reconhecidas pelo seu trabalho perante a sociedade, academia, poder público, políticas públicas, para que tenham garantia de direito do amparo legal, tendo em vista que, até então se caracteriza como um trabalho informal, pois não existe vínculo empregatício, registros formais, não tem garantias trabalhistas, somente recebem se trabalharem, se adoecerem ficam sem ganhar, como afirma a senhora Antônia (2021): *Com a raspção de mandioca a gente só ganha se trabalhar. Agora no dia que a gente adoecer nós não ganha um centavo, se tiver que passar fome a gente passa fome. (sic).*

A fala da senhora Antônia nos mostra o nível de vulnerabilidade e precarização com que vivem essas mulheres, o trabalho delas não lhes dão garantias trabalhistas, ficam a mercê da sorte e da solidariedade dos outros no momento em que adoecem, como vimos no relato da Senhora Laíde:

Se eu pegar um problema, eu não tô com dinheiro para eu comprar remédio, aí se eu vou ali no posto, as vez não tem a medicação, que eu tô precisando, né? que nem dia que eu fui, o médico me passou uma medicação para mim- **que esse braço também essa junta aqui ela inchou muito, sabe? eu não posso carregar peso nesse braço-** aí eu fui no posto, aí ele (médico)foi, passou a medicação, aí disse: tem aqui na farmácia. Quando saí fui lá, não tinha nenhum. Ai a comadre Cíntia me chamou e o Seu Jorge Moura, aí eu fui lá. Ela disse: Comadre vem do posto? - Que ela é madrinha da minha menina mais nova, de crisma- aí eu disse: é. Foi mostrar exame? Aí disse: foi. O que o doutor falou? Rapaz, me passou uma medicação, aí eu fui lá (Farmácia), mas não tem, está aqui a receita. Ela disse: me deixa eu ver aí. Eu fui dei. Ela foi e disse: vou levar. Eu vou ficar com ela, amanhã eu lhe entrego. Aceita? Eu aceito. Aí ela foi e aí

comprou minha medicação, eu tomei já” (sic).

Os relatos das colaboradoras Antônia e Laíde demonstram ausência da valorização do trabalho das raspadeiras de mandioca, que dedicam parte significativa de sua vida a essa labuta, pois iniciaram na infância. As mesmas não possuem seus direitos legais, garantidos, pois somente são remuneradas ao trabalharem efetivamente. Caso adoeçam não recebem, e o que ganham não é suficiente para comprar remédio e para atender suas necessidades básicas, precisam contar com a solidariedade de pessoas com melhores condições econômicas, ficando comprometido o exercício de sua cidadania. Na comunidade não existe uma associação, um sindicato que congregue o coletivo e defenda seus interesses, ou seja inexistente respaldo legal que lhes garantam seus direitos de trabalhadoras.

Diante dessas realidades, a decolonialidade tem um papel fundamental pois possibilita descortinar vivências marcadas por negação de direitos que foram invisibilizadas pelas histórias oficiais e colonialistas, reforçadas pelos discursos academicista, que invisibiliza e nega o diferente, tornando as relações entre os indivíduos, as pessoas, por vezes, desumana e violenta, naturalizando comportamentos baseados em hierarquias que destroem a dignidade humana e reforça a barbárie.

Nas vivências relatadas, nos deparamos com ato de violência contra a mulher raspadeira de mandioca, mas que se estende a mulheres negras, índias presentes no campo e na cidade no Nordeste Paraense. Essa realidade local de violências contra as mulheres é comum na América latina, resultado de processos coloniais que embasaram e foram constituindo a cultura latino-americana, partindo de um conhecimento científico eurocêntrico, que por vezes nega toda e qualquer outra forma de Conhecimento.

Não se trata de desconsiderar a ciência. O diálogo é necessário, entre o conhecimento científico e o saber local, pois:

Nada impede que este saber possa e deva estar em diálogo com o conhecimento mais universal e científico: algumas vezes estruturando homologias, em possíveis traduções; outras vezes sendo unicamente aplicável à realidade que o produz, pois nem sempre é possível traduzir-se, já que existem limites para a tradução entre culturas e a interculturalidade requer que saibamos que há elemento intracultural em cada saber isolado e posto em contato, que é parte da estrutura do pensamento do grupo social, e isso, muitas vezes, é intraduzível para outro grupo social (FERNANDES; FERNANDES, 2015, p. 132).



Os processos de colonização negligenciaram, invisibilizaram e compartimentalizaram a cultura do colonizado, no âmbito dessa discussão as mulheres, como afirma Fanon (1968), quando assevera que:

O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos. Sem dúvida é supérfluo, no plano da descrição, lembrar a existência de cidades indígenas e cidades europeias, de escolas para indígenas e escolas para europeus, como é supérfluo lembrar o apartheid na África do Sul (p. 27).

Daí a relevância de conhecer realidades outras, que foram subalternizadas, excluídas e oprimidas, como no caso da Amazônia, nordeste paraense e mais especificamente a Vila de São Jorge, que até então possuem saberes e fazeres negligenciados e tratados de forma inferiorizados.

Tendo em vista que todas as atenções externas são voltadas às riquezas materiais que o território disponibiliza, gerando violências e excluindo os sujeitos que as constroem e vivenciam, como mulheres e homens que mantem a tradição no seu jeito de viver e de produzir, mas que nem sempre são reconhecidas(os) e respeitadas(os) pela sociedade. Neste sentido, é necessário romper com as amarras que foram sendo constituídas historicamente, a exemplo a mandiocultura.

Sob esse prisma Geertz (1989) assinala, que ao afirmar a ideia de que a cultura é composta por teias de significados cabe à ciência não uma busca por leis e padronizações e sim uma postura interpretativa desses significados, pois existem alguns saberes que, por algum motivo permanecem resistindo, mantendo a sua tradição, permanecem em sua originalidade, e possuem sua força e sua importância materializadas na vivência de povos, como é o caso das raspadeira de mandioca, mas que são invisibilizadas pelos povos ditos civilizados e pela própria ciência.

Saberes populares, que simplesmente por não acompanharem o que chamam de desenvolvimento, de progresso são caracterizados de atrasados ou não civilizados, que se impregna e se constitui ao longo da história pelo discurso hegemônico do colonialismo, subsidiado e fortalecido pelo conhecimento acadêmico que compõe a ciência moderna, tal como corrobora o texto a seguir:

A ciência moderna também é caracterizada pelo estabelecimento de hierarquias, que definem o que é superior e inferior em termos de conhecimento e cultura. Esse discurso evolucionista é não só naturalizador de desigualdades sociais, como também demarcador de culturas ditas superiores, as europeias, e ditas inferiores, as dos povos colonizados do sul global (LIMA, 2019, p. 56).

Dessa forma, “a ideia de um objetivismo histórico, onde a ciência poderia responder a tudo ou chegar a verdades absolutas, como acreditavam os historiadores do paradigma tradicional ou marxista já não se sustenta” (SILVEIRA, 2007, p. 36). É preciso compreender a história de uma determinada realidade, de uma determinada comunidade a partir de uma perspectiva cultural.

Para Morin (2002), “as ciências trazem certezas locais, mas que as teorias só são científicas, na medida que são refutáveis, isto é, incertas” (p. 94), ou seja, as certezas científicas que fomentavam as teorias marxistas, por exemplo, hoje são refutadas e dão lugar as incertezas, ao inacabamento, ao questionamento, pois o indivíduo e a sociedade possuem a capacidade criativa de transformação pois tem autonomia e liberdade para tal.

É perceptível tentativas de adequar realidades amazônicas que possuem autonomia, criatividade, particularidades culturais a modelos socioeconômicos defendidos por uma política neoliberal que, “Cada vez mais se expande a nível mundial, a partir do fenômeno da globalização, deixa suas marcas de contradição por onde se faz presente, atingindo dimensões que se convertem em situações de injustiça de toda ordem (RAMOS, 2012, p. 180).

Obviamente, essas tentativas rompem com a ideia de multiculturalismo, definido como “a busca de uma comunicação e de uma integração parcial entre os conjuntos culturais separados durante muito tempo, como forma homens e mulheres, adultos e crianças, proprietários e trabalhadores dependentes” (TOURAINÉ, 1997, p. 241) e que conduziu as relações humanas a um caminho dolorosamente desumano, ao colapso, gerando desigualdades, competições, destruições, violências, numa corrida desenfreada pela dominação.

Os saberes dos povos tradicionais, que aqui são representados por mulheres raspadeiras de mandioca, bem como pessoas caboclas, negras, indígenas, ainda sobrevivem na sociedade contemporânea, e precisam ser considerados e reconhecidos pela sociedade e meios acadêmicos, num movimento decolonial pois:

O pensamento decolonial rejeita, desde o início, qualquer possibilidade /de novos resumos universais que irão substituir os existentes (liberais e seus “neos”, marxista e suas “neos”, cristãos e seus “neos”, ou islâmicos e seus “neos”). A era da abstração “universal” chegou ao fim. O futuro que vai impedir o autoextermínio da vida no planeta deve ser tanto pluri-versal quanto um projeto “universal” (MIGNOLO, 2008, p. 321)

Necessária a consciência de que a história da humanidade é feita por todos aqueles que a constituem, como afirma Lampe (1995, p. 159): “És indispensable de que tomemos consciência de que todos estamos construyendo história y que la experiencia es necessário comunicarla a los otros y muy especialmente a nuestros hijos/hijas a los que ‘vienen’ en el caminar de la comunidad.<sup>7</sup>”

A história impõe novas escritas, contadas a partir dos sujeitos que a vivenciam, em um exercício de alteridade, pois segundo Kapuscinski (2009, p. 36), “se não considerarmos aquele que está para além de mim nos tornaremos indiferentes, frios e insensíveis, sem expressão nem alma, aquele outro tem o teu rosto; é como um livro onde está anotado o bem”. Importante reconhecer o outro na condição de sujeito, protagonista de sua história pois, “o reconhecimento do outro só é possível a partir da afirmação por cada um do seu direito a ser sujeito” (TOURAINÉ, 1997, p. 228).

A história da sociedade humana, é composta por micro-história (BARROS, 2007, p. 169), que tem suas particularidades e precisam ser reconhecidas, compreendidas, visibilizadas, respeitadas, assim: “Uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que está disposto a examinar.”

Neste sentido, para examinar uma prática social, se faz necessário uma educação libertadora que venha desconstruir conhecimentos universais, verdades absolutas que se postularam historicamente, baseadas em uma construção colonial impositiva. Uma educação libertadora crítica, criativa capaz de impactar e desenvolver nas pessoas uma tomada de consciência e mudança de vida (FREIRE, 1987). Nessa mesma perspectiva, Morin (2000), vai dizer que, “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (p. 55).

A empatia, a alteridade são princípios fundamentais que devem reger as relações antrópicas numa sociedade, pois fará com que tenhamos, realmente uma convivência humanizada, onde prevaleça o respeito e o cuidado em todas as relações estabelecidas, entre os seres humanos e estes com o meio ambiente criando uma cultura do Bem viver (KRENAK,

---

<sup>7</sup> “É fundamental que tenhamos consciência de que todos estamos construindo história e que a experiência deve ser comunicada aos outros e principalmente aos nossos filhos que ‘vem’ na caminhada da comunidade.”

2020), que “pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio...” (Idem, p. 8).

Com efeito, Spielman (2000), ao traçar um panorama sobre o desenvolvimento da noção de alteridade no pensamento de séc. XX, recorta com Said que a relação estabelecida entre Europa e os outros, foi de negação e indiferença e de não aceitação:

A relação colonial entre colonizadores e colonizados, o outro marginal, é uma relação hierárquica que não supõe intercâmbio mútuo, quer dizer, saber sobre o outro possibilita representação, apropriação do outro, cria e legitima o direito de terminação arbitrária e de controle de acordo com os próprios interesses econômicos e políticos (SPIELMAN, 2000, p. 26 apud SAID, 1993).

Frente a essa relação hierarquicamente imposta, o pensamento decolonial, possibilita aberturas e perspectivas epistêmicas inovadoras, visto que na decolonialidade, as atenções estão voltadas para o modo de ser e de viver dos povos tradicionais que possuem saberes, fazeres que tem uma dinâmica própria e são voltados para a lógica do bem- viver (KRENAK, 2020), imbricado ao bem-estar da comunidade que “Será considerada como a organização social adstrita a um determinado território (vila, aldeia, ou seja, ambientes antrópicos) em que o coletivo responde pela forma mais embrionária na escala social mais complexa.”(FERNANDES; FERNANDES, 2015, p. 137).

A decolonialidade deve funcionar como uma forma de nortear pensamentos e ações revelando o verdadeiro sentido e o conhecimento das múltiplas realidades (MIGNOLO, 2008), pois, “a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico civilizacional é uma perda para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros” (MORIN, 2000, p. 57) e, infelizmente, com a colonização, muitas culturas foram desintegradas, sacrificadas e destruídas.

Na busca por referências de trabalhos acadêmicos que tratassem de mulheres raspadeiras de mandioca, encontrei uma monografia denominado, “O lugar do trabalho na vida das mulheres raspadeiras de mandioca de Itabaiana/ pureza – RN”, escrita por Farias (2014), que analisou as condições de trabalho destas mulheres, contudo na produção acadêmica da região Norte do país, não encontrei nada relacionado as mulheres raspadeiras de mandioca, por hora, não se tem nada escrito sobre essas sujeitas o que torna este trabalho inédito para o conhecimento científico e para a sociedade.

O *locus* desta produção é a Amazônia, a Vila de São Jorge, que se caracteriza pela sua biodiversidade e riqueza em conhecimentos tradicionais, nessa perspectiva é indispensável que se busque conhecer toda essa diversidade, as micro histórias que compõe essas realidades, desvelando saberes e fazeres locais com toda sua riqueza de detalhes que caracterizam a realidade Amazônica.

Nesse processo de produção do conhecimento tomamos como referência a concepção decolonial, que ultrapassa as barreiras criadas pela colonialidade e direcionamos a atenção ao trabalho da mulher, no processo produtivo da farinha, as raspadeiras de mandioca, da Vila de São Jorge. Realidade ocultada, invisibilizada pelas histórias oficiais, pela academia, pela sociedade, pela própria comunidade que as vivenciam em seus saberes e fazeres tradicionais. São grandes histórias que necessitam de descortinamento perante os sujeitos que compõem a sociedade humana. Para tal, iremos na sequencia aclarar os caminhos percorridos para o parimento dessa investigação científica.

## CAPÍTULO 2 - A GUISA METODOLÓGICA



Fotografia 4: Placa na chegada a Vila de São Jorge (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).



Fotografia 5: Vista aérea da Vila de São Jorge (Autoria: Zotollo, Raul, 2022).

As imagens acima, mostram a Vila de São Jorge; a primeira retrata a entrada da vila, é o ponto de demarcação geográfica que delimita à vila de São Jorge à colônia Santo Antônio do Prata. A placa referência o viés religioso representado pelo santo padroeiro, São Jorge e a Igreja

Católica, identifica a religiosidade que circunda as relações dos sujeitos na comunidade. A vista aérea presente na segunda imagem reproduz espaço geográfico antropizado, definindo uma linda paisagem enquanto recorte da vida presente na vila, com suas ruas, casas, espaços naturais, característico das comunidades Amazônica.

## **2.1 Histórico do município de Igarapé-Açu**

Na formosa cultura da terra, onde é vário e infinito saber negro, índio e sertanejos astutos, a cantar, a vibrar, a viver... (Murilo Walter).

O trecho do hino do município de Igarapé-Açu, escrita por Walter Murilo, narra a história da construção desta localidade, destacando os bravos protagonistas, figura marcante nesse cenário, negro, índio e sertanejos, que com seus saberes e fazeres contribuíram para a historiografia local, contudo foram invisibilizados pelas histórias oficiais, principalmente os indígenas, povos nativos, que como veremos mais adiante, tinham seu território marcado nesse lugar. A figura do colonizador espanhol, é percebida nesse contexto e pode-se afirmar que contribuiu para essa invisibilidade dos nativos.

Igarapé-açu localizado no nordeste paraense a 110km da cidade de Belém (Capital). Sua origem ocorreu no ano de 1895 com o núcleo colonial “jambu-açu”, administrado pelo então engenheiro Pedro Bezerra de Moraes (CRUZ, 2010).

Em 05 de outubro de 1903, através da lei estadual n. 902, foi criado o povoado de Igarapé-açu e em 26 de outubro de 1906, é criado o decreto lei n. 985, sob o governo de Augusto Montenegro, onde o mesmo passa a ser município. O primeiro prefeito foi Ângelo Cesarino Valente Doce (CRUZ, 2010).

A partir de 04 de abril de 1931, sob a administração do prefeito Guilherme Roque o município passa a ser chamado de João Pessoa, em homenagem a um personagem histórico da revolução de 1930. No entanto essa mudança não foi aceita pela população local e em março de 1938, através da lei n.2.972 é retomado o antigo nome de Igarapé- açu, tornando-se vigente até hoje (CRUZ, 2010).

A colonização contou inicialmente com os espanhóis e nordestinos. A construção da estrada de ferro Belém-Bragança contribuiu para que a sua localização assumisse um ritmo mais elevado, pois algumas famílias de outras localidades deslocam-se para o município, instalando-se

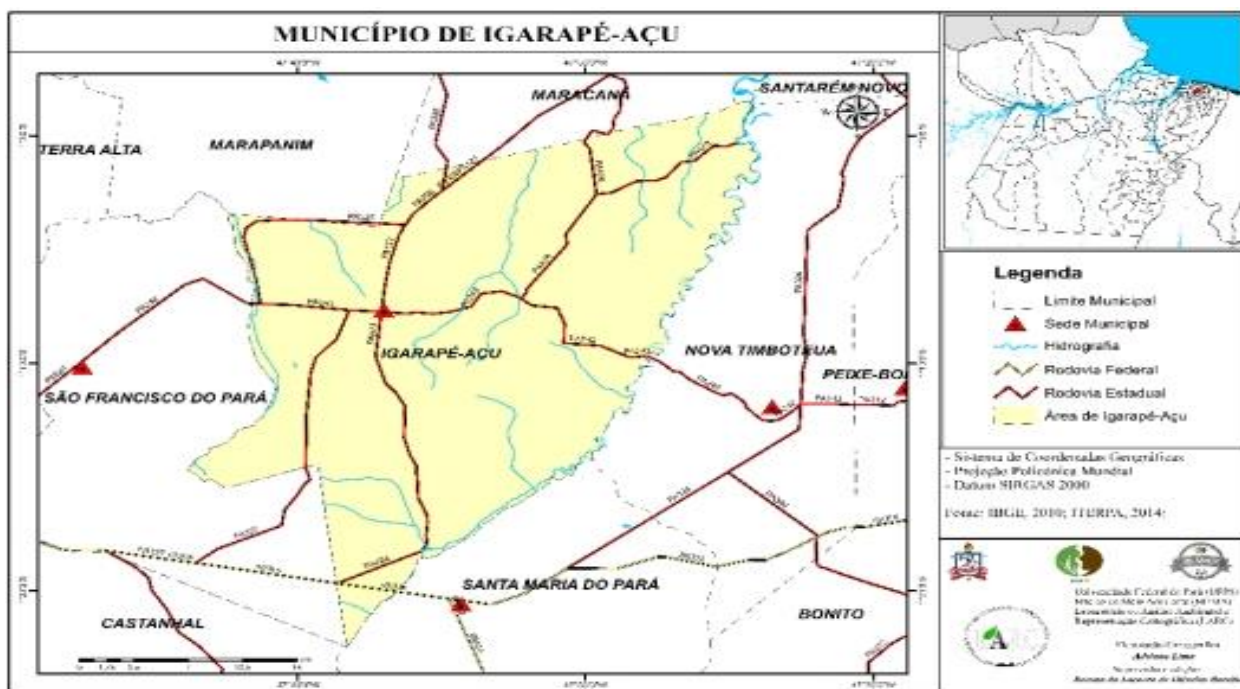
nas proximidades da mesma.

Entre os primeiros pioneiros encontram-se registrados os nomes de Antônio José de Aquino, Manoel Joaquim, José Nobre, Bento José de Pontes. O primeiro comerciante do lugar foi Joaquim Sidrim, instalado em 1898, seu comercio ficava localizado na praça São Sebastião.

O calendário das festividades culturais e religiosas se configuram com a festa de São Sebastião, padroeiro da cidade, de Nossa Senhora do Carmo e de São Luís, na vila do Caripi, de Nossa Senhora da Conceição, no povoado de Nova Olinda, e a festa de São Jorge padroeiro da vila de São Jorge (Km 18).

## 2.2 Localização Geográfica

O município de Igarapé-Açu está localizado ao nordeste Paraense, tem as seguintes coordenadas geográfica: à latitude  $01^{\circ}07'44''$  sul e à longitude  $47^{\circ}37'12''$  oeste, estando a uma altitude de 50 metros. Sua população de 39.023 habitantes foi estimada em 2020. O município se estende por 786 km<sup>2</sup>. A densidade demográfica é de 49,4 habitantes por km<sup>2</sup> no território do município.



Mapa 1: Município de Igarapé-Açu. Disponível em: <https://www.numa.ufpa.br/index.php/mapas>. Acesso em: 14/out.2021).



Igarapé-Açu faz limite com os seguintes municípios: Ao norte Maracanã (43 km), a leste Santarém Novo (33,7 km) e Nova Timboteua (27 km), ao Sul Santa Maria do Pará (25,3 km), a Oeste São Francisco do Pará (20,4 km). De acordo com Moreira *et al.* (2014), “o município possui 43 (quarenta e três) colônias agrícolas interligadas à sede” (p. 5), dentre elas a Vila de São Jorge.

### 2.3 A vila de São Jorge



Fotografia 6: Vila de São Jorge (Autoria: Zatollo, 2022).

Canto de origem (Carlito Varela)  
 Vejo o meu canto ecoando essa canção.  
 Eu sou da terra que tanto me faz sorri  
 Originou-se de uma só devastação,  
 Hoje é chamada são Jorge do jabuti.  
 Comércio a "casa ramos"  
 Anos passados teus  
 Saudades guarda a lembranças e encanta o povo meu.  
 Sou o canto, sou a torcida  
 O grito de raça e luz  
 São tantas lembranças vivas  
 De um tempo do "Santa Cruz"  
 Das noites de serenata  
 Saudades do cavaquinho  
 Que o mestre " Nestor tocava e eu era ainda um menino

Imagem 7: letra da música “Canto de origem” (Carlito Varela).

Imagem e poesia caracterizam o lócus da pesquisa, Vila de São Jorge. O cenário imagético nos coloca em sintonia com a beleza singular de um espaço gerador de saberes e fazeres. A música, em forma de poesia, “canto de origem”, de autoria do conterrâneo, morador deste lugar, popularmente chamado de Carlito.

A letra retrata de forma poética a história da origem da vila, habitada inicialmente pelos indígenas. Marcada por um processo de devastação para construir a estrada de ferro que ligava Belém à Bragança. Na economia do lugar, destaca-se a primeira casa comercial denominada de “Casa Ramos” que atendia as necessidades da comunidade, e principalmente do leprosário Santo Antônio do Prata, com venda de todo tipo de mantimentos. E, aos poucos a comunidade foi crescendo, se desenvolvendo e se tornou a atual **Vila de São Jorge**.

A Vila de São Jorge está localizada a 18 km da sede (Igarapé-Açu) e 3 km da colônia de Hansenianos Santo Antônio do Prata fundada no ano de 1921. Falar sobre essa Vila é um grande desafio tendo em vista a quase total ausência de fontes de pesquisa historiográfica e documental sobre o lugar, isso nos adverte o quanto esses espaços de convivência foram invisibilizados pela história oficial.

Dessa maneira, na busca de desvendar as memórias desse contexto, situamos a história

da Vila Santo Antônio do Prata, com destaque a política de segregação aos portadores de hanseníase, que teve início no Brasil nas primeiras décadas do século XX, quando o Estado assume a lepra como um problema de saúde pública e começam a ser construídas colônias agrícolas de acolhimento às pessoas acometidas por essa doença (LOPES, 2018), com a intenção de segregar os doentes, das pessoas saudáveis.

No Pará a política de segregação teve sua gênese na colônia Santo Antônio do Prata, impulsionada pela existência de duas outras instituições de controle, o Núcleo Colonial Indígena, criado em fins do século XIX, e posteriormente o Centro Correcional, criado em 1921 como pouca duração, pois foi substituído pelo leprosário do Prata no mesmo ano (LOPES, 2018).

De acordo com narrativa de fundação, a questão da segregação vai impactar a Vila de São Jorge, que tem papel peculiar, principalmente da necessidade de apoio aos hansenianos, pois a linha de ferro tinha um ponto de parada nessa localidade, pois o armazém, denominado “Casa Ramos” fornecia mantimentos para o leprosário, como afirma a senhora Odinéia<sup>8</sup> (2021):

A Ferrovia de Belém/Bragança tinha uma passagem com parada na Estação na Cidade de Igarapé-açu, houve necessidade de construir um Ramal da referida ferrovia até a Colônia do Prata, onde encontravam-se os Hansenianos (Leprosos) que viviam isolados de toda comunidade, para facilitar a locomoção dos mesmos para Belém e receber de outras localidades os que contraíam a doença, ao chegarem com a ferrovia na Vila de São Jorge, município de Igarapé-açu completaram 18 quilômetros, que construíram uma pequena Estação, e assim a Vila passou a ser conhecida.

De acordo com registros sobre a colônia Santo Antônio do Prata e com base em narrativas de alguns habitantes mais antigos da comunidade, há relatos da existência de povos indígenas naquela região anteriormente a esses processos de colonização e da política de segregação. Fato que ressalta a importância da memória, como fonte histórica ao trazer à tona existências humanas que foram veladas, negadas e terminaram por ficar no anonimato.

Com base nos escritos, anteriormente à política de colonização teria sido implementada nessa região, o processo de catequização dos indígenas datado de 14 de setembro de 1898, momento no qual os freis capuchinos fixaram cruz em solo Tenetehara, com vistas,

---

<sup>8</sup> Senhora Maria Odinéia Maciel de Oliveira, 82 anos, solteira, Professora aposentada, nasceu e se criou na Vila de São Jorge. Atualmente mora na cidade de Castanhal.

principalmente a ‘civilizar’ a população indígena.

Foi celebrada a primeira missa em território Tenetehara em 1898, e no dia 29 de setembro desse mesmo ano, foi fundado o instituto do Prata, objetivando catequizar meninos e meninas indígenas, muitas vezes eram sequestrados da família, com intuito de passar os ensinamentos cristãos e escolarizar (FERNANDES, 2015).

Os Tembê Tenetehara que habitavam aquela região eram compostos pelas famílias: os Miranhas, os Anselmo, os Tupanas, os Braz e a família Leopoldina, essa última estava localizada na última nascente do rio “Arrayal” (FERNANDES, 2015).

Diante dessas informações, possivelmente na Vila São Jorge (popularmente denominado de Dezoito) habitava a família indígena denominada de Anselmo. O autor acima citado afirma que, a partir de relatos obtidos, constatou-se a existência cemitérios indígenas. Atualmente, um encontra-se localizado numa propriedade particular nesta vila, e outro cemitério indígena estaria localizado numa fazenda particular entre a Vila de São Jorge e a Colônia do Prata.

Exposto o contexto acima, que rememora o processo vinculado à questão indígena, à colonização e à política de segregação, e que contribuiu para desenhar a atual Vila São Jorge estruturada da seguinte forma: uma igreja católica e uma igreja protestante, uma praça pública, que possibilita os encontros dos moradores, principalmente aos finais de semana; um centro comunitário, dirigido pela igreja católica, onde se fazem eventos de cunho religioso, cultural, reunião dos jovens; um posto de saúde, que atende as demandas da comunidade, com programas de acompanhamento e prevenção de doenças; duas escolas, uma que oferta as séries iniciais e a outra que oferta o ensino fundamental até o 9º ano.

Os eventos culturais são: o Arraial de São Jorge, que ocorre no mês de agosto, o arraial de Santa Luzia que ocorre no dia 13 de dezembro, o arraial de São Francisco de Assis que ocorre em 04 de outubro e o arraial de Nossa Senhora da Conceição que ocorre no dia 08 de dezembro, eventos esses promovidos pela igreja católica.

A festa dos Coroas, também é um evento cultural muito badalado, ocorre no último sábado de mês de julho e se caracterizou como um momento que promove o reencontro de famílias, de pessoas em geral, que foram morar em outros lugares do Estado e retornam nessa ocasião. É um momento de reencontros e de grande efervescência, aglomerando pessoas de inúmeros lugares, gerando renda para o comércio local. É uma festa muito esperada pelos moradores e por todos que vivem na redondeza.

## 2.4 Procedimentos metodológicos

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (MINAYO, 2007, p. 14).

Sendo assim, o estudo situado na área das humanidades, com perspectiva interdisciplinar da sociologia, antropologia, história oral e narratologia. Pesquisa de campo que tem o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 186).

Exercita uma abordagem qualitativa, pois: “Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21- 22).

Na produção utilizamos técnicas de pesquisa, que de acordo com Lakatos & Marconi (2003), “é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática (p. 174)”. Na dinâmica da técnica de observação, observamos como ocorria o trabalho desenvolvido pelas mulheres e quais as malhas de relações estabelecidas nesse contexto; outro instrumento foi a entrevista que “trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária” (LAKATOS; MARCONI, p. 196, 2003), previamente agendadas, e feitas fora do ambiente de trabalho, tendo em vista não atrapalhar a produtividade das participantes pesquisadas.

A história oral foi fundamental, tendo em vista que, como ressalta Silveira (2007) “o trabalho com fontes orais possibilitou trazer à história, como sujeitos e/ou testemunhas aqueles que, de certa forma, foram excluídos

e colocados no anonimato, sem direito a memória, comum no paradigma tradicional ou marxista” (p. 39), ou seja, foi a partir das narrativas dessas mulheres é que tivemos conhecimentos dessas vivências que passam muitas vezes despercebidas e invisibilizadas na

sociedade.

Desse modo, optamos por serem entrevistas semiestruturadas, que para Manzini (1990, p. 154): “Está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.

A entrevista tem uma pergunta que norteará o diálogo entre pesquisador e público alvo, cujo intuito é recuperar as memórias e representações, fazendo um diálogo com a História Oral, fundamental para o andamento da pesquisa.

O diálogo com essas mulheres foi fundamental, no sentido de dar a elas a oportunidade de protagonizarem suas histórias de vida, como mulher, mãe e como trabalhadoras no exercício da atividade de raspadeiras de mandioca.

Numa perspectiva decolonial, nos utilizamos para análise de dados o método de Análise Crítica do Discurso, tendo como referência Fairclough (2012, p. 309), que afirma: “A Análise Crítica do Discurso é a análise das relações dialéticas entre semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais.”

A pesquisa ocorreu por meio de levantamento bibliográfico, que se iniciou juntamente com as disciplinas do mestrado, para obtermos uma melhor visão do que se tem escrito no meio acadêmico sobre a temática que pudesse subsidiar esse trabalho e também um referencial que desse aporte conceitual e contínuo durante todo o percurso da pesquisa, desde o início da escrita da dissertação.

A pesquisa de campo sofreu modificações, pois desde março de 2020 fomos acometidos por uma pandemia, denominado de COVID19 (Doença da corona vírus), havendo a necessidade de tomar medidas de proteção, dentre elas o isolamento social, pois a velocidade de contágio era muito rápida, com isso a pesquisa de campo se tornou inviável, como forma de proteção a vida humana. A Covid 19 gerou a morte de milhões de pessoas no mundo todo. Momento crítico da sociedade mundial, pois desestabilizou todos os setores políticos, sociais, econômicos.

Em se tratando do local dessa pesquisa, as casas de farinha foram fechadas. Momento de mudanças de comportamento na vida das pessoas o que gerou um grande desgaste emocional diante da calamidade vivenciada. Deu-se um período de pausa no trabalho dissertativo, devido a toda situação que estávamos vivendo e, sobretudo, os desgastes emocionais, com as muitas perdas que tivemos de amigos e parentes próximos, foram meses angustiantes, na tentativa de se

proteger e ao mesmo tempo ajudar aqueles que estavam mais vulneráveis a doença.

A saúde física e emocional ficou abalada, mesmo as pessoas que não foram acometidas pela doença de alguma forma foram acometidas emocionalmente, doenças como depressão, ansiedade, síndromes do pânico foram vivenciadas pelas pessoas. O mundo entrou em estado de calamidade pública, onde a luta pela sobrevivência era o foco central, todos os projetos tiveram que mudar de rumo, se adequar as limitações impressas por essa nova realidade.

Nesse sentido foi necessário fazer mudanças no que havia projetado, o que tinha a intenção de ser um trabalho mais próximo de uma etnografia, passou a ser uma análise do discurso partindo das narrativas das mulheres, concedidas durante as entrevistas, que foram marcadas em suas residências.

Em meio a esse contexto o projeto passou por um período de apreciação junto ao comitê de Ética, tendo sua aprovação no dia 19 de dezembro de 2020, viabilizando, dessa forma, a ida a campo e de acordo com os protocolos exigidos de garantia da segurança da pesquisadora e das mulheres entrevistadas.

De outro modo ainda, antes do início da pandemia, foram feitas duas visitas aos retiros para conhecer os espaços de produção da farinha e as sujeitas envolvidos, movido pelo interesse de coletar informações para a escrita de um artigo.

Esse primeiro contato, avalio, que foi intrigante e desafiador, pois não sabia como seria recebida como pesquisadora e como poderia olhar para aquele ambiente que me era tão familiar, que trazia lembranças boas de minha infância e adolescência, sem romantizar. Era preciso administrar esses sentimentos que tentavam controlar a situação e olhar aquele ambiente como pesquisadora buscando o estranhamento naquilo que era comum e fez parte da minha vida, isso foi um grande exercício de autocontrole diário.

Também percebi certa relutância por parte das sujeitas envolvidas, pois como filha da comunidade fui bem recebida, mas como pesquisadora fui mal interpretada. No primeiro momento, achavam que queria fazer registro para denunciar as condições de trabalho. Tive que explicar do que se tratava, mas mesmo assim ainda ficaram relutante.

Precisava conquistar a confiança de todas e achei melhor estabelecer um diálogo informal, algumas faziam parte da minha infância e queriam saber o que eu fazia, como estava minha família, me senti a sujeita da pesquisa naquele momento, mas era preciso deixá-las à vontade para que pudéssemos estabelecer uma relação de confiança em ambas as partes,

felizmente, com o tempo, a empatia foi fortalecida por uma relação amigável durante o percurso do trabalho.

Descrevo que essa primeira visita foi muito gratificante, enquanto filha da comunidade e como pesquisadora, percebi o quanto minha pesquisa seria interessante para aquelas pessoas e principalmente às mulheres, pois tiraria do anonimato a Vila de São Jorge e daria visibilidade ao trabalho das mulheres na produção da farinha e mais especificamente as raspadeiras de mandioca.

A segunda fase foi mais tranquila, tanto para mim quanto para as sujeitas que ali estavam presentes, pois observei as etapas do processo de produção da farinha, e identifiquei o trabalho das mulheres na raspagem da mandioca como de fundamental importância para a qualidade do produto final. Tive uma conversa informal com três mulheres, enquanto elas trabalhavam, não dava para estabelecer um diálogo mais amplo devido ao barulho do motor cevando a mandioca.

Algumas mulheres foram bem taxativas ao dizer que não queriam participar da pesquisa como entrevistadas, e muito menos que se fizéssemos o registro fotográfico, deixando transparecer uma vergonha no que fazem, estavam ali para garantir a sobrevivência, mas não tinham afinidade com aquela atividade.

Essa segunda visita, foi proveitosa, pois além de observar a rotina daquele espaço, pude conhecer e conversar com algumas mulheres que ali estavam. Dessa forma, a partir das falas dos sujeitos envolvidos no processo de produção da farinha foi possível verificar a importância e a manutenção dos conhecimentos tradicionais que impulsionam as atividades socioeconômicas da comunidade em questão e compreender de que forma esses conhecimentos são transmitidos.

Para tal foi necessário observar como se dava o processo de produção da farinha e como ocorria a divisão das tarefas nesse contexto de produção, como veremos no decorrer deste trabalho.

No mês de fevereiro de 2021, reiniciei as visitas presenciais, obviamente tomando todas as medidas restritivas como: distanciamento, uso de máscara e álcool para higienização. Foram três visitas ao todo, a primeira visitei a casa de farinha familiar do senhor Teles - de acordo com uma das entrevistadas que é membro da família Teles, é caracterizada como familiar pois, é administrada por todos da família - onde apresentei os documentos do comitê de Ética como forma de respaldar o meu trabalho para o responsável da farinhada.

Conversei com três mulheres que ali estavam trabalhando na raspagem da mandioca e



expliquei do que se tratava a pesquisa, elas se interessaram em ser sujeitas da minha pesquisa, aceitaram ser entrevistadas. Nesse primeiro contato agendei as entrevistas, que foram realizadas na residência das sujeitas pesquisadas. Em seguida, visitei mais dois espaços de produção da farinha tradicional e consegui mais três mulheres para colaborarem com a pesquisa.

Para escolhas das sujeitas da pesquisa adotei dois critérios: ser raspadeira de mandioca; ter essa atividade como prioritária para o sustento da família. Posteriormente, deu-se a segunda visita para fazer a entrevista da senhora Francisca, senhora Nelma e senhora Antônia. Na terceira visita fiz a entrevista da senhora Lindanir, a senhora Laíde e a jovem Meury. Todas me receberam com carinho e respeito. Fui bem recebida por todas, o que me deixou grata.

A entrevista com a senhora Francisca, transcorreu muito bem, por ser a primeira, fiquei um pouco tensa, preocupada em não conseguir gravar, mas deu tudo certo, transcorreu com tranquilidade. Fui muito bem recebida, antes da entrevista propriamente dita, conversamos diversas coisas: sobre plantas, sobre família, sobre filhos, o que deixou a entrevistada, mas a vontade, a mesma orgulhosamente me apresentou sua neta, seu esposo. A entrevista foi feita na cozinha de sua casa e transcorreu com naturalidade, movida por momento de muita emoção por parte da entrevistada, ao rememorar sua trajetória.

Neste mesmo dia foi feita a entrevista de senhora Nelma, também fui bem recebida em sua residência, ficamos sentadas no pátio e lá se deu a entrevista. Iniciei a entrevista explicando como seria feita, mas, também, conversamos sobre outros assuntos, a mesma conhece meus familiares e lembrou de minha Vó, ficamos rememorando o passado. Foi emocionante relembrar essas vivências. Senhora Nelma com seu jeito tranquilo e acolhedor estava sempre preocupada em saber se estava respondendo direitinho, de vez em quando interrompia a conversa para olhar a panela no fogo, o que mostra o quanto que a responsabilidade da mulher se estende em todos os espaços que ocupa, seja no âmbito da casa ou nos retiros. A entrevista transcorreu tranquilamente.

A entrevista com a senhora Antônia, foi tranquila, ocorreu na sala de sua casa. A entrevistada se mostrou solícita quando expliquei detalhadamente do que se tratava, e falou com muito orgulho de sua história de vida e de seu trabalho como raspadeira de mandioca.

A entrevista com a senhora Laíde foi bem proveitosa, pois a partir dela consegui agendar mais duas entrevistas com a filha dela e com uma amiga, todas trabalhava no mesmo local. A entrevista foi feita na sala da senhora Laíde e transcorreu com naturalidade.

A entrevista com a senhora Lindanir foi bem produtiva, a mesma contou sua história de forma detalhada, desde sua infância quando começou a ter contato com a raspagem da mandioca. A entrevista ocorreu no pátio de sua casa e aconteceu de forma tranquila e emocionante, pois sempre que mencionava o nome de sua mãe (*in memoriam*) ficava emocionada.

A entrevista com a jovem Meury, trouxe à tona a visão de uma jovem menina sobre o trabalho que faz, sempre acentuando o protagonismo do seu trabalho com respeito, ao mesmo tempo que demonstrava revolta pela forma desrespeitosa como é tratada pela comunidade. A entrevista ocorreu na sala da casa de sua mãe Laíde e foi bem interessante, pois trouxe outros pontos de vistas a seres observados.

## **2.5 Ferramentas utilizadas na coleta de dados**

Para a coleta de dados utilizamos algumas ferramentas para subsidiar a pesquisa, tais como: diário de campo, para registros sobre as percepções decorrentes das visitas ao espaço; máquina fotográfica para realização de registros imagéticos, enquanto documentação visual da rotina das casas de farinha; gravador de voz para gravar as falas das mulheres no decorrer das entrevistas.

## **CAPÍTULO 3 - RESULTADO E DISCUSSÕES: ANTROPIZAÇÃO DA MULHER RASPADEIRA DE MANDIOCA**

Nesse capítulo apresentamos as colaboradoras que contribuíram para a produção dissertativa e o contexto de antropização das mesmas no trabalho de raspadeira de mandioca na Vila de São Jorge, numa perspectiva semiótica subsidiada pela análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2012) dos dados coletados nas visitas feitas a campo e nas entrevistas semiestruturadas realizadas.

### **3.1 Raspadeiras de mandioca: Perfil das mulheres**

*Eu, para mim esse trabalho é como qualquer um outro trabalho. Porque para mim é um trabalho digno, tudo que a gente faz com esforço com suor da gente é digno (ANTONIA, 2021).*

O fragmento de fala da Antônia traduz bem o perfil dessas mulheres e a dignidade humana advinda com o trabalho, o que manifesta a respeitabilidade das mulheres raspadeiras de mandioca, da Vila de São Jorge, pelo trabalho desenvolvido na mandiocultura.

Seus relatos revelam que são mulheres determinadas e que reconhecem e sentem orgulho do que fazem, posto ser um trabalho que requer esforço, resistência, técnica e sabedoria para conduzi-lo com eficiência e agilidade, pois garante a sua sobrevivência e de sua família; garante a produtividade nos espaços de produção e reafirma a identidade do ser Mulher raspadeira de mandioca, dentre os inúmeros papéis que desempenha (HALL, 2006).

A dignidade humana com que a senhora Antônia vivencia e compreende o trabalho de raspadeira de mandioca caracteriza um olhar que valida uma postura decolonial (MIGNOLO, 2008, 2017) e libertadora (DUSSEL, 1986) pois demonstra, com clareza, a consciência de uma realidade que, partindo de uma práxis que mesmo sendo negada, excluída, oprimida (FREIRE, 1987), é concebida por ela como digna, relevante e fundante da própria existência.

Essa atitude identifica a tomada de consciência como passo fundamental para a libertação, tendo em vista que promove o anseio de uma vivência mais justa, em que direitos humanos sejam garantidos, como veremos ao longo desta produção, nas falas de nossas colaboradoras, pois, como afirma Rabelo, Ramos & Souza (2020):

Não teremos um mundo perfeito, ou uma sociedade ideal, mas podemos sim, criar no sentido de engendrar factivelmente as mudanças e as melhorias em qualquer que seja o âmbito do existir humano (Idem, p. 217).

As suas falas rompem com um padrão hegemônico, o qual identifica a mulher a partir de um viés biológico, donde a fêmea é vista com inferioridade em relação ao macho. O direito humano ao poder de fala, contribui para uma nova forma da existência humana em que as relações sejam realmente humanizadas e as identidades de mulheres e homens sejam respeitadas. Isto porque a ideia de identidade de ser mulher vem sendo construída historicamente e não biologicamente, como afirma Beauvoir (1970).

Nesse sentido, o desvelamento, a tiração do véu das mulheres são construídos no movimento dialético das suas histórias de vida, das suas subjetividades, das suas identidades e a partir de realidades, peculiaridades específicas do contexto Amazônico, por muito tempo ofuscadas pela historiografia oficial.

Reconhecer essas sujeitas que antropizam o meio que habitam, através de seu trabalho nas casas de farinha da Vila São Jorge, é um dos objetivos desta produção. Descrevê-las demanda sensibilidade de compreensão de suas subjetividades que a constituem como mulher, pois, “pra descrever uma mulher, não é do jeito que quiser, primeiro tem que ser sensível, se não é impossível. Quem ver por fora, não vai ver por dentro o que ela é. É um risco tentar resumir mulher” assim afirma a letra de música denominada Mulher, da cantora Elba Ramalho.

O trecho da canção nos inspira a traçarmos o perfil das mulheres que antropizam o espaço amazônico em que habitam, através de suas histórias de vida, dos saberes e fazeres vivenciados nas casas de farinha como raspadeiras de mandioca.

Quadro 1: Perfil das Mulheres raspadeiras de mandioca.

N.º	Sujeitas	Idade	Escolaridade	Estado	Filhas/os	Renda Mensal
01	Nazaré	60	Ensino	Casada	Seis	1 a 3 salários
02	Francisca	59	Ensino	Casada	Três	1 a 3 salários
03	Antônia	50	Ensino	Casada	Três	Até um
04	Laíde	53	Ensino	Casada	Duas	Até um
05	Lindanir	41	Ensino	Casada	Três	Até um
06	Meury	21	Ensino	Casada	Um	Até meio

Fonte: Dados produzidos com base nas entrevistas, 2021.

O quadro acima denominado perfil das Mulheres raspadeiras de mandioca, sintetiza as informações sobre as colaboradoras da pesquisa, no total de seis mulheres adultas, na faixa etária de 21 a 60 anos que labutam na raspagem da mandioca, ofício desenvolvido por elas, caracterizado como fonte de sobrevivência de toda a família. As duas mulheres velhas, de acordo com o Estatuto da pessoa idosa, adquiriram o direito social a aposentadoria por idade. Pois ao longo da vida tiveram na raspagem da mandioca o único trabalho que garantiu a sobrevivência da família.

Sobre o estado civil, todas se declararam casadas, no entanto, algumas mulheres vivem em estado de união estável com o cônjuge, sem laços jurídicos.

No que tange a garantia do direito a educação, as mesmas sofreram negação histórica da materialização deste direito, pois nenhuma conseguiu concluir o ensino fundamental, direito básico para o exercício da cidadania digna, segundo marcos legais brasileiros. Os dados retratam a ausência da continuidade e/ou permanência das mulheres na educação escolar.

Com relação a renda familiar as mesmas informaram que a renda declarada compreende a soma da renda de todos os membros da família, a qual oscila de 1 a 3 salários mínimos à meio salário mínimo.

Na continuidade sobre o perfil das mulheres as retrataremos individualmente.

Senhora Francisca, primeira colaboradora, com 59 anos, mulher, mãe, raspadeira de mandioca, possui o ensino fundamental incompleto, ou seja, estudou até a 5ª série. Convive com seu companheiro, que também trabalha na agricultura. No entanto, não é o pai biológico de seus filhos, todos casados. Atualmente, tem sob sua tutela uma neta criança. A mesma proveu todos os filhos sozinha, segundo seu relato, o pai foi embora muito cedo, e o trabalho como raspadeira de mandioca garantiu o sustento dos mesmos.

Apesar de aposentada, continua trabalhando na raspagem de mandioca. Se tornou uma referência neste trabalho por sua experiência e agilidade, sempre que tem mandioca nos retiros é procurada pelos donos da farinhada. Fato que, muitas vezes acaba gerando conflitos intergeracional, entre as mais jovens que não entendem porque a mesma não parou de trabalhar diante da condição de aposentada.

Na perspectiva da ancestralidade, aprendeu o ofício de raspadeira de mandioca com sua mãe, D. Chica Bonina (falecida), que tinha no quintal de sua moradia, uma casa de farinha, espaço que garantia o sustento da família, segundo sua fala: *Eu comecei criança quando vivia*

*com a mamãe a gente raspava mandioca, pouco mesmo, a gente fazia só para boia mesmo, continuei até, [...] quando tinha farinhada ia todo mundo pro retiro, eu era pequena, mas já ajudava, e assim fui aprendendo.* (FRANCISCA, 2021).

Hoje, a entrevistada não pensa em parar de trabalhar, pois tem no trabalho a realização pessoal e espaço de socialização. D. Francisca afirma: *não gosto de ficar em casa, a gente fica só pensando besteira, prefiro ir trabalhar.* Atualmente divide sua rotina entre afazeres domésticos, cuidados com a netinha, o trabalho de raspadeira de mandioca dentre outros.

A senhora Nelma, segunda colaboradora, mulher, mãe, raspadeira de mandioca, tem 60 anos, possui ensino fundamental incompleto estudou até a 5ª série, casada, com 6 filhos, todos adultos, tem casa própria, marido aposentado que era funcionário público. Ressaltamos que ainda vivem em sua casa quatro filhos, todos ajudam no orçamento familiar, dois moram na cidade, trabalham e estudam. A mesma fala com orgulho do trabalho que faz como raspadeira de mandioca: *Eu gosto muito do que faço, isso aqui é minha vida.*

A tradição do ofício herdou dos pais, senhora Adélia e senhor Zé Preto (falecidos), que sempre trabalharam na agricultura para garantir o sustento da família e construíram uma casa de farinha ao lado da moradia, existente até hoje, denominada “Casa de farinha familiar”, pois ficou de herança para todos os filhos, segundo seu relato:

Eu trabalhei desde nova, eu ia com meus pais, quando era criança, aí a gente ia acompanhando, porque eles iam trabalhar, levava a gente, para não ficar só em casa a gente ia. Nesse tempo tinha cavalo, a gente ia, tinha aquele caçoa<sup>9</sup>, colocava um do lado, outro do outro lado e um no meio do cavalo e a gente ia” (NELMA, 2021).

O ofício de raspadeira de mandioca foi aprendido com a mãe, prossegue: *Eu nasci e me criei nesse trabalho. Minha mãe era raspadeira de mandioca. E meu pai criou a gente com esse trabalho. Eu aprendi com minha mãe a raspar mandioca”* (NELMA, 2021).

Na adolescência, a senhora Nelma, ajudava a mãe nas farinhadas a raspar mandioca, o que garantiu aprendizagem, a experiência desse trabalho e que posteriormente ajudou no orçamento familiar e sustento dos filhos.

A senhora Antônia, terceira colaboradora, mulher, mãe, raspadeira de mandioca, de 50

---

<sup>9</sup> Caçoa- cesto feito de cipó colocado no lombo de um cavalo e usado para transportar mandioca do roçado até o retiro.

anos de idade, possui ensino fundamental incompleto, vive uma segunda relação conjugal, tem três filhos frutos do primeiro relacionamento, a primogênita cursa o nível superior, sendo a primeira da família a alcançar esse nível de ensino. Mora em casa própria, ao todo são cinco pessoas que residem juntas, sendo somente ela e o marido que trabalham para garantir o sustento da família e juntos somam uma renda familiar de um salário mínimo. A mesma iniciou seu trabalho na produção agrícola desde criança, quando acompanhava seu pai na roça como afirma em seu relato: *Iniciei muito cedo. Meu pai sempre trabalhou na roça. Comecei com mais ou menos 7 anos junto com ele, até o dia que eu arrumei família, aí quando eu arrumei família fui trabalha pros outros, aí continuei no mesmo ramo, raspando mandioca* (ANTONIA, 2021).

Ao longo da vida, a renda da mesma provém da raspagem da mandioca. Ela e seu marido trabalham na roça. O ofício de raspadeira de mandioca, é oriundo principalmente da vivência com sua Mãe, ela afirma: *Fui aprendendo a raspagem com a minha mãe, hoje a gente vive disso mermo (sic)*. E destaca que, desde a mais tenra idade, foi levada para o retiro, propriedade de seus pais.

A senhora Lindanir, quarta colaboradora, mulher, mãe, raspadeira de mandioca, com 41 anos, ensino fundamental incompleto, apesar da idade diferenciada em relação as outras sujeitas pesquisadas, parou os estudos no segundo ano do ensino fundamental, convive com seu companheiro que trabalha na roça juntamente com ela, tem três filhos todos pequenos, mora em casa própria, a renda familiar é garantida pelo casal. Aprendeu o ofício de raspadeira de mandioca com sua mãe que também trabalhou na agricultura, segundo sua fala:

Eu aprendi com a minha família sempre a gente trabalhou com isso, raspando mandioca, há muito tempo desde criança que eu participava, ia pra retiro e tudo, rapava um pouquinho de mandioca. A minha infância foi essa e agora continuo.” (LINDANIR, 2021).

Minha mãe trabalhava na raspagem da mandioca, aprendi com ela, com meus parentes tudinho, minhas irmãs tudinho” (LINDANIR, 2021).

A raspagem da mandioca constitui-se uma forma de garantir o orçamento familiar, pois de acordo com ela nem sempre o marido consegue trabalho. O casal não tem renda fixa, portanto precisam garantir o sustento da família por meio da raspagem da mandioca. A renda familiar mensal gira em torno de até um salário mínimo.

A senhora Laíde, quinta colaboradora, mulher, mãe, raspadeira de mandioca, com 53

anos, sua fala referenda o trabalho na mandiocultura desde criança, quando acompanhava seu pai e sua mãe na roça: [...] *quando eu comecei com ele tinha 7 anos, aí eu trabalhei junto com meu pai dos 7 anos até os 27, que com 28 eu me ajuntei comecei trabalhar pros outros, eu vou até hoje.* Suas vivências giram em torno do roçado e do retiro, ajudando o pai e a mãe, com a qual aprendeu o ofício de raspadeira de mandioca, [...] *com ela aprendi a raspar mandioca. Trabalhava antes, mas era só para nós mesmos.*

A quinta entrevistada possui ensino fundamental incompleto. Sua fala aponta que nunca teve interesse em estudar: [...] *eu não tenho cabeça para estudo não, era ruim de memória.* Ela está casada há 25 anos e seu companheiro também trabalha na agricultura, fazendo bico, pois não tem terreno próprio. Prossegue a entrevistada: [...] *aí ele já trabalha quando é no tempo da apanha da pimenta ele vai, quando não, ele vai arrancar a mandioca, capinar. É na diária assim, mais da roça, sabe!* Ela tem duas filhas, ambas trabalham na raspagem da mandioca, principalmente a primogênita, que também é colaboradora deste trabalho dissertativo: [...] *Ja Meury trabalha comigo e a outra quando dá, aí ela vai, quando não ela fica com o nenenzinho.* O nenenzinho é seu neto, filho da Meury. A senhora Laíde mora em casa própria, com o marido e a filha mais nova, solteira. A renda familiar proveniente da agricultura, que somada, gira em torno de um salário mínimo mensal.

Ao longo da trajetória de vida, a raspagem de mandioca foi fundamental para garantir o sustento da família, mesmo que precariamente. Ao casar na idade de 27 anos, Laíde tinha um histórico como raspadeira de mandioca, ou seja, 25 anos trabalhando no mesmo ofício, e apesar dos problemas vivenciados, ama, tem orgulho e consciência da relevância do seu trabalho na sua existência, [...] *eu acho bom, porque eu tenho que valorizar, que é de lá que eu sobrevivo com minha família. Eu acho bom, eu gosto, até porque é do que eu vivo, eu tenho que gostar.*

Meury, a sexta colaboradora é uma jovem mulher, mãe, raspadeira de mandioca, aprendeu o ofício convivendo com a sua genitora, a senhora Laíde. Lembra, que [...] *desde pequena, comecei de nova, eu comecei com a minha mãe desde cedo, ela começava me levar eu era bebê, ai pronto, fui crescendo, fui tendo conhecimento, aí em diante hoje eu sobrevivo da mandioca.* Ela tem 21 anos, possui ensino fundamental incompleto, pois engravidou e conseqüentemente, teve que parar de estudar. Convive com seu companheiro, tem um filho de um ano e quatro meses, mora em casa própria com o marido e o filho.

A colaboradora afirma ter renda familiar mensal inferior a um salário mínimo. Esse dado



evidencia uma vida de inúmeras limitações, especialmente econômica, contudo, em sua fala durante a entrevista externou comportamento de alegria e orgulho do trabalho. Para complementar o orçamento familiar realiza atividade de manicure e pedicure das amigas e vizinhas, considerado como um bico.

A raspagem da mandioca é sua principal atividade para a garantia da sobrevivência familiar. Diante do perfil das entrevistadas, identificamos que a raspagem da mandioca tem importância fundante na vida das mulheres, na materialização da tradição dos saberes e fazeres tradicionais, os quais vão se perpetuando de forma intergeracional.

A tradição da raspagem da mandioca garante às mulheres o sustento da família, a geração da renda, mesmo que minimamente: *criei meus filhos na raspagem mandioca, levava meus filhos pro retiro, todos três*, afirma a senhora Francisca (2021).

Nas falas, constatamos a dignidade humana, a respeitabilidade, a amorosidade (FREIRE, 1987) pelo ofício. As senhoras Nelma e Francisca, mesmo estando aposentadas ainda fazem com muita dignidade, amor e dedicação o seu trabalho de raspadeira de mandioca, dedicando uma vida inteira a manutenção da tradição.

As falas, retratam a interdependência entre a raspagem da mandioca, o trabalho feminino, a produção da farinha e a geração de renda, enquanto determinantes na mandiocultura. Na execução das farinhadas, o trabalho da raspagem da mandioca é primordial, tendo em vista ser executado, prioritariamente, e também primeiramente pelas mulheres, ou seja, há uma necessidade mútua da existência desses quatro elementos no processo que tem desdobramentos na perspectiva cultural, social, econômica, geracional, além de ser caracterizado pelas mulheres como fonte de vida e renda.

Na sequência, continuaremos a discorrer sobre essas perspectivas no item a seguir intitulado: Saberes e fazeres das mulheres raspadeiras.

### 3.2 Raspadeiras de mandioca: Saberes e fazeres



Fotografias 7, 8 e 9: Raspadeiras de mandioca (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

*Eu gosto muito do que faço, isso aqui é minha vida* (NELMA, 2021).

As imagens, a fala da senhora Nelma desvela saberes e fazeres das Mulheres raspadeiras de mandioca, o ambiente de trabalho, a forma artesanal como desenvolvem suas atividades: sentadas em banquinhos rústicos, munidas de faca e raspador, instrumentos tecnológicos, utilizados para limpeza da mandioca que, atualmente, é em grande quantidade.

Saberes e fazeres de mulheres raspadeiras de mandioca que movem o processo de antropia na Amazonia paraense, forma de criação e intervenção cultural, ao corporificar conhecimentos tradicionais oriundos de relações intergeracionais.

No diálogo com Freire (1987), “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, e aqui reafirmamos o ideário da antropia, dos saberes e fazeres das mulheres como conhecimento constitutivo da sociedade humana, o qual transforma a realidade natural gerador de cultura, com importância singular, devendo ser respeitado na sociedade contemporânea.

Saberes e fazeres configurados como tradicional ao manter vivo conhecimentos e práticas constituídos pela ancestralidade, com particularidades na sua efetivação, na forma de aprendizados, de produção, reprodução da vida a partir de uma malha de relações (INGOLD, 2012), produções de existências humanas, de ser e estar no mundo.

Conhecimentos singulares se avaliados no contexto de uma sociedade contemporânea, marcada pelas inovações tecnológicas que impõem mudanças em tempo

recorde. Ao passo que os conhecimentos tradicionais se desdobram numa lógica de manutenção de uma sabedoria de caráter ancestral, os quais são importantes e relevantes, no contexto de comunidades tradicionais como a Vila de São Jorge, ao garantir a produção da mandiocultura e a sobrevivência de grupos sociais que, por vezes, se mantem no anonimato acadêmico, a exemplo, as Raspadeiras de mandioca.

A antropia corporificada pelos saberes e fazeres dessas mulheres, cria cultura como produto. Transforma a realidade natural, recria o mundo, como afirma Freire (1981, p. 27): “Mundo da cultura e da história que, criado por eles, ‘acrescento por elas’, sobre eles ‘sobre elas’ se volta, condicionando-os. Isto é o que explica a cultura como produto.”

A Cultura fomentada tem como *lócus* de produção, a casa de farinha, na qual são movimentados conhecimentos e vivências, repassados e transformados de geração em geração, como anunciada na fala de Meury (2021): *comecei de nova, eu comecei com a minha mãe desde cedo, ela começava me levar eu era bebê, ai pronto, fui crescendo fui tendo conhecimento, [...] hoje eu sobrevivo da mandioca.*

Assim sendo, constitui-se para além do espaço produtivo da farinha, enquanto ambiente de convivência, de produção e reprodução de conhecimentos culturais, como afirma Silva (2011, p. 20): “A casa de farinha é um espaço onde se produz não apenas a matéria (farinha), mas também cultura e educação, e, ao produzir cultura e educação, o ser humano está se produzindo enquanto ser multiplicador desse saber camponês.”

À medida que são mobilizados saberes e fazeres na produção da farinha, reafirma-se a antropia nas relações sociais, culturais e históricas estabelecidas, favorecendo o movimento antrópico, que se constitui a partir das ações engendradas pelos trabalhos das pessoas envolvidas no processo da mandiocultura, contribuindo para garantir o viés tradicional, sem, contudo, perder de vista as transformações socioambientais relacionadas ao momento histórico presente, pois: “Os fazeres cotidianos são compreendidos a partir das diferentes relações sociais, ou relações de (con)vivência exercidas em uma determinada comunidade dentro de um tempo histórico (SILVA, p. 20).”

A compreensão do processo de antropia estabelecido no *lócus* da produção que aglutina o ambiente das casas de farinha, o trabalho das mulheres raspadeiras de mandioca demanda o reconhecimento das etapas de produção da farinha, de forma tradicional, as relações estabelecidas neste contexto e as divisões das tarefas. Com destaque para a relevância da atuação da mulher nesse processo produtivo, tendo em vista que: “O fazer farinha configura-se como um processo que está para além do resultado final de um sistema produtivo, porque alberga também relações de (con)vivência e vínculos familiares na sua

execução (SILVA, 2011, p. 46).

O processo ao configurar técnicas tradicionais, instrumentos tecnológicos, de caráter simples e manual, implica a exigência de um perfil coletivizado em todas as etapas da produção da farinha, que envolve ajuda mútua de membros da família, pessoas da comunidade, compondo uma malha de relações sociais. Com destaque, a participação da família, para o andamento dos trabalhos no âmbito das casas de farinha. Identificamos no conjunto da malha de relações a contratação de mão de obra diária de pessoas da convivência cotidiana.

Na temática das malhas de relações estabelecidas no perfil coletivizado identificamos um dado capaz de gerar mudanças nesse cenário. Foi constatado no *locus* da pesquisa, a presença de uma máquina descascadeira<sup>8</sup> de mandioca (registrado abaixo) em duas casas de farinha da comunidade.



Fotografia 10: Máquina descascadeira (Autoria: Simone Rabelo, 2021).

A máquina denominada de descascadeira que tem como finalidade descascar a mandioca, é um instrumento de grande porte se comparado aos instrumentos tecnológicos tradicionais. Inovação tecnológica criada para atender a lógica do mercado, pois objetiva prioritariamente o lucro e não o bem estar social de todos (MEDEIROS *et al.*, 2017).

Esse equipamento tem o papel de acelerar o processo produtivo, contudo, à medida

que agiliza o tempo de limpeza da mandioca, desarticula o perfil coletivizado, gerando mudanças estruturais aos espaços de produção tradicional ao impactar os saberes e fazeres culturalmente construídos, pois ocorrem mudanças na forma e no tempo de produção ao diminuir significativamente o quantitativo de mulheres, a mão de obra feminina, como afirma a senhora Francisca (2021):

Antes quando era para raspar, que era muita gente, muita mesma, [...]mais depois que foi para cortar a cabeça, [...] que aí ficou poucas, ficou só eu e umas quatro que ficou. [...]quando era muita gente, porque era muita gente mesmo. As vezes tinha de vinte raspadeira no Retiro era, de vinte raspadeira, agora não, só é quatro e cinco cortando cabeça.

A fala da senhora Francisca demonstra que a mecanização e tecnificação dos espaços tradicionais não consideram a dinâmica das múltiplas relações estabelecidas nesses espaços produtivos (TEIXEIRA, 2005). Em especial os saberes e fazeres das mulheres raspadeiras de mandioca. Essas iniciativas de modernização desses espaços produtivos, que se iniciaram nos anos de 1950, visam atender as demandas do sistema capitalista, contudo revela resultados diversos e controversos na sociedade, tendo em vista que desconsideram os aspectos socioantropológicos constituintes das sociabilidades humanas das comunidades tradicionais.



Fotografia 11: Mulheres desencabeçando a mandioca (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

A imagem da casa de farinha que possui máquina descascadeira, revela as mudanças mediante o número mínimo de mulheres raspadeiras de mandioca, pois visualizamos somente duas mulheres desencabeçando a mandioca e uma no tanque lavando a mandioca que sai da máquina, um quantitativo bem menor.

Comparado com os retiros que ainda trabalham com a raspagem de mandioca de forma totalmente manual, o que impacta diretamente na rotina do trabalho de perfil tradicional coletivizado, e nos saberes e fazeres das mulheres, uma que as raspadeiras ficam com espaços limitados para o desenvolvimento de suas atividades, implicando diretamente na fonte de renda que garante a sobrevivência das famílias envolvidas.

A implantação da máquina descascadeira em duas casas de farinha da vila de São Jorge, geraram um verdadeiro choque cultural, visível na fala da senhora Francisca, na qual fica claro a diminuição impactante da quantidade de mulheres: *Às vezes tinha de vinte raspadeira no retiro era, de vinte raspadeira, agora não, só é quatro e cinco cortando cabeça, né?*. Essas mudanças provocam problemas de ordem social, econômica e cultural (LOBÃO; STADUTO, 2020), havendo necessidade de toda uma reorganização nesses espaços produtivos tradicionais.

De acordo com a fala da Laíde, quando surgiu a máquina descascadeira de mandioca houve a tentativa de dispensarem o trabalho das raspadeiras, mas não deu certo: *Lá tem uma descascadeira. Mas pra mandioca ir para lá, ela passa primeiro por nós, para poder ir pra lá, para ela dar o ponto. Ele já experimentou tirar a gente pra ficar só na descascadeira, mas não deu certo, aí voltou pra nós o trabalho.* (LAÍDE 2021).

As falas de Francisca e Laíde, denunciam de forma contundente como a presença de uma tecnologia de grande porte, ameaça o trabalho realizado tradicionalmente na mandiocultura pelas mulheres. Entretanto, por hora, a participação delas ainda é prioritária nessa etapa de limpeza da mandioca, mesmo havendo a diminuição do quantitativo feminino, pois são elas que têm o papel de preparar a raiz para poder ir para a máquina.

É válido ressaltar, que as mulheres da comunidade se identificam como raspadeiras de mandioca, mesmo diante da introdução de uma nova tecnologia que vai desconfigurando o contexto da produção, elas ainda não perderam sua essência, aquelas que raspam.

### **3.2.1 Etapas do processo produtivo da Farinha de forma tradicional**

*Tudo que a gente faz com esforço com suor da gente é digno* (ANTONIA, 2021).

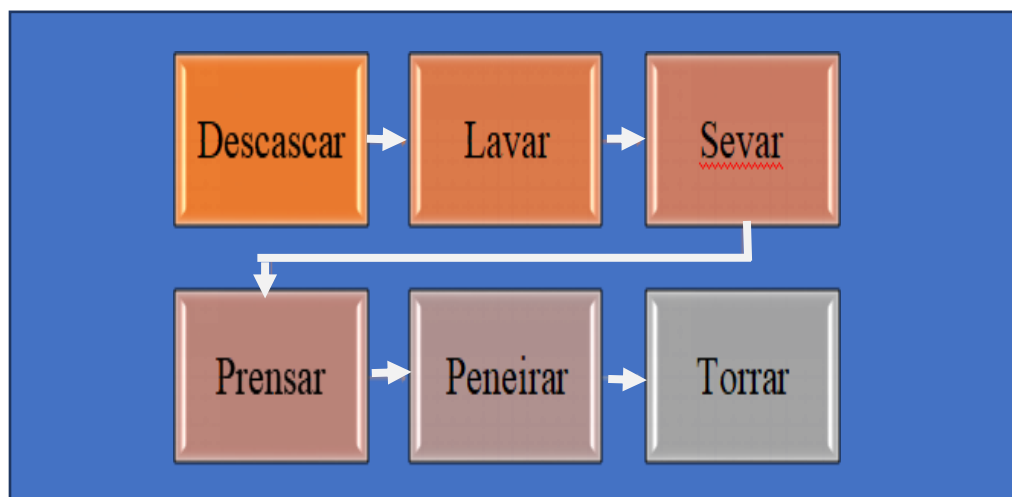
A mobilização dos saberes e fazeres tradicionais realizados pelas mulheres

raspadeiras de mandioca, que na atualidade enfrentam inúmeros desafios anunciados anteriormente, está inserido no processo produtivo da farinha, que articula várias etapas, indo da colheita da mandioca, denominada pelos agricultores de arrancação<sup>10</sup> da mandioca, pois vão arrancar do solo a raiz, até o produto final, a farinha. Nesse processo, a mão de obra familiar tem papel fundamental, contudo o perfil coletivizado demanda a contratação de mão de obra. Na sequência detalharemos os passos desse processo.

Na mandiocultura, o primeiro passo constitui-se da arrancação da mandioca. Geralmente essa atividade tem início na madrugada, e segue ao longo do dia, podendo durar um ou mais dias, dependendo do tamanho da área. Os homens, prioritariamente, fazem esse trabalho, não constatei a presença da mulher nessa etapa. Habitualmente exige a contratação de mão de obra, na forma de diária ou arrancação por quilo ou caixa, principalmente quando se trata de uma grande área. Depois de arrancada, a mandioca é desencabeçada do caule para ser transportada a casa de farinha. Tradicionalmente nesse momento, envolve um significativo número de pessoas trabalhando com o objetivo de concluir essa tarefa com maior rapidez.

Os homens executam a tarefa de colocar a mandioca no transporte, objetivando conduzi-la até o *lócus* de produção da farinha. Tratores e/ou caminhões fazem parte desse cenário, dependendo da quantidade, do distanciamento do roçado e das condições financeiras do dono da farinhada.

O início das etapas do processamento da matéria prima ocorre quando a mandioca é descarregada no retiro, com a materialização da produção da farinha de forma tradicional, conforme figura abaixo, sobre o ciclo de processamento:



Fluxograma 1: Ciclo de processamento da farinha de mandioca no âmbito da casa da farinha (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

<sup>10</sup> Termo utilizado tradicionalmente para arrancar a mandioca do solo.

O do processamento é um movimento realizado historicamente com viés intergeracional, para o desenvolvimento das etapas acima mencionadas, tradicionalmente, existem divisões de tarefas hierarquicamente definidas, em que papéis de homens e mulheres são atribuídos pelo nível de esforço aplicado em cada atividade. Aos homens cabe predominantemente trabalhos que exigem um maior esforço físico, enquanto que as mulheres são responsáveis pelas tarefas que exigem “menor” esforço físico, no caso principalmente da raspagem da mandioca (RABELO *et al.*, 2020).

A divisão de tarefas no espaço tradicional no qual ocorre o ciclo de processamento, considera que os papéis de homens e mulheres são produtos de um destino biológico, e não uma construção social, evidenciando uma divisão sexual do trabalho que:

Está ancorada em dois princípios básicos, o princípio da separação que está relacionado ao que difere o trabalho do homem do trabalho da mulher e o princípio hierárquico, que está relacionado ao valor do trabalho do homem e o valor do trabalho da mulher. (GROSSI; OLIVEIRA; BITENCOURT, 2018, p. 5)

A chave de leitura contribui para realizar o diálogo sobre a materialidade dos papéis destinados a homens e mulheres, seus saberes e fazeres em cada etapa do processo produtivo, no âmbito da casa de farinha, detalhados na sequência:

A limpeza da mandioca, primeira etapa do ciclo produtivo da farinha, inicia-se na chegada desta matéria prima a casa de farinha. Na divisão de tarefas, esse primeiro passo é destinado tradicionalmente às mulheres, esse dado é evidenciado e vivenciado em outras comunidades tradicionais, segundo produções acadêmicas dissertativas de Andrade (2010); Oliveira (2016); Batista e Nascimento (2019). Pesquisas produzidas em diferentes lugares, que tem em comum a tríade, produção de farinha; trabalho da mulher; limpeza da mandioca. As imagens abaixo revelam as vivências das mulheres nessa tríade.





Fotografias 12, 13, 14, 15: Etapas do processo de raspagem da mandioca (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

Os registros imagéticos retratam etapas da limpeza da mandioca de forma tradicional. Na primeira, temos a mandioca em seu estado natural, amontoada com casca. Na segunda, temos a mulher raspadeira, apresentando a mandioca e seu instrumento de trabalho, a faca. Na terceira, temos a execução da raspagem da mandioca. Na quarta, temos a mandioca devidamente descascada. Essa etapa é fundamental, pois vai garantir a qualidade ou não do produto final, a farinha, influenciando no valor de comercialização, inclusive.

Aqui observamos um trabalho manual feito exclusivamente por mulheres. O conhecimento e habilidades são fundamentais, para a condução dessa etapa, onde mulheres com seus saberes herdados de seus ancestrais (FARIAS, 2014), operacionalizam a limpeza da mandioca empregando técnicas como forma de facilitar e agilizar seu labor e também a produção. Os instrumentos tecnológicos utilizados pelas mesmas na limpeza da mandioca é a faca e o raspador, tecnologia bem simples, mas de singular importância para o trabalho delas, pois possibilita a execução de um ofício que lhes garante a sobrevivência, mesmo que minimamente.



Fotografia 16: Instrumentos utilizados para descascar a mandioca (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

A lavagem da mandioca, é a segunda etapa do ciclo produtivo tradicional da farinha, que se dá no espaço de produção. Depois de descascada pelas mulheres raspadeiras, a mandioca é transportada para um tanque para ser lavada. Tradicionalmente essa etapa é feita por homens e mulheres coletivamente, por ser considerada um trabalho hierarquicamente mais leve, que não exige muito esforço físico para sua execução, como apresentado a seguir:



Fotografia 17: Lavagem da mandioca (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

A imagem reproduz a efetivação da rotina laboral, com a presença de uma mulher e um homem. Etapa do ciclo produtivo definida como uma tarefa leve, caracterizando o critério biológico como princípio fundante no nível de complexidade apreendido no processo tradicional. Comportamento que reproduz aspectos coloniais fomentados por relações androcêntricas (TEDESCHI, 2007), que determina a supremacia do homem sobre a mulher e que define os papéis no contexto tradicional.

Em contrapartida, o transporte das caixas com mandioca para os tanques de água, com a finalidade de lavá-las, constitui-se tarefa normalmente destinada aos homens, haja vista ser caracterizada uma atividade que exige um nível de esforço maior

A sevagem da mandioca, terceira etapa do ciclo tradicional da farinha, realizada com objeto cortante, acionado por motor, requer muito cuidado por parte do operador que vai conduzir essa tarefa, pois há perigos de mutilação, de acidentes graves envolvendo os membros superiores. Tradicionalmente é executada por um homem.



Fotografia 18: Sevagem da mandioca. (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

A imagem demonstra a sevagem da mandioca desenvolvida pelo sexo masculino, não foi constatado a participação de mulheres nessa atividade. A justificativa dos homens presentes está vinculada ao fato de demandar força física, agilidade e ser considerada uma tarefa bruta, perigosa, uma vez que qualquer descuido pode gerar um acidente grave, logo

requer a força de um homem para desenvolvê-la. A justificativa reforça a compreensão errônea da mulher como sexo frágil, incapaz de efetivar determinadas tarefas no ciclo produtivo.

Na sevagem, depois de lavada, a mandioca é colocada numa bancada, chamada de rodete, na qual tem um motor elétrico, que tritura a mandioca. A imagem, reproduz a necessidade do trabalho manual, a paciência, a persistência, uma vez que a mandioca é cevada uma a uma.

A prensagem da massa, quarta etapa do ciclo produtivo, no qual a matéria prima triturada, recebida em forma de massa e colocada para prensar, com a finalidade de retirar o excesso de tucupi. Trabalho feito exclusivamente por homens, as vezes são necessários dois homens para manusear o equipamento, para que a massa fique bem seca. Etapa que demanda muito esforço físico, força para o seu desenvolvimento, o que segundo justificativa inviabiliza o papel da mulher.



Fotografia 19: Prensa (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

A prensa, como demonstrada na imagem é uma tecnologia tradicional, muitas vezes confeccionada por pessoas da própria comunidade. Esse equipamento tem a finalidade de

espremer a massa, que colocada em sacos é prensada para a retirada do tucupi. Geralmente essa etapa se dá de um dia para o outro, ao longo do dia, de hora em hora, há a necessidade de prensar mais a massa, pois, quanto mais for extraído o tucupi da mesma, melhor é a qualidade da farinha, hoje na produção tradicional da farinha. Outro é o modo industrial, a lógica é bem outra.

Peneirar a massa, quinta etapa do ciclo produtivo da farinha. A massa ao sair da prensa, completamente enxuta, encontra-se pronta para ser peneirada. Etapa considerada tradicionalmente leve, segundo informações coletadas nas casas de farinha, é realizada tanto por homens, como por mulheres. Na imagem temos a participação de um homem:



Fotografia 20: Peneira (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

O homem efetiva a tarefa de peneirar a massa para retirar o excesso de caroços e pedaços de mandioca que as vezes não trituram na etapa anterior. Exige agilidade e rapidez em seu desenvolvimento para que não fique roxa e comprometa a qualidade da farinha, pois a partir dessa etapa a massa está pronta para ser torrada. Na concepção produtiva é considerada uma atividade de caráter leve, sem necessidade de grandes esforços.

A torragem da massa, sexta e última etapa do ciclo produtivo da farinha de forma tradicional. A massa peneirada é colocada em um forno quente para ser torrada, por longas horas, até dá o ponto. Exige muito esforço físico, trabalho desgastante se comparado as etapas anteriores. A torragem da massa, tarefa destinada ao homem, pois são horas e horas na beira

do forno quente a lenha.



Fotografia: 21: Torragem da massa no forno a lenha (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

O registro imagético demonstra a torragem da massa da farinha em grandes fornos de lenha, fabricados por pessoas da própria comunidade. Nessa imagem, observa-se o trabalho de dois homens, cada um em um forno, denominados de forneiros que assumem essa fase final da produção da farinha. Para torrarem a massa, utilizam rodo, instrumento feito de madeira, utilizado durante todo o processo de torragem para mexer a massa no forno quente. Trabalho que necessita de conhecimento, agilidade, realizado com movimentos contínuos pois passam horas torrando a massa, com todo um cuidado singular, pois qualquer distração pode comprometer a qualidade da farinha. O forno aquecido pelo fogo a lenha favorece torrar a massa de maneira artesanal, que depois de torrada se transforma no produto final, a farinha.



Fotografia 22: Farinha pronta (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

A farinha é um dos produtos provenientes da mandioca, faz parte da culinária nacional em especial a culinária regional (SANTOS; CLAUDINO, 2020). Como vimos ao longo da discussão, para sua materialização são mobilizados o trabalho de mulheres e homens.

Diante do exposto, observamos que em comunidades tradicionais há uma divisão sexual do trabalho impressa no contexto de produção, onde a medida é tomada a partir de dois princípios básicos: a separação do que é responsabilidade do homem e do que é responsabilidade da mulher; e o princípio hierárquico, voltado para o valor e poder destinado ao trabalho de mulheres e homens com seus saberes e fazeres (GROSSI; OLIVEIRA, BITENCOURT, 2018). Princípio que engendra violência simbólica (BOURDIEU, 2012) e atribui ao homem o poder de dominação que se naturaliza nos ambientes produtivos tradicionais e se tornam inquestionáveis as próprias vítimas. As tarefas femininas são concebidas como leves, mas a partir do ponto de vista dos homens. A alteridade é um princípio necessário para avaliarmos os papéis desempenhados pelo outro para não sermos indiferentes e insensíveis diante daquele que está para além de mim (KAPUSCINKI, 2009). Esses princípios foram sendo moldados historicamente, conduzidos a partir de um modelo

colonial, embalado por um sistema patriarcal (MIGNOLO, 2017), no qual todas as determinações e escolhas partiam dos homens que hierarquicamente tinham, e ainda tem poder de controle, principalmente em comunidades tradicionais.

Qualquer mudança relacionada ao papel do homem e o papel da mulher, que fogem a regra do que se constituiu historicamente se configura como ajuda. As mulheres podem ajudar em tarefas destinadas ao homem quando houver necessidade, principalmente quando se produz farinha em pequena quantidade, somente para suprir a necessidade da família. Contudo, é quase nulo o homem desenvolver atividade destinada a mulher. No lócus da pesquisa constatei a participação de um homem na raspagem da mandioca, esposo da senhora Nelma, que estava li para ajudá-la, [...] *ele sempre vem pra me ajudar, aí a gente apura mais*, afirma a senhora Nelma.



Fotografia 23: Participação do homem na raspagem da mandioca. (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

Esse aspecto de trabalho colaborativo na relação estabelecida entre a senhora Nelma e seu esposo que se retrata em seu ambiente antrópico (FERNANDES; RAMOS, 2020), demonstra princípios da decolonialidade (MIGNOLO, 2017), se estabelecendo nas relações familiares em comunidades tradicionais que se reflete no ambiente de trabalho, é um comportamento diferente que gera espanto entre os que vivenciam [...] *pode ver não tem*



*nenhum homem raspando. A não ser o marido da menina ali, que vem ajudar ela[...] afirma a senhora Francisca, com uma certa admiração.*

Um comportamento que rompe com preceitos machistas e ultrapassa o ambiente familiar. É uma forma de reconhecimento por parte do esposo, da importância do trabalho de sua mulher como raspadeira de mandioca. O que demonstra a importância do exercício da alteridade como um princípio necessário para avaliarmos os papéis desempenhados pelo outro, para não sermos indiferentes e insensíveis diante daquele que está para além de mim (KAPUSCINKI, 2009).

### **3.3 Saberes e fazeres das mulheres corporificados em uma farinhada**

*[...] todo mundo pensa que é um serviço maneiro, mas não é. É cansativo, deixa a gente muito enfadada. Você chega em casa [...] você fica com o corpo todo dolorido.* (ANTONIA, 2021).

A chave de leitura demonstra claramente que a raspagem de mandioca, apesar de ser caracterizada tradicionalmente como uma atividade leve, depreende horas diárias de dedicação de uma atividade repetitiva que gera desgaste físico. Trabalho esse vivenciado cotidianamente por mulheres raspadeiras de mandioca, mas que não lhes é dado o devido valor seja no aspecto econômico, social e cultural.

Nesta seção abordaremos os saberes e fazeres das mulheres corporificados em uma farinhada no exercício de seu papel de raspadeira de mandioca, com destaque para as condições de trabalho.

Como vimos na seção anterior, as etapas do ciclo produtivo da farinha são feitas consecutivamente, as mesmas demandam trabalho coletivo, de viés tradicional e intergeracional. A participação da mulher é importante na raspagem da mandioca. Para além dessa participação, elas produzem em meio a uma farinhada, outras iguarias provenientes da mandioca, como a tiragem do tucupi e da goma. Fazem o beiju, o pé de moleque, a farinha de tapioca, a tapioca na folha de bananeira e a farinha de coco, o que torna esse momento enriquecedor, produtivo e de grande contribuição para a alimentação da família e vizinhos.

Conforme depoimento das mulheres, o trabalho de raspadeira de mandioca é feito com muito amor e há um grande respeito e orgulho do seu papel em meio a uma farinhada, como declarado pela senhora Nelma: *Eu amo o meu trabalho, isso aqui é minha vida.* Observa-se na fala da colaboradora, que para além de ser gerador de renda, gera prazer e benefícios emocionais tendo em vista a socialização que existe neste espaço, através das

conversas, gargalhadas, [...] *é bom o meu trabalho, eu me dou com minhas colegas, a gente conversa, a gente ri. É bem animado*, afirma a senhora Lindanir.

Importa ressaltar que a relação estabelecida entre elas é de companheirismo, de sociabilidade, elas se preocupam umas com as outras, relação que ultrapassa qualquer forma de conflito ou intriga que possa ser vivenciado entre elas naquele ambiente. Contudo, observou-se que as condições de trabalho é precária e desencadeia doenças físicas por conta de ser uma atividade repetitiva e desenvolvida em condições inadequadas. Há um nível de exploração no que diz respeito a condição de trabalho, que está ligado a estrutura dos barracões, o tempo de trabalho, o valor da força de trabalho, e a ausência de garantias de leis trabalhistas.

O tempo de trabalho dedicado diariamente as farinhadas, geralmente, ultrapassam as determinações legais, iniciam-se na quarta-feira, e vai até sábado. Quando tem muita mandioca inicia na terça-feira, [...] *tem semana que começa na terça ...aí a gente vai até sábado*, afirma a senhora Laíde. Como trabalham por produção, não é estipulada às mulheres raspadeiras um horário fixo, contudo, a maior parte delas preferem, iniciar pela madrugada:

Eu vou pro retiro, eu não tenho hora marcada, eu vou é dez para as quatro, aí quando dá seis horas da manhã, venho em casa, quando não levo direto até acabar. (LAÍDE, 2021).

Começo às cinco horas da manhã a trabalhar, é muito difícil não ir esse horário, as vezes a patroa manda ir mais tarde, mas o horário mesmo que eu gosto é cinco da manhã. (ANTONIA, 2021).

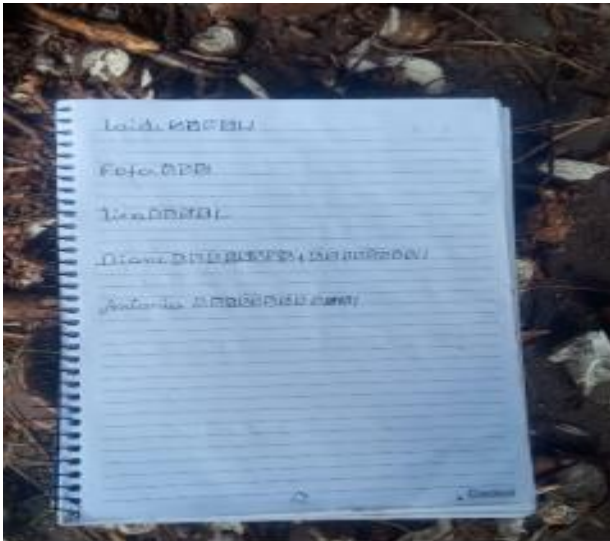
A partir dessas falas, observamos que o horário de início da atividade é determinado pela própria raspadeira, contudo a escolha objetiva um melhor desempenho, maior produtividade, e bem estar. Na madrugada o clima é bem mais tranquilo, durante o dia é muito quente, como afirma a senhora Antônia: *O horário mesmo que eu gosto é 5:0h da manhã, é mais silencioso, não tem zoada demais, né? Eu gosto desse horário e é friozinho.*

Conforme observamos, a jornada de trabalho semanal dessas mulheres é intensa, as mesmas determinam o horário de início da raspagem, mas não tem hora para parar. Há um nível de exploração que tiram delas o direito a qualidade de vida e ao longo do tempo comprometem sua saúde, [...] *isso é uma área, que a gente trabalha porque a gente necessita, mas ela traz muita coisa de doença, o que eu sinto agora, meus problemas de saúde sei que é dessa vida*, enfatiza a senhora Antônia.

São anos e anos fazendo o mesmo trabalho, sentadas em um banquinho raspando a

mandioca onde passam a maior parte do dia, o cafezinho é o companheiro inseparável, principal alimento no dia a dia dessas mulheres, as vezes ficam parte do tempo sem se alimentar com qualidade, o que torna o trabalho cansativo e desgastante, como declarado pela senhora Antônia: *É um serviço cansativo, deixa a pessoa quebrada no final do dia. A pessoa que trabalha desde nova nessa área não vem dizer que é uma pessoa sadia, porque não é. Com o tempo a gente começa a sentir certas coisas.*

O controle da produtividade do trabalho dessas mulheres é feito através de um caderno de anotação que consta o nome de cada uma, com traços que correspondem a quantidade de caixas. Como vemos na imagem abaixo:



Fotografias 24 e 25: Caderno de controle de caixa (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

A imagem reproduz a forma simples sob a qual é feito o controle da produtividade diária das mulheres raspadeiras de mandioca que é feita pelos homens, são eles que anotam no caderno o quantitativo de caixas e o controle da quantidade de mandioca colocada nas caixas, como retrata a imagem abaixo:



Fotografia 26 e 27: Controle da quantidade caixa de mandioca raspada (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

A imagem reproduz a forma de controle da produtividade das mulheres raspadeiras de mandioca, o momento em que os homens enchem as caixas de mandioca que foram raspadas por cada mulher. Na imagem acima, temos também a figura da mulher raspando mandioca que à medida que vão raspando, os homens vão recolhendo para levar ao tanque para lavar. Demonstrando o controle do homem as atividades delegadas tradicionalmente às mulheres, como a quantidade de mandioca na caixa e os valores correspondentes ao longo do dia.

O valor da força de trabalho da mulher em sua atividade de raspadeira, corresponde ao valor de sua produção: uma caixa de mandioca raspada, atualmente custa \$2,50; uma caixa de mandioca cortada a cabeça corresponde \$0,60. Conforme afirma a senhora Antônia: “[...] *pra cortar cabeça uma caixa é \$0,60 (sessenta centavos) e pra raspar uma caixa é \$2,50 (dois e cinquenta)*”.

Contudo, a raspadeira enfatiza “[...] *mas no momento que você fizer R\$2,50 numa caixa, se tiver mandioca, você faz R\$4,00 ou R\$5,00 reais cortando, num intervalo que você faz raspando.*” A fala da colaboradora, mostra o lado positivo da introdução da máquina descascadeira, pois, contribui para o aumento da sua produtividade, contudo a ela finaliza sua fala mostrando o lado negativo da introdução da máquina descascadeira, pois diminui o quantitativo de mulheres nas casas de farinha, como vimos anteriormente: “[...] *tem retiro por aí que não tem mulher trabalhando, tem uns que só é duas raspadeiras*”.

A produtividade diária das mulheres raspadeiras de mandioca, corresponde geralmente, em torno de 20 caixas, quando a limpeza da raiz é feita totalmente de forma manual, ou seja, raspada; 50 caixas de mandioca, quando há o auxílio da máquina descascadeira, o trabalho da mulher é de desencabeçar a mandioca. A produtividade semanal varia, pois depende de diversos fatores como: a quantidade de dias trabalhados, a quantidade de mandioca na casa de farinha, a quantidade de mulheres que estiverem trabalhando, como afirma as colaboradoras:

[...] a gente ganha pouco, tem semana que a gente não faz nem cem reais por semana, mas depende também do tanto de mandioca que tem, do tanto de raspadeira que tem, quando vai muita, ou pouca.” (LINDANIR, 2021).

[...] semana passada comecei de quarta, fui até quinta só, que sexta-feira eu sai, sábado não tem, aí eu apurei R\$50,00.” (LAÍDE, 2021).

Diante do exposto, observa-se que a relação de poder que se estabeleceu historicamente, ainda é evidenciada em diversos ambientes em que se relacionam homens e mulheres (CARDOSO, 2002).

Nesse trabalho observa-se que toda a logística que permeia o trabalho da mulher raspadeira de mandioca, principalmente, a produtividade, os valores da força de trabalho, são determinadas pelo sexo masculino, que usa como parâmetros o que tradicionalmente foi classificado como trabalho leve e trabalho pesado e desconsidera a vivência das mesmas; o tempo dedicado a essa atividade repetitiva; o desgaste físico; as lutas que se travam ao longo de sua trajetória de trabalho como raspadeira de mandioca. Uma postura colonial/patriarcal onde se vivencia o poder hierárquico com relação a questão de gênero (ALVAREZ, 2008), que na contemporaneidade vivencia-se nas relações de trabalho nas casas de farinha tradicionais e, mais especificamente, na Vila de São Jorge.

O reconhecimento da importância do trabalho das raspadeiras de mandioca, como também o respeito que a sociedade deve ter por essas mulheres é algo que precisa ser conquistado, pois é um trabalho que requer saberes e fazeres, uma vida de dedicação, empenho e habilidades técnicas, pois não pode ser feito de qualquer forma: [...] *a mandioca deve ser bem limpa, para a farinha ser de qualidade*, afirma senhora Antônia (2021).

Para o exercício do trabalho de raspadeira de mandioca é necessário que se tenha conhecimento e habilidade, mesmo que pareça ser simples, existem técnicas que vão desde a forma de raspar a mandioca, a agilidade impressa no movimento até a identificação da espécie de mandioca para não comprometer a qualidade da farinha, como afirma Silva (2011, p. 95):

“Se para alguns sujeitos o saber descascar é fácil, para outros não. Trata-se de uma prática que exige, além do manuseio, um conhecimento que ajuda a identificar as espécies de mandioca que podem ou não comprometer a qualidade da farinha”.

### 3.4 O lugar do trabalho da mulher raspadeira de mandioca da Vila de São Jorge

Para além de simples ambientes de trabalhos, as casas de farinha representavam também espaços de sociabilidade, na qual os serviços realizados eram acompanhados pelos encontros, conversas e cantorias (OLIVEIRA, 2016, p. 130).

A chave de leitura caracteriza a casa de farinha, como espaço de vivências de saberes e fazeres que movem e inspiram sentimentos. Esses espaços são fundamentais para a garantia de sobrevivência das comunidades tradicionais da Amazônia paraense que mantêm a tradição dos processos produtivos utilizando tecnologias onde prevalecem a força do trabalho humano.

Historicamente, nas casas de farinha em meio ao ciclo de produção coexistem sempre a produção de saberes com a vida deslindada nos espaços socioeducativos (SILVA, 2011), que garantiam e garantem a manutenção da tradição, por toda a família, e isso é visível na fala de todas as colaboradoras deste trabalho acadêmico, *olha, quando eu comecei, eu comecei trabalhando com o meu pai. Comecei trabalhando. Ele trabalhava na produção da mandioca já. Nos toda trabalhava na produção da farinha, meu pai, minha mãe, meus irmãos* (ANTONIA, 2021).

A fala acima também demonstra que tradicionalmente, na convivência diária em meio às práticas desenvolvidas no interior das casas de farinha foram se dando o processo de ensino-aprendizagem transgeracional, imbuídos na questão de gênero onde as meninas aprendiam com as suas mães o que é o ofício das mulheres; os meninos aprendiam com seus pais o que é destinado aos homens.

Nessa perspectiva, a raspagem da mandioca foi uma aprendizagem que se deu na convivência com a mãe, em meio às estruturas simples que caracterizavam os espaços de produção da farinha, desde a infância quando acompanhava os pais no retiro de farinha, *eu aprendi com minha mãe a raspar mandioca [...]*, afirma a senhora Nelma, o que reforça a ideia de que a aprendizagem no ambiente de trabalho era uma realidade no cotidiano dessas mulheres.

Atualmente, essa perspectiva transgeracional encontra-se comprometida na Vila São Jorge, tendo em vista que, devido a legislação do Estatuto da Criança e Adolescente, que

proíbe a exploração do trabalho infantil, já não encontramos crianças nesses espaços.

Uma interpretação errônea com relação a lei de proteção à Criança e Adolescente, pois compromete os processos pedagógicos vivenciados nos espaços produtivos tradicionais, a manutenção da tradição e conseqüentemente da vida, tendo em vista que a categoria trabalho em comunidades rurais não tem a mesma conotação que a categoria trabalho capitalista geradora de lucro e exploração:

Na comunidade produtiva camponesa, embora, eventual ou sistematicamente, também sejam produzidas mercadorias para o mercado, o trabalho é muito mais identificado com a criação de valor de uso, uma vez que parte considerável das atividades realizadas pelas famílias é direcionada à criação e à transformação de objetos úteis para a sobrevivência de seus membros (CRUZ; RAMOS, 2017, p. 74).

Na atualidade, as casas de farinha da Vila São Jorge, se apresentam como um espaço simples, compostas por um barracão, construído próximo da casa de morada, coberto com telha de fibrocimento (vide imagem abaixo), que tem baixo rendimento térmico, o que torna o espaço extremamente quente, somado ao barulho do motor que seiva a mandioca, gera um grande desconforto.



Fotografia 28: Casa de Farinha (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

Os barracões tem toda uma logística de organização que é pensada para atender à

necessidade da demanda da produtividade, mas não as demandas humanas das mulheres. O espaço de raspagem da mandioca fica na entrada do barracão, na sequência encontramos os demais instrumentos tecnológicos, como: a prensa; a peneira; as cochas; a bancada do motor para sevar a mandioca; os tanques para lavar a mandioca, o forno para torrar a massa.

O espaço destinado à raspagem da mandioca é amplo, contudo, se torna pequeno quando da quantidade de mandioca e pessoas que transitam pelo mesmo como expõe Meury: *[...] o lugar onde a gente corta é um lugar muito pequeno pra muita mulher, porque lá tem as pessoas que enche as caixas, mas só que aí vai amontoado. Cada ruma é maior que a outra, entendeu? e aí vai acumulando a mandioca aí fica ruim para trabalhar.*

A afirmativa de Meury, demonstra que o espaço aglomerado por pessoas, máquinas e mandioca torna o ambiente quente e desconfortável para o exercício de seu trabalho, ficam cotidianamente expostas ao calor, como expõe a senhora Antônia: *Mas só que casa de farinha, não tem como ser diferente, por que onde é que fica é a quentura, muito quente, mas não tem como não ser quente, por que é maquina por cima de máquina, por que a gente trabalha, coisa de muita gente, o que sufoca é a quentura [...].*

A mandioca, ao chegar ao espaço de produção é depositada no chão, geralmente em grande quantidade, vai depender da farinhada. As mulheres sentam no chão ou em um banquinho em torno do aglomerado de mandioca, munidas de uma faca, um raspador e um saco que colocam em cima das pernas como forma de proteção como vemos na imagem abaixo.





Fotografias 29 e 30: Espaço de trabalho das raspadeiras de mandioca (Autoria: Rabelo, Simone, 2021).

Ao mesmo tempo que trabalham as conversas fluem descontraidamente, outras mulheres ficam quietinhas imersas em seus pensamentos. Percebe-se que o ambiente, ao mesmo tempo que é um espaço reflexivo é também um espaço de socialização de conhecimentos, acontecimentos, informações entre elas, fazendo com que o ambiente se torne mais agradável e familiar, mesmo diante da precariedade estrutural.

Em meio a uma farinhada, o som é indispensável, fica sempre em cima de uma tábua em um local alto do chão. Enquanto espaço de socialização, as conversas, as gargalhadas ecoam, juntamente com a música que toca, deixando o ambiente descontraído ao longo do dia de trabalho das mulheres, como afirma a senhora Lindanir (2021): *Nós passa o dia todim aqui brincando uma com a outra. É uma animação (sic).*

A casa de farinha se constitui, além de um ambiente de trabalho, em espaço de “*animação, de descontração*”, no qual o trabalho contribui para extravasar as cargas emocionais, como diz a Meury 2021: *Lá é um espaço de descontração, porque a pessoa vai cortando ali, vai esquecendo das coisas, às vezes eu tô estressada, aí vou para o retiro, lá eu vou tirando minha raiva vai, vai passando (sic).*

A fala da colaboradora reforça a ideia de um momento prazeroso, que fazem com que a rotina de trabalho transcorra com mais leveza, diante das condições precárias a qual essas mulheres vivenciam cotidianamente, um lugar de trabalho que gera penosidade, pois não oferece condições mínimas de conforto para elas, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 2: Nível de penosidade (precariedade) do trabalho das mulheres raspadeira de mandioca.

<b>Colaboradoras</b>	<b>Queixas</b>	<b>Doenças</b>
Nelma	Não tem queixa	
Francisca	Não tem queixa	
Láide	Chão sujo e melado; Barulho; Espaço pequeno.	“Às vezes fica aquele melado no chão [...] apareceu essa coceira na em mim. O doutor passou remédio para micose [...] quando não vou trabalhar melhora.” (sic).
Antônia	Barulho; Calor; Espaço pequeno; Chão desnivelado.	“Quando eu tô ruim às vezes eu tento ir trabalhar, mas às vezes eu desisto, quando to com muita dor.” (sic).
Lindanir	Chão de barro; Quentura; Espaço pequeno	“Com certeza, muita dor na minha costa, tem dia que tô ruim da minha costa.” (sic).
Meury	Espaço pequeno; Chão desnivelado.	“[...] às vezes não dou conta, eu sinto dor na costa.” (sic).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme observamos, no quadro acima, duas das colaboradoras, a senhora Francisca e a senhora Nelma, não se queixam de nada, quando se pergunta sobre a penosidade do trabalho feito por elas, conseqüentemente não se queixam de nenhum tipo de doença. Comportamento que pode ser justificado por serem aposentadas, contudo não abrem mão do trabalho de raspadeiras de mandioca. Em suas palavras percebemos o amor e gratidão que tem pela raspagem da mandioca.

É um trabalho que eu faço porque eu gosto, gosto muito mesmo. Eu gosto de

raspar mandioca, tu acredita? [...] Criei meus filhos raspando mandioca graças a Deus, hoje todos já é dono da sua vida. Graças a Deus.” (FRANCISCA, 2021).

Porque eu gosto, eu gosto do meu trabalho, é onde eu nasci, me criei, [...] eu amo meu trabalho. [...] Porque se não fosse esse trabalho, fica muito difícil para pessoa viver. (ANTONIA, 2021).

Sentimentos de amor e gratidão expressos nas falas dessas duas colaboradoras, superam qualquer tipo de dificuldades enfrentadas por elas em sua trajetória, pois já não tem na raspagem da mandioca sua única fonte de renda.

As demais colaboradoras, Meury, senhora Laíde, senhora Antônia e Lindanir se queixam da estrutura do ambiente: o chão de barro que não é nivelado, o calor intenso, devido as maquinas, o espaço pequeno se comparado a quantidade de mandioca e pessoas, o barulho das máquinas quando estão sevando a mandioca. Todas essas queixas feita pelas colaboradoras geram desconforto para o desenvolvimento de seu trabalho, provocando ao longo do tempo doenças físicas, como foi relatado por elas e destacado no quadro acima.

Em suma, constatamos pelos depoimentos que há um nível de exploração no que diz respeito a condição de trabalho, pois a estrutura não oferece conforto necessário para que elas possam desenvolver seu trabalho de forma digna. As dores no corpo, às vezes insuportáveis, fazem com que muitas vezes elas fiquem impossibilitadas de trabalhar, como afirma a Meury (2021):

Lá também é um lugar, que ele não é o chão planado é um chão que ele é cheio de curva cheio de buraco, aí tudo dificulta o trabalho da gente, né? (sic) Acho que deve ser por isso que a gente sente tanta dor na costa, na coluna, entendeu? Porque ele não é um chão planado, chão bom de sentar, não, ele é um chão sem apoio.

Dessa forma, observamos que o nível de penosidade é intenso, consequência das horas diárias reservadas a esse trabalho que muitas vezes ultrapassam as determinações legais e que comprometem a saúde dessas mulheres. Ao final de um dia de trabalho elas se encontram cansadas e desgastadas fisicamente, mas mesmo diante de todas as dificuldades e limitações vivenciadas por elas cotidianamente, demonstra em suas falas amor pelo que fazem, *eu gosto, eu me sinto bem, assim, tem uma certa dificuldade, né? porque aí a pessoa tá sentado, vem aquela dor, a gente sente, né? porque fica muito tempo sentado em um pedaço de pau, né? A gente sente, né? mas eu gosto do meu trabalho. (sic)* (MEURY, 2021).

Diante do exposto, constata-se que são vários os fatores que comprovam o nível de

exploração ao qual essa mulher raspadeira de mandioca da Vila de São Jorge vivencia e que vai desde a precariedade das estruturas das casas de farinha que comprometem a sua saúde até o tempo de trabalho que destinam a esse ofício, que muitas vezes ultrapassa as determinações legais.

Aqui, nos parece interessante considerar que o valor de sua força de trabalho que se encontra muito abaixo do que elas produzem e merecem receber se estende até a falta de políticas públicas trabalhistas direcionadas ao trabalho das mesmas, fato que move ainda a situação discriminatória do trabalho feminino nas casas de farinha e, por isso mesmo, importa que essas mulheres lutem sempre para garantir uma vida digna e respeitosa – e elas sabem disso - porque é isso que as identifica como Raspadeiras de mandioca que **São**.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi movido pela curiosidade de saber qual a importância e a relevância do papel das mulheres raspadeiras de mandioca no processo de antropia, corporificado na produção tradicional da farinha na Vila de São Jorge/Igarapé-Açu/-PA, partindo de uma perspectiva decolonial que privilegia os elementos epistêmicos locais (MIGNOLO, 2008) e possibilita o descortinar de formas de saberes e fazeres tradicionais que constituem a realidade amazônica. É necessário acessar epistemologias outras, protagonizadas pelos sujeitos que a vivenciam em um exercício de alteridade (KAPUSCINSKI, 2009).

O processo de antropia é resultado das relações sociais, econômicas e culturais incorporadas nas técnicas empregadas para a produção da farinha na vila de São Jorge, que congrega o trabalho de mulheres e homens, no sentido de reconhecer as etapas de produção da farinha de forma tradicional, as relações estabelecidas no contexto de produção e a divisão sexual do trabalho.

Nesse contexto de produção há um perfil coletivizado em todas as etapas, donde a ajuda mútua de membros da família, pessoas da comunidade, compõe uma malha de relações sociais (INGOLD, 2012). Desse modo é que a contratação de mão de obra diária de pessoas e a contratação das raspadeiras de mandioca - que ganham por produtividade - constituem e fortalece essa malha de relações, caracterizando como espaço produtivo familiar.

O perfil da mulher Raspadeira de mandioca se caracteriza pela dignidade na forma como falam e fazem o trabalho no âmbito da casa de farinha. Mulheres fortes, corajosas, vigorosas e determinadas, que sentem orgulho e tem consciência da importância do que fazem. Com seu trabalho garantem a produtividade nos espaços de produção; garantem a sua sobrevivência e de sua família, mesmo que minimamente, e reafirmam sua identidade de Mulher raspadeira de mandioca, dentre os inúmeros papéis que desempenham: o de mãe, de esposa e cuidadora do lar.

Essa postura honrada na condução dos papéis desempenhados por elas, expressa uma conduta decolonial (MIGNOLO, 2008, 2017) e libertadora (DUSSEL, 1986), pois demonstra a consciência de uma realidade que parte de uma vivência que mesmo sendo negada, excluída e oprimida (FREIRE, 1987), é concebida por essas mulheres como digna e relevante.

A produção e reprodução de saberes e fazeres intergeracional, que culturalmente favorece a manutenção da tradição, fez parte da vivência das mulheres colaboradoras da pesquisa, pois o ofício de raspadeira de mandioca é herança herdada de seus ancestrais, prioritariamente da mãe, que em sua prática cotidiana ensinavam-lhes, desde bem pequenas, o

seu ofício.

Contudo, na contemporaneidade observou-se que esses processos socioeducativos e intergeracionais que se davam nos ambientes das casas de farinha tradicionais, não são vivenciados no lócus desta pesquisa, devido a interpretação equivocada, ao marco legal, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que proíbe a exploração do trabalho infantil, fato confirmado na fala da senhora Laíde: *minha filha tem 21 anos, tem um bebê, ela não pode levar pro retiro, por causa da lei*. A filha dela é também uma das colaboradoras da pesquisa. Assim, não foi constatado em nenhuma visita feita a esses espaços a participação de crianças.

É perceptível na condução do trabalho das mulheres, formas de antropia positivas e negativas (FERNANDES; RAMOS, 2020) que são materializadas no labor das raspadeiras de mandioca e nas relações estabelecidas na casa de farinha.

Positivas, à medida que os espaços de produção da farinha são vistos como espaços de sociabilidade, pois fortalece os laços de amizade e de diálogo, o que move o lugar com as risadas, as músicas, as brincadeiras e piadas o que torna a farinhada uma festa e não só a garantia de uma renda, porque também um momento de descontração, de encontro, que fazem desse ambiente bem mais leve e harmonioso. A relação estabelecida entre elas é de companheirismo, sociabilidade e de cuidado, ultrapassando qualquer forma de conflito vivenciado naquele espaço.

Negativas, pois se estabelecem ali relações de exploração, que se configuram, na estrutura do espaço de produção da farinha, segundo as falas das entrevistadas como inadequado para o desenvolvimento de seu trabalho, até o ponto de comprometer a saúde física das mesmas. O que aparece também na relação hierárquica que determinam as questões de gênero e demarcam o lugar da mulher e seu papel como inferior, contribuindo para prejuízos financeiros, pois os valores e o controle de produtividade são feitos pelo homem.

A aquisição da máquina descascadeira em duas casas de farinha pesquisada gerou mudanças no ambiente de produção e nas relações estabelecidas, impactando diretamente no trabalho das mulheres, pois diminuiu significativamente o quantitativo de mulheres na limpeza da mandioca e também o valor de sua produtividade. Nesse sentido, a tradição do trabalho das mulheres raspadeiras de mandioca, nas casas de farinhas, se encontra ameaçado, com a implementação dessa inovação tecnológica. Nas falas das mesmas é perceptível essa preocupação.

A exploração da força de trabalho da mulher é algo constatado, no ambiente pesquisado. O seu rendimento financeiro será de acordo com sua produtividade, fato que exige alguns ajustes na tradição, onde constatei a participação do esposo de uma das

colaboradoras, que claramente na fala da mesma, estava ali para ajudá-la.

Diante do exposto, consideramos que a ausência de políticas públicas trabalhistas que atendam essas demandas sociais, que caracterizam populações tradicionais, inviabilizam a solução de problemas dessa ordem. Daí a necessidade e a importância de trabalhos científicos que tragam à tona realidades outras, com suas particularidades, subjetividades para que se possa construir caminhos legais que visem uma sociedade justa e digna a todos indistintamente.

Nesse sentido nossas considerações não objetivam o fechamento da problemática movente, implícita em nosso trabalho de pesquisa, nem no enclausuramento numa postura dogmática carregadas de certezas e completudes, próprio de uma perspectiva colonial. A verdade absoluta não ocupou o centro e sequer foi a tônica da presente pesquisa realizada na Vila de São Jorge com as mulheres que antropizam no trabalho de raspadeira de mandioca. Tal postura nos permite a abertura, a visibilidade, o esclarecimento, o descortinamento, partindo do protagonismo de mulheres que vivenciam uma realidade que, até então, é velada nos debates acadêmicos, na sociedade, nas políticas públicas e na própria comunidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Emanuel Silva. **Casa de Farinha de Dêgo**. Cachoeira, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2010.

ARAÚJO, Francisco Evandro. As coisas e os homens: casas de farinha, cultura material e experiências do cotidiano das farinhada. *Temporalidades*. **Revista de História**. Edição 22, v. 8, n. 3, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **Sobre a feitura da micro-história**. *Opsis*, v. 7, n. 9, p. 167-186, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/9336>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2020.

BATISTA, Adeil dos Santos; NASCIMENTO, Dilce Pio: **A narrativa oral das mulheres sobre a farinha na comunidade São Bonifácio do rio Marau-AM**, 2019. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3222>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BEZERRA, Francisco de Assis Pinto. **Crescimento da produção da mandioca e os impactos econômicos no nordeste paraense: o caso do Distrito de Americano no Município de Santa Izabel do Pará**. 2009. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2009.

BEAOUVOIR. S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2ª edição. Ed. Difusão europeia de livros. São Paulo. 1967.

BECKER, Bertha. Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários? **Parcerias Estratégicas**, n. 12, pp. 135-159. 2001.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, p. 17-48. 2003.

CARVALHO, Adalberto Dias. **A contemporaneidade como utopia**. Porto: Portugal, Ed. Afrontamento, 2000.

CHALIER, C. Lévinas. **A utopia do humano**. Ed. Piaget. Lisboa. 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. São Paulo, Ed. Ática. 2000.

CLAUDINO, Livio Sergio Dias. A divisão social do trabalho familiar nas atividades de produção de farinha de mandioca na comunidade Santa Ana, nordeste Paraense, Amazônia brasileira. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, 2020.

CRUZ, Carlos Renilton Freitas. **Trabalho e Educação no meio rural da Amazônia: A família e a escola como agentes formadores**. 2010. 454 f. Tese de Doutorado (Doutoramento em Educação) – Universidade do Minho. Instituto de Educação, Portugal, 2010.

CRUZ, Renilton; RAMOS, João Batista Santiago. **O trabalho na infância camponesa:**



**degradação humana, estratégia educativa familiar, condição de sobrevivência.** In: ABREU, Waldir Ferreira de; OLIVEIRA, Damião Bezerra; RAMOS, João Batista Santiago (Orgs.). Educação, Infância e Filosofia. Curitiba: CRV, 2017.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Barcellar. **O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva.** In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Barcellar (Orgs.). O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA/Núcleo Interdisciplinares sobre a mulher, 2008.

FANON, Frantz. **Condenados da terra.** v. 42. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2688237/modresource/content/1/os-condenadosdaterra-frantzfanon.pdf>>. Acesso em: 26 de março de 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 149 p. Mundo, Hoje. v. 10. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª edição, ed. Paz e terra; 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FERNANDES, J. G. S.; RAMOS J. B S. **O que é Estudos Antrópicos.** In.: RAMOS J. B S; ROCHA, C. J. T (Org.). Estudos Antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares. 1. ed. Curitiba: Appris, p. 29-41. 2020.

FERNANDES, José Guilherme; FERNANDES, Daniel dos Santos. **Personas e habitus: estudo de perfis antrópicos na Amazônia oriental.** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, 2018.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 158 p. 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas,** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GROSSI, P K; Oliveira, S. B. & Bitencourt, J. V - **Mulheres quilombolas e divisão sexual do trabalho na sociedade contemporânea.** Anais do 6º Encontro Internacional de Política Social e 13º Encontro Nacional de Política Social ISSN 2175-098X. Vitória (ES, Brasil), 4 a 7 de junho de 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2006.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **História da Agricultura na Amazônia: da era pré-colombiana ao terceiro milênio.** Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 274 p. 2003.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44. 2012.

KAPUSCINSKI, R. **O Outro.** Porto: Portugal. Ed. Companhia das letras. 2009.

- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar, 1999.
- LAMPE, A. **História e libertação: homenagem aos 60 anos de Enrique Dussel**. Rio de Janeiro. Vozes. 1995.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.
- LOBÃO, M. S. P., STADUTO, J. A. R. **Modernização agrícola na Amazônia brasileira. Revista de Economia e Sociologia Rural**. Revista multidisciplinar do núcleo de pesquisa-CUBT/UFGA. Abaetetuba-Pa. Belém Ed. Paka Tatu, v. 58, n. 2. 2020.
- MATO, Daniel. **“No hay saber universal”, la colaboración intercultural es imprescindible**”. In: *Alteridades*, v. 18, n.35. ene/jun. p.101-116 Ciudad de México, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/alte/v18n35/v18n35a8.pdf>>. Acessado em 07 abril de 2021.
- REVISTA XAPURI SOCIOAMBIENTAL. **Mani, a lenda da mandioca**. 2016. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/mani-lenda-da-mandioca>>. Acessado em 10 de março de 2021.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MOREIRA, F. F. *et al.* **A estrada de ferro Belém-Bragança e a formação socioespacial do município de Igarapé-açu**. ANAIS do VII congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória - ES, 2014.
- MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos**, trad. Maria Lucia Rodrigues, Salma Tannus. Porto Alegre: ed. Sulina. 2002.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad.: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya, 2. ed. Cortez. Brasília, DF, 2000.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Literatura, língua e identidade, v. 34, p. 287-324, 2008.
- MINAYO, MCS. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18º ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2001.
- MACIEL, Raimundo Claudio Gomes; JUNIOR, Francisco Bezerra de Lima. Inovação e Agricultura Familiar Rural na Amazônia: O caso da Mandioca no Estado do Acre. **Revista do Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 202 - 223, maio/ago. 2014.
- OLIVEIRA, Osmael Márcio de Sena. **Relações de trabalho nas casas de farinha de cuité-Pb (anos de 1950-1960)**, XVII Encontro Estadual de História, ANPUH - PB, v. 17, n. 1, 2016.
- PICANÇO, Miguel de Nazaré Brito. **Na roça, na mesa, na vida: uma viagem pelas rotas e**

**desvio da mandioca ao fazer-se coisas de comer, no além do nordeste Paraense.** Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-graduação em ciências sociais, São Leopoldo, 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.** In: LANDER, Edgardo (Org.): La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO/UNESCO, 2000a.

RABELO, Simone *et al.* **Aspectos socioculturais da mulher na produção tradicional da farinha de mandioca na vila de São Jorge – km 18, Igarapé- Açu/Pa-** p 313 -319. Revista B238E Ensino, Pesquisa e Extensão no Brasil: uma abordagem pluralista (Volume V) / Frederico Celestino Barbosa Piracanjuba - GO Editora Conhecimento Livre, 2020.

RAMOS JBS. **Por uma utopia do Humano: olhares a partir da ética da libertação de Enrique Dussel.** Porto: Portugal. Afrontamento. 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **Os condenados da terra.** FANON, Frantz. Ed. Civilização Brasileira, 1968.

SANTOS, Aldalena do Socorro da Costa dos; CLAUDINO, Livio Sergio Dias. Agricultura e segurança alimentar em comunidades quilombolas na Amazônia brasileira: O caso da produção de farinha de mandioca em Abaetetuba, Pará, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação.** v.7, n. 16, 2020.

SAVOLDI, Andréia; CUNHA, Luiz Alexandre. **Uma abordagem sobre a agricultura familiar, prona e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970.** Revista Geografar, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 25-45, jan./jun. 2010.

SILVA, Cirlene do Socorro Silva da. **Casas de farinha: espaço de (con)vivência, saberes e práticas educativas.** 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

SILVA, Evandro Ladislau: **Perspectivas de desenvolvimento municipal em Igarapé-Açu, Pará, Brasil.** 2010. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) – Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

SILVA, Ícaro Ribeiro Cazumba da. O saber-fazer farinha de mandioca: a tradição no processo produtivo, em Nazaré-ba. **Cadernos de Prospecção,** Salvador, v. 8, n. 2, p. 365-374, abr./jun. 2015.

SILVA, Elson Gomes da. **Os Tenetehara e seus rituais: um estudo etnográfico na terra indígena Pindaré.** São Luís, 2018, 103f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia. 2018.

SILVEIRA, Eder da Silva. História Oral e Memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **Métis: História & Cultura.** v. 6, n. 2, p. 35-44. 2007.

SHARPE, Jim. **A História vista de Baixo.** In: BURKE. Peter (Org). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. Da UNESP, p. 39-62. 1992.

TELES, Maria Amélia. **Um breve histórico do feminismo no Brasil**. São Paulo, ed. Brasiliense, 1999.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **O fazer histórico e a invisibilidade da mulher**. OPSIS, v. 7, n. 9, 2007.

TOURAINÉ, Alain. **Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?**. 1º ed. Editora: Instituto Piaget. 1997.

SILVA, Gercina Ferreira. **Instituto Santo Antônio do Prata (1898-1921): Missionários Capuchinhos e a Educação de Meninas índias no Município de Igarapé-Açu/PA**. 2019. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém. 2019.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

VELTHEMI Lucia Hussak van, KATZ Esther. A ‘farinha especial’: fabricação e percepção de um produto da agricultura familiar no vale do rio Juruá, Acre. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 7, n. 2, p. 435-456, maio- ago. 2012.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. **Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas - MS, v. 2, n. 2, p. 21-42. ano 2. 2005.

VIAL, Luiz Antônio Machado; SETTE, Tânia Cristina Campanhol; SELLITTO Miguel Afonso. **Cadeias Produtivas - Foco na Cadeia Produtiva de Produtos Agrícolas**. III Encontro de Sustentabilidade em Projeto do Vale do Itajaí Dias, 2009.

XAVIER, Antônio Roberto; LIMA, Liliane Araújo; ANDRADE, Francisco Ari de. Saberes tradicionais do cultivo da mandioca (*Manihot esculenta*) e a produção de farinha: estudo em Beberibe, Ceará. **Revista Cocar**. v. 14, n. 28, p. 781- 801. 2020.

## APÊNDICES - Entrevistas

### Entrevistada 1: Dona Francisca

#### 1- Dona Francisca Gostaria que me falasse sobre a sua história aqui na vila de São Jorge e seu trabalho como raspadeira de mandioca.

Eu comecei criança quando vivia com a mamãe a gente raspava Mandioca, pouca mesmo, que a gente fazia só para boia mesmo. Porque nós tinha um Retiro pequeno, fazia farinha só pra bóia. É porque nesse tempo não é que nem agora. Que agora faz muita farinha, para vender e lá não, fazia só para bóia, como era pouca, era nós mesmo que raspava, nós era 6 filhos, duas mulheres e 4 homens, nós tudinho raspava mandioca.

Comecei, mais ou menos uns 10 anos, tanto é que eu sinto falta quando não dá pra ir trabalhar. É desde o tempo da vovó, ela morava perto da casa da mamãe.

A mamãe ela criou a gente, graça a Deus, sempre ensinava um pouco do que ela fazia. Trabalhando na roça, ela mesmo, plantava, brocava, queimava, encoivarava e nós ia tudinho.

Ai, passei muitos anos raspando até aparecer essas descascadeira aí a gente não raspa mais, agora é só cortando a cabeça e jogando na descascadeira.

Aqui só tem dois retiros que a gente raspa, quando tem eu vou, eu gosto de raspar mandioca. A minha vida toda foi essa, raspando mandioca na semana toda. Agora tem vários retiros, a gente chama de retiro, mas é a casa de farinha, tem vários aqui, só que agora parou mais que a dificuldade, essa pandemia parou mais um pouco né de colocar em mandioca no Retiro.

Criei meus filhos na raspagem mandioca, levava meus filhos pro retiro, todos três. Só um filho, o Charlan que trabalhou no retiro, passou muito tempo trabalhando, mas ai ele saiu. Agora, graças a Deus tá empregado. Tá com dois meses empregado, mas foi quase que nem eu, desde criança trabalhando no retiro, por que ele começou com uns dez anos, quando começou trabalhando no retiro.

#### 2- Me fale como é a sua rotina de trabalho.

Quando é raspando mandioca, que a gente faz por caixa, agente levanta 4 horas da manhã, depende do tanto de mandioca, vai pro retiro vem de manhã toma o café volta e fica o dia todo raspando mandioca, é muito mesmo. Uns 3 anos eu acho que apareceu essas coisas, essas descascadeira, aí a gente vai para cortar a cabeça da mandioca, a gente já vai de manhã, né 6 horas a gente sai aí vai almoçar, volta de novo.

#### 3- Me fale sobre seu ambiente de trabalho.

Para mim eu acho muito bom, eu me sinto bem à vontade, a gente é tratada bem onde eu trabalho graças a Deus, eu sempre fui tratada bem mesmo, tanto o patrão com uma patroa, me tratam muito bem e quando eu vou para os outros pra raspar, que as vezes aqui e acoila eu vou, é do mesmo jeito, a gente é tratada muito bem não tem esse negócio de humilhação não, da pessoa tá humilhando. Graças a Deus a gente é muito bem tratada né, graças a Deus.

Eu gosto muito, muito mesmo, desse meu trabalho, as vezes eu não vou porque não posso, porque tô com a minha neta, não posso levar. Eu sinto muita falta, quando não vou.

#### Eu: Sente falta de que?

De tudo, porque em casa eu fico só eu e ela, minha neta, e no Retiro, lá na casa de farinha a gente conversa com um, conversa com outro, a nossa amizade é muito boa no retiro. Ai a gente sente falta a gente em casa sente isolada só. Acostumada desde criança, raspando mandioca.

#### 4- Você acha importante o seu trabalho?

Para mim eu acho muito bom, pra mim, eu me sinto muito bem raspando mandioca, eu sinto muita falta quando eu não vou, porque eu me sinto muito bem eu me sinto à vontade. É um trabalho que eu faço porque eu gosto, gosto muito mesmo. Eu gosto de raspar mandioca. Tu acredita?

**Eu: Como você observa olhar das pessoas com relação ao seu trabalho?**

Antes quando era para raspar, que era muita gente, muita mesma, aqui e acolá uma tinha que jogar um piadinha, mais depois que foi para cortar a cabeça, que aí ficou poucas, ficou só eu e umas quatro que ficou, aí já foi diferente porque sempre tem uma que quer ser mais que as outras, quando é muita gente, porque era muita gente mesmo. As vezes tinha de vinte raspadeira no Retiro era, de vinte raspadeira, agora não só é 4 e 5 cortando cabeça né, aí já é outra coisa, não tem diferença entre eu e elas de jeito nenhum é tudo igual nós lá no retiro.

**Eu: Qual era essa diferença que você fala?**

Sempre tem uma para querer ser mais, para tá jogando as piadinhas. Só que eu nunca me importei não, quem quisesse jogar piadinha que jogasse, eu preciso, eu preciso. A gente vai porque precisa e eu gosto eu gosto muito, muito mesmo, de raspar mandioca. Só que eu sou uma pessoa que eu não gosto de jogar piadinha para ninguém a gente ouve a calada, calada mesmo. Mas graças a Deus, criei meus filhos raspando mandioca graças a Deus, hoje todos já é dono da sua vida, né? Graças a Deus.

Eu agradeço a Deus porque ainda tinha mandioca para gente raspar, para comprar o pouco que a gente ganhava para comprar as coisas para sustentar os filhos. por que a vida da gente não é uma vida tranquila, boa assim.

**Eu: Você criou seus filhos sozinha?**

Antes vivia com pai deles, aí não deu certo, agente se separou, o mais novo tinha uns dois anos, quando a gente se separou. Graças a Deus minha sogra era muito boa para mim, meus cunhados tudinho, eu agradeço muito a Deus, porque eram bom demais. O João, me ajudou muito, o Lázaro, o Nascimento graças a Deus, só tenho a agradecer.

Agradeço muito a Deus, né? graças a Deus pelo o que eu fiz, que eu não vou dizer assim que eu pude dar o melhor para os meus filhos, mas graças a Deus deu certo, né? Graças a Deus.

**5- Que mudanças poderiam ser feitas na comunidade para você se sentir melhor enquanto raspadeira?**

Eu não sei nem explicar, assim, porque sei lá eu me sinto tão bem, tão bem que para mim não tem diferença. Diferença de jeito nenhum.

**Eu: Você gosta de seu ambiente de trabalho?**

Gosto, uma por que os patrão é muito bom, não tem dessa de tá jogando piadinha de tratar gente mal de jeito nenhum. Eu, e as outras, Sempre fomos bem recebida a gente chega, ele conversa, brinca com a gente, quando ele não vai buscar a mandioca, fica lá conversando com a gente, nunca chegou pra tá humilhando por que tem gente que gosta de humilhar. A gente se sente bem à vontade.

**Eu: Quantas horas de trabalho vocês passam no retiro?**

Quando era só raspando a mandioca, os menino era pequeno, cheguei até ir pro retiro 2:00 da madrugada ai eu vinha 6:00 tomava café, ajeitava os meninos levava, aí vinha 11 horas almoçava, voltava e só vinha às 4 horas; Por que logo a gente separou, eu e o pai dos meninos. Aí eu ia pro retiro raspar mandioca. A minha sogra era viva ela ia as vezes 2 horas eu e ela, né? agradeço muito a Deus porque ela ia me ajudar, né? E aí no final da semana ela pegava o dinheiro e me dava para comprar as coisas dos meninos.

Depois o meninos cresceram mudei. Agora com a máquina, que a gente trabalha só cortando a cabeça a gente já vai 6:00h, vem 11:00 almoça e volta, quando vê que dá pra acabar a gente vai até as 17:00h.

**Eu: Como é a convivência no retiro?**

Todo mundo se conversa, não tem esse negócio de inimizade, não. quando tem em outro retiro para raspar eu vou, a convivência é boa é todo tempo brincando, todo tempo conversando, rindo. É isso que sinto falta quando não vou. A gente brinca, conversa ri.

**Eu: Por que só as mulheres raspam mandioca?**

Mana porque os homens não gostam de raspar não, pode vê não tem nenhum homem no retiro. A não ser o marido da menina ali, que vai ajudar, só ele.

**Entrevistada 2: Maria de Nazaré da Silva Quadros****1- Gostaria que me falasse sobre seu trabalho como raspadeira de mandioca vila de São Jorge.**

Eu trabalhei desde nova, eu ia com meus pais, quando era criança ia com meus pais. Aí a gente ia acompanhando, porque eles ia trabalhar a gente para não ficar só em casa a gente ia, né? Nesse tempo tinha cavalo, a gente ia, tinha aquele casuar, colocava um de cada lado e um no meio do cavalo e a gente ia, mas só para ficar, lá.

Depois que meus pais faleceram, aí eu fui crescendo né? aí continuei raspando mandioca, plantava maniva, meu esposo na hora do intervalo dele de trabalho, ia também eu ia ajudar ele, né? Aí quando eu comecei a ter meus filhos aí eu já não ia, né? eu ficava em casa cuidando deles.

Quando eles foram ficando maior, aí eu continuei raspando mandioca, plantar maniva, cortar arroz, quebrar milho, aí já depois de grande, os meus filhos já iam me ajudar, enquanto ele tava lá no serviço né? Tinha o maior que ia me ajudar quando não tava lá na roça, tava raspando mandioca, fazendo a farinha para o consumo, dois saco, três sacos, as vez a gente tirava um saco pra vender. Nessa época só ele que era empregado, eu não era e meus filhos também não tinha emprego. Então eu continuava a raspar mandioca. Ali a gente tirava goma, tucupi, tirava o tucupi aí daquele de tucupi que tirava a goma, para fazer tapioca, a gente não tinha dinheiro para comprar pão. Agora eu parei mais que to aposentada, mas ainda vou raspar mandioca, fazer pra fazer farinha do consumo.

**Eu: Desde quando você trabalha na Raspagem da mandioca?**

Comecei de criança raspando mandioca e até hoje ainda. Eu gosto do meu trabalho, eu amo meu trabalho. Tem gente que fica com vergonha e se esconde porque não quer que a pessoa veja. Eu não, to fazendo certo, to trabalhando, né? Não to fazendo coisa errada. Aí eu gosto desse trabalho. As veze fico assim porque tem coisa que pergunta a gente não sabe responder, né? Mais a gente vai aprendendo, né? conversando com as pessoas e assim por diante.

**2- Qual a tua rotina de trabalho na Raspagem da mandioca?**

As vezes vou sete hora da manhã, aí quando é nove hora venho para casa fazer merenda, fazer almoço aí depois almoça, depois do almoço aí que eu vou de novo, eu não posso ficar só lá direto, sou aposentada, ai não pode.

**Eu: Quando não era aposentada que horário você ia para o retiro?**

Mana era direto, era onde arrumava um dinheirinho pra comprar comida, meu marido só recebia por mês, ai pra não ficar muito comprando fiado eu ia raspar mandioca aquele dinheirinho, dava pra comprar alimento. As vezes eu ia 5 horas da manhã.

### **3- Como você descreve o seu ambiente de trabalho?**

Assim, acho muito interessante, a gente trabalhando ali, né? aquela rotina legal, né? Acho muito legal, a gente ta reunido ali, né? Família ali trabalhando. Interessante, porque eu gosto, eu gosto do meu trabalho é onde eu nasci, me criei, naquele trabalho, eu amo meu trabalho. Aí eu trabalhava, também para ajudar meus filhos, né? Eles saía para estudar, eles tinha que comprar alimento, o material escolar para eles estudarem, né? Tenho seis filhos só um trabalha na roça, o Pedro. Os outros não.

#### **Eu: O que gostaria que melhorasse no ambiente de trabalho?**

Gostaria que melhorasse, só que agora que as coisas tão com muita dificuldade, né? Difícil né? Mas agente na continuação quem sabe a gente num melhora mais né? Assim porque as condições financeiras que são pouca né? para ser mais, mas como é só família, aí fica meio assim né?.

### **4- Qual é a importância do trabalho de raspadeira de mandioca?**

A importância é porque é o nosso trabalho, trabalho do Agricultor, né? Ai é muito importante esse trabalho, porque se não fosse trabalho, fica muito difícil para pessoa viver. Por isso eu acho importante né? porque muitos que não trabalha naquela área porque não é pra aquela área, já é pra outra, mas os que trabalham naquela área, nasceram para aquela área, tem que trabalhar, eu acho importante, porque tem que ter. Porque se não tiver agricultura. acho que sem agricultura nós não somos nada.

### **5 - Que mudanças poderiam ser feitas na comunidade para você se sentir melhor enquanto raspadeira de mandioca?**

O que eu queria assim melhorasse a comunidade porque a comunidade aqui é muito fraca, se tivesse comunidade de muitas pessoas da comunidade, seria melhor, né? as coisas se melhorava, né? só que tem muita dificuldade. É muito povoado, mas são muito desligados, né? então é aí que é problema né? As vezes agente quer, mas as pessoas se afasta não quer fazer. Aqui nossa comunidade era pra ser bem arrumada, porque tem muita povoação, mas o ser humano já sabe, é muito difícil de lidar com ser humano, né?

### **6 - Você acha que o seu trabalho é respeitado na comunidade?**

É com certeza, respeitado...a minha vida assim eu acho Graças a Deus né? que eu continuo trabalhando naquela luta sacrificada, né? Mas agradeço a Deus porque recebi muitas bênçãos, através dessa minha luta minha correria, foi que alcancei minha aposentadoria que eu não tinha. mas graças a Deus. Eu pedi para Deus e Deus me abençoou grandemente aí hoje ainda faço esse trabalho por que eu gosto. Eu amo meu trabalho de raspagem de mandioca.

## **Entrevistada 3: Maria Antonia dos Santos Torres**

### **1 - Antônia gostaria que você me falasse sobre a sua história aqui na vila de São Jorge e o seu trabalho como raspadeira de mandioca raspadeira de mandioca.**

Iniciei muito cedo. Meu pai sempre trabalhou na roça. Comecei com a mais ou menos 7 anos junto com ele, até o dia que eu arrumei família, aí quando eu arrumei família fui trabalha pros outros, aí continuei no mesmo ramo, raspando mandioca.

Aí olha, antes de primeiro, aqui era difícil, tem muito retiro, mas também dava muita mulher pra gente tentar fazer alguma coisa, nos tinha que sair de madrugada de casa, cansei de sair 2:30 da manhã para quando dá 6 da manhã ter raspado alguma coisa, se a gente chegasse 6 horas da manhã já não tinha mais nada.



Aí com esse meu patrão que eu tô trabalhando. Tô trabalhando só para ele mesmo, acho que tô com oito a 9 anos, to fixa só com ele. Agora já ficou mais moderno que apareceu as máquinas pra raspa e nosso serviço ficou mais maneira um pouco, que nós corta cabeça que é a parte do pau que é tirado e a máquina que faz o processo de raspar, aí nós agora só mais alguém a cabeça agora que a parte do pau fazer a massa para chegar na farinha né.

Fui aprendendo a raspagem com a minha mãe, hoje a gente vive disso mermo, né? porque aqui no interior assim o nosso ramo é esse, não tem mais nada pra gente não, e pra quem não tem estudos pior ainda. Então, mais como diz as coisas, ninguém culpa os pais da gente não, foi eu, fui sem vergonha foi eu que não me interesse pros meus estudos. O sonho dele era ver a filha dele formada, mas eu não me interessei não, aí aonde eu fiquei na mandioca.

**Eu: Seus filhos lhe ajudam na raspagem da mandioca?**

Não. As minhas filhas quando pequena eu levava, pra me ajudar, pouco, mas eu não gostava muito, isso é uma área que a gente trabalha porque a gente necessita, mas ela também tá atrás muitas coisas de saúde, o que eu sinto agora, meus problema de saúde sei que é dessa minha vida. Aí eu botei eles mais para estudar, mais velha não quis saber de estudo, a do meio faz faculdade graças a Deus, o outro tá de 15 anos, ta terminando o ensino médio.

**2 - Como é que tu descreves a tua rotina de trabalho?**

Começo as 5 horas da manhã para trabalhar, é muito difícil não ir esse horário, as vezes a patroa manda ir mais tarde. Mas o horário mesmo que é que eu gosto é 5:0h é mais silencio, não tem zoada demais né eu gosto desse horário 5 horas já tá já tá ainda né quando tu saiu por exemplo de teste que antes eu trabalhava em outros retiros.

Eu: Agora tu trabalhas só para uma pessoa, tem um patrão. Melhorou o teu ganho ou é o mesmo de antes?

Eu poderia até ganhar mais, mas devido já a minha idade, eu já tenho problema de saúde, eu já não sou mais aquela raspadeira de antes, antes eu era a rapadeira, eu não era de ta com moleza, essas coisas não, eu fazia o meu serviço mermo, eu fazia muito, fazia bem que dava, mas agora pelos meus problemas devagarzinho mermo.

**Eu: Quais são os problemas de saúde?**

Começou pelo reumatismo no sangue, agora virou Artrose, Artrite problema de osso e nervo. Quando eu tô ruim às vezes eu tento ir trabalhar, mas as vezes eu desisto, quando to com muita dor. Mas eu tenho que trabalhar pra viver, comprar meus remédios.

**Eu: Teu marido trabalha em que?**

La pro rumo de castanhal na etc.

**3 - Como é que você descreve seu ambiente de trabalho?**

Pra mim ele é normal, por que em qualquer outra casa de farinha que a gente chegar, melhor do que ele não é, então ele tá normal. Vai sempre coisa de saúde lá verifica, nunca coisaram é porque ta tudo certo.

Mas só que casa de farinha, não tem como ser diferente, por que onde é que fica é a quentura, muito quente, mas não tem como não ser quente, por que é maquina por cima de máquina, por que a gente trabalha, coisa de muita gente, o que sufoca é a quentura, por isso que eu gosto de ir de madrugada, não tem como ser diferente.

#### 4 - Qual a importância do trabalho da raspadeira de mandioca pra ti?

Eu para mim esse trabalho é como qualquer um outro trabalho. Porque para mim é um trabalho digno, tudo que a gente faz com esforço com suor da gente é digno. Então quem faz se for com dignidade pra mim tá ótimo demais, para mim ele é importante porque a área que eu trabalho eu sei dá valor no meu trabalho que é de lá que eu ganho, eu sempre ganhei de lá, eu tive esses três filhos, eu criei esses meninos na raspagem da mandioca, não tem outra coisa para me dizer assim, eu fiz tal coisa pra ganhar dinheiro para sustentar meus filhos, não. Perdi meus pais cedo e me virei sozinha com eles. Então o que eu posso dizer, eu posso falar mal de um serviço desse? Não. É o que eu sei fazer, eu aprendi a fazer, o que eu sei fazer. Bom ou ruim, mas pra mim, tá bom.

#### **Eu: Tu achas que vocês são respeitados pelo trabalho de raspadeira de mandioca?**

Não, não são. Porque se a gente tá a gente sair para um canto e a gente disser que é uma raspadeira de mandioca, já olho para cara do outro atrás de rir né? acham quer uma vergonha, eu não acho que é uma vergonha e digo que trabalho com orgulho, porquê a pessoa que trabalha naquele ramo, pode ser em que for, a pessoa gostar daquilo que faz pra mim tá bom demais, abasta a pessoa pelo menos tê amor por aquilo que faz. Se você é empregada tem uma área e vai trabalhar aquilo só pelo dinheiro, aquilo não é bom, nem vai fazer direito. Tem colega minha que diz assim mesmo “Ah eu queria sair disso, porque eu venho para cá porque eu tenho precisão” já sou diferente se eu ganhasse um salário eu não deixava de raspar minha mandioca, só se fosse no momento mesmo que eu não pudesse mais ir, de jeito nenhum.

Porque tá sentada ali, todo mundo pensa que é um serviço maneiro, mas não é, é cansativo, deixa a gente muito enfadado, você chega em casa, você tomar um banho, você quer dormir, você com o corpo todo dolorido, entendeu? é na sombra, é sentada, mas é um serviço cansativo. E por que tudo que a gente vai fazer na área de trabalho é com sacrifício mesmo.

#### 5 - Que mudanças poderiam ser feita para mudar essa visão desrespeitosa com relação as raspadeiras de mandioca?

Eu acho que deveria ser a gente se vista com respeito. A comunidade respeitasse o serviço de cada um. E assim sobre o prédio, a casa de farinha para mim era para ser mais estruturado mesmo, era para ser uma coisa de bem espaço, que a raspadeira tivesse de chegar e sentar no seu canto pra fazer seu serviço, e se sentir a vontade ali, não uma coisa empessada, ou quando começar a chover molhar a gente, era pra ser uma assim bem era pra ser um prédio mais digno. Da pessoa de fora olhar e achar bonito.

Mas o pessoal passa aí ver aquela casa só formada coberta. Aí ó como as vez passa a gente lá na estrada no carro, as vez até de fora, só falta quebrar o pescoço olhando para nós.

#### **Eu: Se você tivesse oportunidade, mudaria de profissão?**

Rapaz, se tivesse oportunidade, ele é um Serviço cansativo deixa a pessoa que trabalha desde de novo nessa área, ele não vem dizer que é uma pessoa sadia porque não é ele vem trazendo problema, devido a idade ele começa a sentir certas coisas.

Se tivesse uma área que fosse um serviço menos cansativo, até mesmo ganhasse o salário, por que isso aí, como esse negócio de raspagem de mandioca, isso é bico. Raspadeira de mandioca trabalha por produção, então o que nós tiver de fazer naquele dia é o nosso ganho, nós pode fazer r\$ 2,00 nós pode fazer r\$ 10, nós pode fazer \$20,00 e pode fazer \$30,00 difícil fazer \$40,00, \$50,00 num dia, isso aí é muito difícil. Então quando eu chegar na semana o dinheiro da gente, para quem corta para quem Raspa, é \$100,00 reais ou então \$120,00 o maior dinheiro que tiver é de 140 na semana toda, não é só nos dias não. então o nosso serviço é bico, e como se diz nós somo autônomo, uma coisa que nós vai ali ganhar gorjeta nós não ganha um salário.

Agora no dia que a gente adoecer, que não puder ir, nós não tem um centavo, entendeu? nós so tem um real, dois real, três real, se tiver com saúde e for lá, mas se nos tiver doente e acontecer alguma coisa, nós não ganha nenhum centavo, se for pra passar fome, a gente passa fome.

**Eu: Quanto custa uma caixa de mandioca?**

Uma caixa que se chama basqueta, nos chama de caixa, pra cortar cabeça uma caixa é 0,60 centavos e pra raspar é 2,50. Mas no momento que você fizer 2,50 numa caixa, se tiver mandioca, você faz \$3,00, \$4,00, ou \$5,00 reais cortando, num intervalo que você faz raspando. A máquina, ela é mais ligeira, entendeu, mas por outro lado é ruim, porque podemos perder nosso serviço.

A tecnologia numa parte, pra nós foi bom, pra outros não, porque pra nós o nosso patrão ele jamais tirou nós do retiro quando colocou essa máquina, porque se eles quiserem, eles coloca na máquina com cabeça e tudo ou então os homens podem cortar cabeça e tudo, não precisa da mulher. Tem retiro por aí que não tem mulher trabalhando, tem uns que só é duas cortadeiras.

**Entrevistada 4: Alaíde Xavier de Lima.**

**D. Alaíde Eu gostaria que você me falasse sobre sua história na Vila de São Jorge e seu trabalho como raspadeira de mandioca.**

Eu comecei na idade de 7 anos com meu pai e minha mãe, ali ele botava a mandioca eu cansei de ir também com ele buscar no roçado a gente carregava e chegava aí ia raspar, depois de raspado ele lavava ia fazer o processo dela né que é ralar, aí depois enxugar, botar numa prensa que enxugar é na prensa de pau, antes era tipiti, agora é prensa, agora é prensa elétrica que agora modificou, né?, ai ele depois disso aí, ia pra peneira nos envia peneirar para poder botar no forno para ele torrar, aí eu fiz isso com ele até 27 anos. Quando eu comecei com ele tinha 7 anos, aí eu trabalhei junto com meu pai dos 7 anos até os 27, que com 28 eu me ajuntei comecei trabalhar pros outros, eu vou até hoje.

**Eu: Você tem quantos filhos?**

Só duas, duas filhas. A Meury trabalha comigo e a outra quando dá, aí ela vai, quando não ela fica com o nenenzinho.

**1 - Qual a tua rotina de trabalho?**

Eu vou para o Retiro, eu não tenho hora marcada 4 horas da madrugada que eu vou, é dez pras quatro, aí quando dá 6:0 hora da manhã vem aqui, quando não leva o direto até acabar aí.

Eu: Quantos dias na semana você trabalha?

Tem semana que começa terça, tem semana que é na quarta, essa semana mesmo a vai começar amanhã aí a gente vai até o sábado. Ai eu vou de calça comprida, aí a gente usa faca ou raspador.

**2 - Como é que tu descreves teu ambiente de trabalho?**

É eu acho bom, né? porque eu tenho que valorizar lá, né? que é de lá que eu sobrevivo com minha família. Eu acho bom, eu gosto, até porque é do que eu vivo, eu tenho que gostar, né?

**3 - Tu achas importante esse trabalho que vocês fazem?**

Acho, acho porque ele é da cultura, da lavração, da agricultura, aí ele é muito bom para nós, que sobrevive dele, tanto para mim, como para todos que tão lá, os donos.

Eu não tenho estudo, eu só tenho até a quarta séria completa. Falta de interesse. Eu não tenho cabeça para estudo não, era ruim de memória. Por isso tenho que trabalha na raspagem.

Eu: Teu marido trabalha nessa área?

Também trabalha, só que agora ele tá na pimenta. Aí ele já trabalha quando é no tempo da panha da pimenta ele vai, quando não ele lá vai arrancar a mandioca, capinar, é na diária assim, mas da roça sabe.

**Eu: Você vê o reconhecimento da comunidade com trabalho que vocês fazem, as pessoas respeitam vocês?**

Respeita.

**Eu: E como é que se dá a questão os valores que vocês ganham?**

Depende o que a gente fizer, porque lá é por produção, aí então o preço da caixa pra raspar, tá \$2,50 (dois e cinquenta), aí agora a gente não tá usando mais a raspagem, agora é só corta a cabeça da mandioca, aí a caixa para cortar ela tá \$0,60 (sessenta centavos) a unidade. É por produção, então se eu cortar vamos supor 40 caixa por dia que a gente é o máximo que dá para gente cortar é 50, 60 caixas, por que não é só eu, né?

É por semana, tem semana, que sempre falo pra pessoa, é um trabalho que nós não sabe chegar assim e dizer, toda semana e tanto pra mim, não. Como acabei de falar, semana passada a minha comecei de quarta fui até quinta só, que sexta-feira eu saí, sábado não tem, aí apurei \$ 50,00 (cinquenta reais).

**5. Que mudanças poderiam ser feitas na comunidade para você se sentir melhor como raspadeira de mandioca, poderia melhorar ou está bom do jeito que está?**

Eu acho que poderia. É poderia, por que como eu acabei de explicar, as vez a gente vai trabalhar, que nem, eu não vou por ninguém, tudo eu vou por mim. Ai eu vou trabalhar né?, se eu pegar um problema, eu não tô com dinheiro para eu comprar remédio, ai se eu vou ali no posto, as vez não tem a medicação, que eu tô precisando, né?. Que nem dia que eu fui, o médico me passou uma medicação para mim- **que esse braço também, essa junta aqui, ela inchou muito. Eu não posso carregar peso nesse braço-** aí eu fui no posto aí o médico passou a medicação, aí disse: tem aqui na farmácia, quando sai, fui lá, não tinha nenhum. Ai a comadre Cíntia me chamou e o Seu Jorge Moura, aí eu fui lá. Ela disse: Comadre vem do posto? Que ela é madrinha da minha menina mais nova, de crisma, ai eu disse: é. Foi mostrar exame? Ai disse: foi. O que o doutor falou? Me passou uma medicação, ai eu fui lá mas não tem, ta aqui a receita. Ela disse: me deixa eu ver aí. Eu fui dei. Ela foi e disse: vou levar, eu vou ficar com ela, amanhã eu lhe entrego, aceita? Eu aceito. Aí ela foi e aí comprou minha medicação, eu tomei já.

Eu acho assim, que aqui, não é todo mundo que é empregado, então tem muita gente aqui que depende da área da saúde, mais fácil pra gente, porque nós toda, nós raspadeira, nós de mais idade nos precisa da medicação melhor um pouco pra nós, que nós não tenha condição de comprar, mas nós vamos no posto não tem e nós vai ter a receita, bota aqui no canto, aí o dinheiro que nos apura, e que nem te falei, tem semana que eu apuro \$60,00; \$70,00; \$80,00 até \$100,0 mas aí para mim apurar \$100,0 o meu marido que vai me ajudar de madrugada, sabe? mas aí quando ele vai me ajudar, ele já tá parado sem o serviço, ai aquele dinheiro que eu apuro, que eu ganho ja vou comprar alguma coisa para cá, ai minha medicação lá, vai ficando de lado. Aonde no posto poderia ter né? que nem o paracetamol, ela é uma medicação que todos os postos não era para faltar, mas falta para nós. Então é assim eu acharia que deveria ser melhor.

**Eu: Esses problemas de saúde, você acha que está relacionado com o trabalho?**

É, porque quando eu não vou, eu melhora bem.

Quando eu sento no banquinho, mas só que o meu é mais baixo do que isso porque se for mais alto dói os meus quartos. Ele é bem baixinho, eu me sento, eu já encolho as pernas, as vezes fica assim sabe naquele melado, que agora eu tô usando ate ansinho para juntar o bagaço do chão, não estou juntando mais nem com a mão agora é com ansinho

**Eu: Então o ambiente de trabalho deveria ser mais bem estruturado para vocês?**

O chão devia ser acimentado, mas não é, não é, o chão dele é no barro, aí além dele ser o barro mesmo, ele tem aquele beijo assim, que não é pra entra água para dentro, aí a gente fica sentada ali de mau jeito, dói a costa.

Aí lá eu acho assim, que lá era para ter um zelo pela a gente, porque nós estamos dando bastante renda para os donos, então eu acho assim que a nossa localidade de trabalho era pra ser mais organizado um pouco. Né? Porque é de lá que nós estamos ganhando e eles estão subindo sobre o nosso trabalho. Lá tem uma de descascadeira, mas pra mandioca ir para lá, ela passa primeiro por nós, para poder ir pra lá para ela dar o ponto. Ele já espromentou tirar a gente pra ficar só na descascadeira mas não deu certo, aí voltou nós o trabalho.

Ai outro dia veio uma fiscalização no Retiro, essa fiscalização que veio, botou foi quente, ele não tava lá. Eles chegaram até dizer que nós tava escondendo o dono trabalho. A gente disse que não. Aí ficaram esperando ele, até que ele chegou, ai eles exigiram carteira assinada pra nós com a proteção da máquina, por causa do motor que ela tem e fica bem aonde a gente passava para jogar a casca. Sei que foi em cima foi em baixo e ele arrumou eu acho que um advogado. Sei que não vingou, mas aí ela pediu para gente não aceitar assinar a carteira, claro que agente não ia aceitar né por que idade que a gente tá aqui, não é só eu que tô na idade, tem eu tem a Antônia.

A Antônia ela hoje ela vive a custa da medicação. Ela vai para o retiro porquê, que nem diz, ela não tem outro meio e ela tem os filhos dela. Mas é com problema no joelho, água no joelho tem reumatismo, tem artrose. Ela tem mioma ela menstrua é um exagero fica sem sair para nenhum canto, da aquela hemorragia nela, mas assim mesmo ela vai. Vai fazer uns 15 dias que ela caiu dentro do trabalho. Porque eu acho assim, quando você valoriza a pessoa que trabalha com você, você sabendo o problema que eu tenho, tem um serviço que você acha que eu não devo fazer, você que é a dona, tem que dizer assim: “olha fulano, a hora que ciclano for jogar as cabeças dela você vai, porque ela não pode, por causa da perna dela, a hora que puxar a caixa de mandioca que foi derramada do caminhão dentro, você puxe”. Mais não, no que ela foi puxar Simone as azeias da basqueta quebrou do jeito que a mãe dela veio com a força deu aqui no peito dela, ela caiu sentada e eu que fui ajudar ela levantar, la dá ruma de mandioca eu e a Tica, aí sentamos ela. Ai quando Rosa chegou aí disseram para ela, ai ela disse mermo assim para ela: “Tonha mas tu é teimosa, não tem os meninos”. ai eu disse: sim Rosa, teimosa não, ela faz por que não tem quem faça, se tem o menino, ela ta canso de vim jogar a casca e caindo por cima dá ruma de mandioca eu é que já deixo o meu e já vou ajudar ela, se tem um menino para fazer mas não faz, ai ta só pedindo ela não vai. Porque ela, a dona do trabalho não quer que ela saia. A Antônia é uma das que dá mais produção para ela lá no Retiro. Então não era para ela ter aquela consciência ao menos com ela? Então eu acho assim Simone porque nós trabalha, nossa localidade, nós não tem o apoio que era para nós ter, nós não tem. Ela só quer saber assim, do que ela vai ganhar acima da gente, ta entendo como é? então para você ganhar e sair você tem que fazer uma coisa melhor, uma estrutura.

#### **Eu: Ao longo da tua vida tu trabalhou em que?**

Só no trabalho da roça eu ia para o roçado mas o papai, agora não vou mais, vou para o retiro. Aí quando é pelo mês de setembro vou apanhar pimenta mas esse ano não me achei com coragem de ir esse ano.

#### **Como é a relação de vocês lá na casa de farinha, vocês conversam?**

Eu acho assim a pessoa que depende do meu trabalho, eu acho assim entendi assim, eu não tô falando mal, tô dizendo o que acontece com a gente, era para quando essa pessoa chegar, falar um “bom dia mulherada”, uma palavra tua anima, né? e faz mais por onde eu gostar de você. aí ela chega sempre assim no trabalho tem a pessoa do dono. Eu a Antônia e essa minha menina ela não senta perto, não conversa, quando ela vem assim perto da gente queria saber alguma coisa, entendi? ela não tem conversa com a gente. aquela amizade com a gente. Não trata agente bem.

Ela inventou agora viagem para praia, só com nós, a gente vai com ela dentro do ônibus, a gente vai, mas não é aquela pessoa de dá atenção para nós. Ela passa por nós parece que não passou por ninguém, tá entendendo? Eu não gosto disso, por quê é a pior coisa e você tá no canto e se achando que você não tá bem vinda naquele localidade. Aí ela leva aquelas coisas que faz bonito sabe, mais boniteza dela é só para delas, não é para nós. Eu não me sinto nem bem.

**Eu: Você gosta do que faz?**

Gosto, eu aprendi com meu pai e minha mãe, o que eu aprendi com eles hoje eu tô vivendo disso, né? E eu ensinei pras minhas filhas, levava elas para o retiro com 8 mês de idade. Hoje a mais velha tá com 21, ela tem o bebê dela ela não pode levar por causa da lei que já tem. Aí se tiver alguém para ficar com ele ela vai, se não tiver ela não vai trabalhar. Quem fica com o nenezinho é a mais nova.

**Entrevistada 5: Maria Lindanir****1 - Eu gostaria que me falasse sobre seu trabalho como raspadeira de mandioca?**

Eu aprendi com a minha família sempre a gente trabalhou com isso, raspando mandioca, há muito tempo desde criança que eu participava ia pra retiro e tudo, rapava um pouquinho de mandioca, a minha infância foi essa e agora continuo.

Minha mãe trabalhava na raspagem da mandioca, aprendi com ela, com meus parentes tudinho, minhas irmãs tudinho.

Eu gosto muito do que faço, eu rapo porque eu gosto de raspar mandioca.

**2 - Qual a tua rotina de trabalho?**

Agora a gente só faz mais é cortar né cabeça? Agente vai de manhã e vai até meio dia. Quando a gente só raspava mandioca que não tinha maquina era o dia todin, começava das 6 horas até 4:00 até a hora que eu quiser, porque é por produção, a gente fica até...

**3 - Tu achas importante o trabalho de raspadeira de mandioca?**

Eu acho, muito importante, porque se a gente não for raspar como é que vão fazer farinha.

**4 - Como é que escreve o teu ambiente de trabalho?**

É bom onde eu trabalho, eu se dou com meus colegas tudinho, a estrutura ta bom, assim pra melhorar, não se se acimentasse o retiro lá, as vezes quando chove entra água.

**5 - Qual é a importância desse trabalho para ti como tu acha que as pessoas veem o trabalho?**

Olha tem gente que acha bonito nosso trabalho, tem gente que não, não sei o que eles acham. Não valoriza.

**Eu: Que mudanças poderiam ser feitas na comunidade para você se sentir melhor enquanto uma mulher que trabalha com a raspagem da mandioca?**

Nem sei, não entendo esse negócio, não estudei muito, estudei até a segunda série.

**Eu Você gostaria de trabalhar em outra coisa?**

Eu gosto de raspar mandioca, mas se tivesse outro serviço eu ia fazer, porque dói muito a minha costa, mas não tem, eu gosto de raspar mandioca. Por causa que a gente ganha pouco, tem semana que a gente não faz nem cem reais por semana, mas depende também.

**Eu: Tu acha que esse trabalho de vocês ele gera prejuízo para saúde?**

Com certeza, muita dor na minha costa, tem dia que to ruim da minha costa. do tanto de mandioca que tem, do tanto de raspadeira que tem, quando vai muita, ou pouca.

### **Entrevistada 6: Meury Marli Xavier Lima**

#### **1 - Eu gostaria que você falasse sobre o seu trabalho de raspadeira de mandioca.**

Comecei de nova, eu comecei com a minha mãe desde cedo, ela começava me levar eu era bebê, aí pronto, fui crescendo fui tendo conhecimento, aí em diante hoje eu sobrevivo da mandioca.

Quando meu pai colocava mandioca eu ia com ele pro retiro, era só eu e ele que nesse tempo era farinha de bóia, que hoje em dia a gente nem houve falar mais, aí a gente ia, eu ia com ele, aí daí pronto. Nesse tempo, eu tinha uns sete anos, até mais cedo ia pro Retiro. Eu ia com minha mãe, porque aqui minha família é toda da roça, né? Aí foi no tempo que eu comecei a morar com a minha avó, mas eu morava com minha avó, Mas eu continuava no meu trabalho, eu nunca deixei, até hoje na roça.

Eu gosto muito do meu trabalho, eu me sinto bem, é uma coisa assim, que, assim tem uma certa dificuldade, né? porque aí a pessoa tá sentado vem aquela dor, a gente sente, né? porque fica muito tempo sentado em um pedaço de pau, né? A gente sente, né? mas eu gosto do meu trabalho.

Lá é um espaço de descontração, porque a pessoa vai cortando ali, vai se distraindo, vai esquecendo das coisas, muitas vezes eu vou, às vezes eu tô estressada, aí vou para o Retiro, lá eu vou tirando minha raiva vai, vai passando.

Eu: Você pensa em mudar, pensa em fazer uma outra coisa?

Por enquanto não né, eu não sei, se apareceu uma coisa a mais para mim, aí eu vou ver, se for melhor do que aonde eu tô, aí sim talvez eu vou.

#### **2 - Como é tua rotina de trabalho?**

As vezes a gente sai 4:30 às 5 horas da manhã, quando a mandioca é pouco a gente chega em casa 9:00h, 10:00h. Quando é muito a gente chega meio dia, uma hora e tem vez que a gente só come e volta e vai chegar em casa de quatro horas em diante, até Seis horas.

A gente vai de madrugada, tipo 3 horas 4 horas para agilizar o trabalho é porque às vezes a gente termina por carrada uma carrada, aí a gente corta das 4:30 da manhã até umas 10 horas depende também da quantidade de mulher, né? Se for muita. Aí a gente termina 11 horas por aí. Aí lá a patroa já avisa se vem outra carrada. Se chegar outra carrada uma hora, a gente já continua e vai até acabar, até umas 4 horas também depende da Mandioca se for boa.

#### **3 - Como você descreve teu ambiente de trabalho.**

É um ambiente quer é assim um pouco pequeno, né? para quantidade de máquina, quantidade de mandioca, quantidade de pessoas, que nem lá é um lugar onde a gente corta é um lugar muito pequeno pra nós, porque lá tem as pessoas que enche as caixas, mas só que aí vai amontoado, entendeu? Cada ruma é maior que a outra, entendeu? aí vai acumulando a mandioca aí fica ruim para trabalhar.

Lá também é um lugar, que ele não é o chão planado, é um chão que ele é cheio de curva, cheio de buraco, aí tudo dificulta o trabalho da gente, né? Acho que deve ser por isso que a gente sente tanta dor na costa, na coluna, entendeu? Porque ele não é um chão planado, chão bom de sentar, não, ele é um chão sem apoio.

#### **4 - Qual é a importância do trabalho de raspadeira de mandioca pra você?**

Pra gente é um trabalho muito importante, pra gente que vive desse trabalho, a gente sabe valorizar, pessoas que só vê na sabe valorizar, entendeu? muitas pessoas ver não sabe valorizar o trabalho da mulher na mandioca, que nem tem muitas vezes muita gente que critica a mulher por causa da mandioca. Se a gente for para um canto tem muita pessoa lá aí ver, essa daí ela trabalha em retiro, né? Eu trabalho com mandioca, já vira logo a cara, entendeu? muitas vezes a mulher é discriminada por causa da Mandioca, do trabalho.

**5 - Que mudanças poderiam ser feitas na comunidade na própria estrutura do para te sentir melhor?**

Eu acho que o chão. O chão o local também, né? Porque para as pessoas, para as mulheres que são raspadeira de mandioca, o canto tem que ser bem bom, tem que ser um espaço grande, que dê, que seja planando, muda muito, né? É porque tem muita das vezes que eu mesmo eu tô canso de ir para o retiro, às vezes não dou conta, eu sinto dor na costa. O chão já atrapalha, o teu banco aí não dá certo, já fica torta, de um jeito fica t maltratando, já um chão planado a pessoa botou o banquinho ali vai dá para levar tudo, acho que a pessoa não sente nada, o ruim é isso entendeu é o canto que é pequeno.

Se a gente trabalhar a gente tem, se não trabalhar a gente não tem vai ter tipo isso a gente trabalhar a gente tem, se não trabalhar não tem. Que nem a gente, lá que a gente faz o que umas 50 caixas por dia, né? é porque lá às vezes começa de quarta a sábado ou tem vez que só é duas vezes na semana só três vezes, se tiver na semana a gente ganha se não tiver a gente não ganha nada.

Pelo uma parte se a gente trabalhar a gente tem se não trabalhar não tem. Já ele tá um pouco diferente, que tanto faz ele trabalhando ou não, eles tem do mesmo jeito.

**Eu: Você tem algum sonho, algum projeto de vida para além raspagem da Mandioca?**

Sim eu tenho né muitos planos, eu tenho muita vontade de sair, mas enfim ne? O lugar onde a gente vive é um lugar que só é sobre a farinha né que sobre a roça. Então eu fico por aqui mas enquanto não aparecer alguma oportunidade, meu lugar é aqui, depois que aparecer vai que que Deus me dê um trabalho, aí sim né, claro que eu vou. Porque que nem a minha mãe, ela já tá com 53 anos nessa luta, eu vejo a luta dela todo dia, aí a gente tem vontade de sair para poder tirar, né? porque uma mulher dessa idade, não é para mais pra ta no retiro, não e verdade? Mas enfim o que tem para nós aqui então a gente tem que tem que ir, porque senão passa fome.

É um trabalho muito importante para gente que vive desse trabalho. Já para outros que tem outros ganhos tudo não é tanto.

**Eu: Como as pessoas ver o trabalho de vocês? Tu sentes algum tipo de preconceito?**

Sinto e é ruim, tipo assim: a gente vai pra um canto, aí a pessoa vai perguntar de quem é que tu vive, o que tu faz? eu vou dizer: eu sou raspadeira de mandioca, ela tufa logo a cara, fica por ali já dar uma desculpa, já sai, entendeu? depois a finge que nem te conhece mais, já aconteceu comigo. Muitas das vezes, mas só que hoje em dia hoje em dia nem me importo mais.

**Eu: Você sente orgulho do que faz?**

Eu sinto, até porque, eu herdei da minha mãe né então hoje em dia eu sou feliz com o que eu tenho, com que eu faço.

**Eu: E hoje por exemplo diferente da tua mãe hoje, tu não pode levar teu filho, né?**

Não hoje em dia eu não posso levar meu filho, porque que nem a minha mãe diz não é mais que nem antigamente, que as mulheres ia duas horas da madrugada pro retiro, cada um levava seus meninos, hoje em dia já não pode, já tem o Conselho Tutelar, daí não pode é proibido.



## ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP.

UFPA - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARÁ



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** AS RASPADEIRAS DE MANDIOCA: A mulher na produção da farinha de mandioca na Vila de São Jorge, Igarapé-Açu, nordeste Paraense.

**Pesquisador:** SIMONE CONCEICAO DE MOURA RABELO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 41108620.0.0000.0018

**Instituição Proponente:**

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.477.038

**Apresentação do Projeto:**

O Trabalho aqui intitulado "AS RASPADEIRAS DE MANDIOCA: A importância da mulher na produção da farinha de mandioca na vila de São Jorge, Igarapé-Açu, nordeste Paraense" tem como objetivo geral compreender como as mulheres raspadeiras de mandioca antropizam o trabalho que realizam na Vila de São Jorge de Igarapé-Açu – Pará; Identificando questões demográficas (perfil) da mulher raspadeira de mandioca nesta comunidade; descrevendo as condições de trabalho, a forma como convivem e a rotina diária dessas mulheres; Verificando as implicações e interferências do trabalho da mulher raspadeira de mandioca em suas formas de antropização na Vila de São Jorge.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:** - Compreender como as mulheres raspadeiras de mandioca antropizam o trabalho que realizam na Vila de São Jorge de Igarapé-Açu – Pará.

**Objetivo Secundário:** - Identificar questões demográficas (perfil) da mulher raspadeira de mandioca nesta comunidade; - Descrever as condições de trabalho, a forma como convivem e a rotina diária dessas mulheres; - Verificar as implicações e interferências do trabalho da mulher raspadeira de mandioca em suas formas de antropização na Vila de São Jorge.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:** Os riscos com essa pesquisa são mínimos, sendo que pode ocorrer do sujeito da pesquisa

**Endereço:** Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamã ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.  
**Bairro:** Guamã **CEP:** 66.075-110  
**UF:** PA **Município:** BELEM  
**Telefone:** (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br